

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

COLABORAÇÃO, (CIBER)ATIVISMO E SUBJETIVIDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Fernanda Goulart Martins

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

COLABORAÇÃO, (CIBER)ATIVISMO E SUBJETIVIDADE

Fernanda Goulart Martins

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Ênfase em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a Adriane Roso

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

COLABORAÇÃO, (CIBER)ATIVISMO E SUBJETIVIDADE

elaborada por
Fernanda Goulart Martins

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

COMISSÃO EXAMINADORA

Adriane Roso, Dr^a (Presidente/Orientadora)

Hericka Zogbi Jorge Dias, Dr^a (UFSM/PPGP)

Rosane Rosa, Dr^a (UFSM/PPGC)

Cleci Maraschin, Dr^a (UFRGS/PPGP)

Santa Maria, 5 de abril de 2013.

Agradecimentos

A escrita pode ter o escopo de explicar, mas essa serviu mais para entender. O mestrado significa para mim a abertura de espaços de aprendizagem, dos quais essa dissertação é só uma parte. Aprendo em tantas relações: com os colegas do LEPPSO (Laboratório de Estudo e Pesquisa em Psicologia Social), com as leituras, com as palavras que escrevemos, mas também com as tantas que apagamos; tenho aprendido na relação com pessoas muito especiais que estiveram perto de mim nos últimos dois anos e sinto que tenho muito a agradecer.

Agradeço à minha orientadora, a Prof^a. Dra. Adriane Roso, em primeiro lugar por ter me acolhido, no sentido mais belo que essa palavra possa ter. Sem a sua abertura em me aceitar no seu grupo de pesquisa essa etapa final estaria sendo impossível. Também por tudo o que ensina, compartilhando conhecimento, sua visão de mundo, e colocando em prática um jeito de ouvir e dialogar com os saberes. Sempre com respeito, carinho e sabedoria.

À minha família, pelo apoio e por me ensinar o valor da busca por conhecimento e crescimento profissional. Ao meu pai, Eduardo, por tudo que me proporciona e me ensina sobre mim e sobre a vida; à minha mãe, Maria Clarice, por me ensinar que tudo é possível quando se tem ordem e determinação; à minha irmã, Leticia, por me ensinar que se pode mudar e renascer; à minha madrinha, Elony, por me ensinar a valorizar a cultura e a profissão; e à minha avó Elly, por me ensinar sobre a força que uma mulher pode ter/ser; à Ana Bertazzo, que tem sempre carinho e sorrisos para me receber.

À Laura, por compartilhar carinho, vida, por me apoiar e por me instigar a nutrir outros jeitos de olhar o que a gente vê. À Gabi Coral por me ensinar (tanto!) com sua sensibilidade, generosidade e força. À Carol Zanesco, pela amizade que construímos e que também nos constrói. Obrigada por compartilhar apoio, força, insights, dúvidas e... sim, também diversão.

Aos coletivos participantes da pesquisa, pela disponibilidade de dar vida aos grupos focais e compartilhar sua visão de mundo e suas experiências. Aprendo muito escutando e sentindo seus discursos e agradeço o carinho com o qual acolheram nosso convite.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Saúde, Minorias Sociais e Comunicação, por compartilharem momentos de reflexão, diálogo, aprendizagem e confraternização. Aos integrantes da atividade “Olhares sobre (Ciber)ativismo, Produção Colaborativa e Construção de Subjetividades”, por fomentarem discussões e questionamentos sem os quais essa pesquisa

não teria sido a mesma. Em especial, à Mirela, que me incentiva e me ensina com o seu modo de aprender e produzir nas atividades acadêmicas.

Às Professoras Dra. Hericka, Dra. Rosane e Dra. Cleci, por aceitarem fazer parte da banca avaliadora e nos darem valiosíssimas contribuições, desde a qualificação, enriquecendo o processo de produção dessa dissertação.

Pois a origem das metamorfoses que investem a multidão como conjunto, e as singularidades como multidão, nada mais é que as lutas, os movimentos e os desejos de transformação (NEGRI, 2004, p. 22).

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal de Santa Maria

COLABORAÇÃO, (CIBER)ATIVISMO E SUBJETIVIDADE

DISCENTE: FERNANDA GOULART MARTINS

ORIENTADORA: Prof^ª Dr^ª ADRIANE ROSO

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 5 de abril de 2013

A presente dissertação pretende colocar em discussão a produção de subjetividades, as invenções colaborativas e o (ciber)ativismo na sociedade neoliberal capitalista e configurada em rede. O objetivo é analisar como as subjetividades se configuram na produção de discursos em espaços colaborativos na sociedade em rede. Para isso, a pesquisa é organizada em forma de três artigos, pretendendo (a) construir um trajeto metodológico que permita uma aproximação das produções colaborativas e a identificação de alguns sentidos que orbitam no ciberespaço, dentro e em torno dessas produções, (b) refletir sobre o que os coletivos que produzem invenções colaborativas propõem e como se agenciam coletivamente e (c) refletir sobre os saberes que constituem e produzem o devir-(ciber)ativista nas produções colaborativas. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, que se baseia principalmente em pressupostos da Psicologia Social Crítica, mas em diálogo com outras abordagens, como a tradição fenomenológica e a hermenêutica, cujos pressupostos epistemológicos sustentam as reflexões propostas no primeiro artigo, e a filosofia da diferença, que fornece importantes conceitos para o desenvolvimento dos dois artigos seguintes. Foram propostos como método a observação participante e grupos focais. As reflexões sobre os discursos nos levam a considerar que as produções colaborativas se articulam em rede e propiciam processos de resistência e invenção em busca da transformação social.

ABSTRACT

Master Dissertation
Psychology Postgraduate Course
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

COLLABORATION, (CYBER) ACTIVISM AND SUBJECTIVITY

AUTHOR: FERNANDA GOULART MARTINS

ADVISOR: Prof.^a Dr.^a ADRIANE ROSO

Place and Date of Defense: Santa Maria, April, 5th, 2013.

This Master Dissertation provides a discussion about subjectivity production, collaborative inventions and cyber activism in neoliberal capitalist and network society. It aims to analyze how subjectivities are built on and configured in the production of discourses on collaborative social spaces in the network society. For this purpose, the research is organized in the form of three articles, intending to (a) construct a methodological pathway that enables an approach to collaborative production, (b) reflect on what collaborative inventions propose in their productions and how they arrange collectively the collaborative inventions and (c) provide a reflection on the knowledge that compose and produce cyber activism. This qualitative research has its reflections based on Critical Social Psychology, but dialogs with other theoretical approaches, such as the phenomenological tradition and hermeneutics, whose epistemological assumptions underpin the reflections developed in the first article, and the philosophy of difference, which provides important concepts for the development of the two following articles. Participant observation and focus groups were proposed as method. This discussions and reflections lead to consider that collaborative productions work and in network and provide resistance and invention processes in search of social transformation.

Keywords: Social Psychology; Social Media; Internet; Community Networks.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA.....	16
ARTIGO 1 - OBSERVANDO PRODUÇÕES COLABORATIVAS NA REDE: UM POSSÍVEL TRAJETO METODOLÓGICO.....	20
Introdução	21
Pressupostos Epistemológicos e Metodológicos: o que sustenta as asas no sobrevoo e algumas pistas de como o trajeto vai se delineando.....	24
Bloggeando: ou dando mais nós na rede	30
Analisando: Coordenadas para o pouso em busca de sentido(s).....	42
Considerações Finais	49
Referências	50
ARTIGO 2 - INVENÇÕES COLABORATIVAS NA SOCIEDADE EM REDE: SUBJETIVIDADES E AGENCIAMENTOS COLETIVOS	54
Introdução	56
Método	61
Notas sobre os Processos de Análise	63
As propostas das invenções colaborativas	66
Em Rede: Como as Invenções Colaborativas se Agenciam Coletivamente?	73
(Sem)Conclusões.....	80
Referências	82
ARTIGO 3 - O DEVIR-(CIBER)ATIVISTA NAS PRODUÇÕES COLABORATIVAS EM REDE: SABERES, DEMOCRACIA E SUBJETIVIDADE	87
Introdução	88
Método	93
Processos de análise dos discursos	95
Movimentos de aproximação do devir-(ciber)ativista: saberes em movimento	97
Apresentação: multiplicidades e produções em movimento.....	97
Construindo carreira a força	99
Mal-estar no trabalho: dinheiro X sentido.	102
A resistência ao lugar de função e a Inteligência Coletiva	106
Vontade de transformação e o ativismo de sofá.	110
Considerações finais	113
Referências	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO

A estrutura social que vem se formando a partir de tendências presentes nas últimas duas décadas do século XX foi denominada sociedade em rede por ser constituída por redes em todas as dimensões fundamentais da organização e da prática social (CASTELLS, 2011, p. II). Apesar de ser facilitada pela chegada da internet, a sociedade em rede é mais relacionada ao processo de reestruturação capitalista do que determinada pelo desenvolvimento das tecnologias. De qualquer forma, as mudanças tecnológicas surgiram também como resposta a determinadas demandas e contexto social.

As mudanças que têm ocorrido na sociedade não deixam de corresponder aos interesses capitalistas, que também parecem estar sediando a sociedade em rede e produzindo subjetividades. Na nossa sociedade, de cunho individualista-liberal (GUARESCHI, 2005; ROSO, 2007), há maior ênfase nas relações de competição, resultando em subjetividades capitalísticas, ou seja, subjetividades fabricadas, modeladas, e consumidas conforme o modo de produção capitalista moderno (GUATTARI & ROLNIK, 1986). Em consequência disso, “floresce um social híbrido que é um social repleto de anomalias, onde tudo é permitido em nome da liberdade. E esta é a definição de democracia nesses tempos” (ROSO, 2007, p. 84).

No capitalismo, afirma Guattari (2006), a produção de subjetividade compõe toda e qualquer produção, uma vez que as forças sociais que administram o capitalismo produzem esquemas dominantes de percepção do mundo. Referindo-se às transformações tecnológicas, o autor afirma a tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade, com o uso das tecnologias – do computador, por exemplo. Mas também alerta para a importância de evitar tanto qualquer ilusão progressista, quanto a visão sistematicamente pessimista:

A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor quanto para o pior. Existe uma atitude anti-modernista que consiste em rejeitar maciçamente as inovações tecnológicas, em particular as que estão ligadas à revolução informática. Entretanto, tal evolução maquínica não pode ser julgada nem positiva nem negativamente; tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação. O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a *mass-midialização* embrutecedora, à qual são condenados hoje em dia milhares de indivíduos (GUATTARI, 2006, p. 15-16).

Considerando a possibilidade tanto da produção de *mass-midialização* quanto de invenção, nos propomos nesse estudo a refletir sobre a produção de subjetividades na sociedade em rede, analisando discursos de coletivos que se voltam a causas colaborativas. Recentemente encontramos circulando na internet notícias e fomentos sobre grupos que

promovem manifestações e projetos que podem ser denominados "movimentos civis", "movimentos colaborativos", "laboratório colaborativo", mas também podem aparecer sob outras definições. Parecem partir sempre da ideia de colaboração e coletividade. É o caso de grupos como *Shoot the Shit*, que se propõe a promover movimentos civis (<http://www.shoottheshit.cc/>), *Porto Alegre Como Vamos* que se define como um movimento pela participação da sociedade nas políticas públicas (<http://www.facebook.com/poacomovamos>), *portoalegre.cc*, que se autodenomina a primeira wikicidade do brasil (<http://www.facebook.com/poa.cc>), *Transvenção Lab* que pretende constituir um espaço de networking e experimentação para inventar novas lógicas de relacionamento com a cidade e seus elementos (<http://transvencaolab.net/>), Nós.vc, uma plataforma de crowdlearning, que se propõe ao aprendizado colaborativo (<http://www.facebook.com/nos.vc> ou <http://nos.vc/>) e Benfeitoria, definida em seu site como uma plataforma de realização colaborativa de projetos transformadores; entre ainda outros, que fomos encontrando durante os processos de construção da pesquisa.

Uma das ideias que subjaz a esses movimentos é a de colaboração em rede, tecendo argumentos, caminhos para alcançar um ou mais propósitos. Essa dissertação parte do pressuposto de que a sociedade em rede é tanto a sede de produção de espaços e de discursos, quanto produto e produtora de mudanças que correspondem aos interesses capitalistas neoliberais, o que, por sua vez, gera a fabricação de certos tipos de subjetividades.

O título *Colaboração, (Ciber)ativismo e Subjetividade* é escolhido aqui procurando expressar o intuito de compreender como as subjetividades se produzem nas invenções colaborativas e no (ciber)ativismo em tempos de sociedade em rede. O objetivo primário da pesquisa é analisar como as subjetividades se configuram na produção de discursos em espaços colaborativos na sociedade em rede.

Para isso, se constituem como objetivos secundários (a) construir um trajeto metodológico que permita uma aproximação das produções colaborativas e a identificação de alguns sentidos que orbitam no ciberespaço, dentro e em torno dessas produções, (b) refletir sobre o que os coletivos que produzem invenções colaborativas propõem e como se agenciam coletivamente e (c) refletir sobre os saberes que constituem e produzem o devir-(ciber)ativista nas produções colaborativas.

Para buscar a compreensão dos fenômenos a partir desses questionamentos, optamos por desenvolver um estudo com abordagem qualitativa. Tal escolha foi motivada principalmente pelos fatos de que ela favorece o levantamento rico dos fenômenos pesquisados e propicia a modificação do próprio pesquisador.

A perspectiva da Psicologia Social Crítica da Saúde compõe os pressupostos epistemológicos e ontológicos de nossa pesquisa, na medida em que parte de uma percepção do ser humano, como afirma Roso (2007), como pessoa-relação, se contrapondo à visão de ser humano como indivíduo. Entendendo noções de saúde e doença como uma construção social e coletiva e relacionadas à visão de mundo e à cultura de cada comunidade, a Psicologia Social Crítica da Saúde é uma perspectiva que nos conduz, principalmente, à preocupação com a transformação social, considerando o saber popular como peça chave para alcançar uma postura crítica e propositiva.

Do modo como entendemos, a Psicologia Social Crítica da Saúde leva em conta que os fenômenos sociais são diretamente atingidos pelo capitalismo e por outros fenômenos, como a globalização, a midiaticização e a *techné*. A interpretação dos fenômenos sociais baseia-se em diferentes teorias, sendo comum o apoio na tradição fenomenológica, na hermenêutica e, mas recentemente, na filosofia da diferença.

Articulando os saberes expressados nos discursos colhidos durante a pesquisa e os saberes teóricos que nos ajudam a compreendê-los, esse estudo recorre a autores que se propõem a pensar o peculiar modo de produção da subjetividade dominante na era do capitalismo globalizado. Nesse sentido, o modelo capitalista é visto como um modelo de modelo, uma redução modelizadora (GUATTARI & ROLNIK, 1986), enquanto que a tentativa de produzir modos de subjetividade originais e singulares, chamada de processos de singularização, constituiriam movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção, etc.

Embora possam parecer linhas contraditórias nos modos de compreender os processos produção de subjetividades, lançamos mão tanto da Psicologia Social Crítica, quanto da filosofia da diferença para a articulação de saberes que compõe essa pesquisa. Propomo-nos a isso por considerarmos a Psicologia Social Crítica uma perspectiva flexível o suficiente para dialogar com a filosofia da diferença, apontando sempre para a busca por fazer a crítica de si mesma e, ao mesmo tempo, não deixando de ter no seu horizonte o desejo por um mundo melhor e por uma vida digna para todos e para cada um.

Esta pesquisa é composta por três artigos. No primeiro, nos propomos a apresentar um trajeto metodológico para se pensar, na sociedade configurada em rede, sobre produções colaborativas, (ciber)ativismo e construção de subjetividades. Trata-se de uma espécie de processo de aproximação dos fenômenos a serem pensados, com limites previamente indefinidos – sobrevoar – conduzido por rastreio, um reconhecimento atento e, talvez, um

pouso, como se faz em uma cartografia (veja PASSOS et al, 2009).

O objetivo da pesquisa, de analisar como as subjetividades se constroem e se configuram na produção de discursos em espaços colaborativos na sociedade em rede, foi formulado justamente durante tal observação-participante. Ela produziu inquietações potentes o suficiente para o desenvolvimento do estudo e nos levou a evidenciar o quanto nós, pesquisadoras, já fazemos parte (antes de qualquer objetivo de estudo) do ciberespaço, das interações em rede, das produções e discursos que são produtos da nossa época e do mundo dentro do qual vivemos. Em uma primeira parte, o artigo aborda os pressupostos epistemológicos para dizer o que sustenta as asas no sobrevoo de observação, ao mesmo tempo em que delinea algumas pistas do trajeto metodológico. A tradição fenomenológica, juntamente com a hermenêutica, sustenta as observação e reflexões nessa etapa. Para a construção do trajeto, o processo de observação participante é escrita em um formato que simula um blog¹, que constitui a segunda parte desse artigo. O blog procura dar sentido ao conjunto de impressões que a observação participante possibilitou, e relata a procura por perguntas que delineiam as próximas etapas da pesquisa. Na terceira parte, nos aproximamos de uma análise, que não se propôs a dissecar os sentidos dos discursos, mas levantou algumas coordenadas para um pouso em busca de algum(ns) sentido(s). Tal aproximação de uma análise se apoiou em autores que fazem crítica ao sistema capitalista e concebem o humano como sujeitos históricos e potencialmente transformadores (e.g., THOMPSON, 2011; DELEUZE & GUATTARI, 2006, 2004; SANTOS, 2009, 1999; GONZÁLEZ REY, 2012, 2007; ROLNIK, 1989, 1996).

O segundo artigo constrói uma discussão que permite refletir, na sociedade neoliberal capitalista e configurada em rede, sobre produções colaborativas e construção de subjetividades. Trata-se de uma análise dialógico-crítica da construção dos discursos de coletivos que propõem produções colaborativas e promovem suas manifestações por meio do ciberespaço. Especificamente, colocaremos em discussão os sentidos e significados atribuídos aos saberes expostos em sites dessas produções e também aos saberes trazidos à tona nos discursos produzidos em dois grupos focais. O objetivo, nesse artigo, é refletir sobre o que os coletivos propõem nas suas produções e como agenciam coletivamente as invenções colaborativas.

¹ “Os blogs são publicações eletrônicas na web e podem ser individuais ou coletivos, institucionais ou independentes, acadêmicos, comerciais, jornalísticos, artísticos, pessoais, etc. O que define uma publicação como blog é uma página web onde o que é publicado chama-se posts, e estes são estruturados em ordem cronológica” (LÉVY, 2010, p. 9).

Para isso, consideramos que a produção de saberes e os agenciamentos dos discursos são sempre da ordem do coletivo. Os agenciamentos de enunciação “são abordados enquanto efeitos dos encontros (nunca coincidentes) de visibilidades e enunciabilidades constitutivos dos saberes, sobre os quais se exercem as relações de poder” (ROCHA, 2007, p. 404). Assim, agenciamentos são sempre coletivos, são co-funcionamentos; e agenciar, então, é estar no meio, “sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 44).

Para analisar discursos de coletivos voltados a produções colaborativas, consideramos que enunciados são sempre produzidos por agenciamentos e põem em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. Com isso, nos aproximamos do conceito de “funções criadoras” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 23) uma vez que elas procedem por interseções, cruzamentos de linhas, pontos de encontro no meio. Ousamos, a partir dessas considerações, relacionar os agenciamentos coletivos sobre os quais nos propomos a refletir aos “processos de invenção” (KASTRUP, 2008, p. 120), que não pressupõem os sujeitos como fonte do processo de invenção, mas como um de seus produtos. O outro produto dos processos de invenção, para a autora, é o próprio mundo.

Sustentadas por esse modo de conceber as produções colaborativas, fomos a campo com o intuito de conhecer, a medida do possível, a manifestação do que é visível e enunciável nos agenciamentos coletivos que propõem a colaboração em operações e invenções circuladas no (ciber)espaço. Os parênteses no termo (ciber)espaço são utilizados pelo fato de que os agenciamentos (voltados à colaboração, aos quais nos referimos) se fazem ver nas ruas das cidades, nas mídias *offline* e não somente na web. Entretanto, a presença do termo ciber especifica que as produções colaborativas se utilizam de ferramentas digitais, e se apropriam da movimentação em rede que ela proporciona, para divulgar suas ideias e/ou materializar seus processos de invenção. Embora já existam muitas pesquisas que tratam da sociedade em rede, da cibercultura e dos efeitos que tais configurações trazem ao ser humano (e.g., CASTELLS, 2011; SANTAELLA, 2003; RUDIGGER, 2011; LÈVY & LEMOS, 2010), consideramos importante desenvolver o presente estudo, uma vez que as produções colaborativas e seus agenciamentos coletivos constituem um modo de manifestação praticado com crescente recorrência em muitas partes do mundo (veja <http://sociedadeemrede.com>).

Utilizando a técnica de grupos focais, colhemos os discursos de diferentes invenções colaborativas agenciadas com diferentes nomes, objetivos e abordagens. Para isso, compreendemos o discurso no sentido que Rocha (2007) propõe atualizar, visto como ponto de cruzamento, de articulação de saberes e poderes. “De tal cruzamento configura-se uma

dada forma-sujeito” (2007, p. 404).

O interesse pelo uso do grupo focal como metodologia foi motivado pelo fato de que sua fundamentação, na discursividade e interação, inscreve-se na tradição dialética, pressupondo a construção de conhecimento em espaços de intersubjetividade. Logo, o conjunto de vozes envolvidas no grupo focal, com a expressão de semelhanças e diferenças, construções e desconstruções, inerentes à intersubjetividade que está em jogo, torna-se um campo extremamente rico para a busca de respostas para os questionamentos abertos por essa pesquisa.

Assim, procuramos materializar nossas curiosidades, reflexões e conclusões nessa dissertação, que ganhou esta forma e estas delimitações. Sabemos, entretanto, que as mesmas perguntas poderiam levar por tantos outros caminhos teóricos e metodológicos. Eles também caracterizariam a busca por responder aos mesmos objetivos, e não seriam contraditórios, mas sempre complementares à construção que aqui nos propomos a fazer. A proposta de refletir sobre colaboração, (ciber)ativismo e produção de subjetividades na sociedade em rede vai ao encontro dos propósitos do Grupo de Pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação”, e se insere no projeto de nível superior “Cenários midiáticos/institucionais, relações de poder e representações: desafios atuais na saúde pública”, registrado no Gabinete de Projetos sob o número 028411. Dentre os objetivos desse projeto maior encontra-se conhecer os discursos que circulam em diferentes tipos de mídia, compreendendo as possíveis estratégias de resistência e a criação de modos de singularização presentes nos discursos de diferentes atores sociais. É por esses espaços discursivos que delineamos nosso vôo...

METODOLOGIA

A escolha pela abordagem qualitativa para o processo de construção desse estudo se baseia no interesse de favorecer a riqueza no levantamento dos fenômenos estudados e no fato de termos sempre presente, como a abordagem qualitativa nos permite admitir, que a pesquisa propicia a modificação do próprio pesquisador. Tal possibilidade, entretanto, como diz Bachelard (1996), requer do pesquisador uma vigilância epistemológica, visto que deve fazer continuamente a revisão de suas ideologias e crenças, a fim de não distorcer o contexto investigado.

No primeiro artigo, realizamos um processo de observação participante, nos deixando sobrevoar o fluxo de informações e conteúdos que constituem o ciberespaço. O trajeto metodológico foi, então, descrito nos processos de relatar e analisar essa experiência, que nos levou a conhecer nosso objeto de estudo: colaboração, (ciber)ativismo e produção de subjetividades na sociedade em rede. Desenvolvemos, então, um relato em forma de blog, na busca por dar sentido ao conjunto de impressões que a observação participante nos possibilitou para, assim, encontrar as perguntas que delinearão as etapas seguintes da pesquisa. A construção desse trajeto metodológico foi apoiada em obras e autores que fazem crítica ao sistema capitalista e concebem o humano como sujeitos históricos e potencialmente transformadores, tal como pressupõe a Psicologia Social Crítica, base de onde partem nossos voos e sobrevoos de pesquisa. Dentre os autores de referência, destacamos González Rey (2012, 2007), Thompson (2011), Deleuze e Guattari (2006, 2004), Santos (2009, 1999), Roso (2007), Guareschi (2005) e Rolnik (1989, 1996).

No segundo artigo, as técnicas escolhidas para levantamento das informações foram uma consulta atenta aos sites (e/ou páginas no *Facebook*) dos coletivos que nos propomos a estudar, e também a realização de dois grupos focais. Consideramos adequado o uso dessa técnica, uma vez que os grupos focais propiciam o estudo do conhecimento (saber) referente a uma situação ou objeto específico (ROSO, 1997). A visita aos sites e páginas no *Facebook* possibilitou que lêssemos o discurso referente às definições e propostas que as produções colaborativas expõem em suas divulgações na Web, para depois compará-lo, na medida do possível, com os discursos produzidos nos grupos focais. Já a realização dos grupos focais permitiu a produção de discursos e a enunciação de saberes que depois foram analisados, para refletirmos sobre como agenciam coletivamente as invenções colaborativas.

No terceiro artigo, continuamos analisando os discursos produzidos nos grupos focais, mas nesse artigo procuramos colocar em relevo o devir-(ciber)ativista que se faz presente nos

saberes produzidos nos discursos. Assim, nos propomos a refletir sobre os saberes que compõem e produzem o devir-(ciber)ativista nas produções colaborativas.

Nos grupos focais, a seleção dos participantes foi intencional. Observando o fluxo de informações sobre propostas e projetos colaborativos promovidos na cidade de Porto Alegre (RS), tivemos o conhecimento de uma produção colaborativa em rede denominada “Shoot the Shit”², com a qual entramos em contato para sondar se os integrantes teriam interesse em participar de uma pesquisa no campo da psicologia social. Não recorremos ao mecanismo de busca do *Google* haja vista que uma característica marcante das novas gerações de usuários de internet e geradores de conteúdo na rede, em tempos de web 2.0, é o constante esforço em direção à não categorização de si e dos respectivos projetos. Assim, esses projetos colaborativos muito dificilmente são cadastrados em listas telefônicas, tampouco ligados a entidades civis registradas. Esse fato nos distancia da possibilidade de evidenciar as produções colaborativas participantes da pesquisa através de uma abordagem àqueles que se utilizam uma palavra específica para definir-se no site, o que os tornaria de fácil acesso uma vez que se pudesse categorizar uma pesquisa em ferramentas de busca como o *Google.com*.

Frente à resposta positiva do Shoot the Shit, optamos por solicitar a esses agentes que indicassem nomes de outras produções com propostas semelhantes. Desse modo, já poderíamos considerar, no próprio processo de seleção dos participantes, importantes informações a respeito de como os primeiros agentes convidados a participar se veem e com quem se identificam.

Os participantes desse estudo são pessoas com idade adulta, e integrantes de produções colaborativas na rede. Para serem incluídos no grupo de participantes dessa pesquisa, foi preciso que tivessem idade maior que 18 anos, e que fossem indicados por algum outro integrante de produção colaborativa que já tivesse sido indicado também para participar da pesquisa. Além disso, se optou que as produções na web fossem brasileiras, podendo ser movimentadas por iniciativa privada ou por sociedade.

O número de grupos focais do estudo foi determinado a partir do critério de saturação das informações obtidas. “Entende-se que a saturação é atingida quando a introdução de novas informações nos produtos da análise já não produz modificações nos resultados anteriormente atingidos” (MORAES, 2007, p. 199). Foram indicadas 23 pessoas para participar da pesquisa, das quais 13 compareceram – distribuídas em dois grupos focais, de acordo com disponibilidade de horários dos participantes. Mais integrantes foram indicados

² Disponível em <http://www.facebook.com/shoottheshitws>

em meio às falas produzidas nos grupos focais, mas as pesquisadoras optaram por realizar a análise primeiramente com o material produzido naqueles dois encontros, antes de prosseguir no mesmo método de coleta de informações.

Os dois grupos focais foram realizados em local de conveniência para os participantes e foram inicialmente programados para ter uma duração de no máximo 120 minutos. O local foi escolhido com base em propiciar que os participantes se sentissem à vontade para dialogar, sendo adequado para que se mantivesse o sigilo e a confidencialidade das informações prestadas, além do conforto ao grupo.

Os grupos ocorreram em uma sala de reuniões alugada especialmente para essa ocasião, em Porto Alegre. O primeiro grupo focal, com sete participantes, foi mediado pela autora da pesquisa e contou com a colaboração de um co-mediador experiente em grupos focais. O segundo grupo focal contou com a presença de seis participantes e foi mediado apenas pela autora da pesquisa. O convite para que falassem sobre as produções colaborativas foi o disparador para que a conversa começasse. Desde o início dos grupos era perceptível aos mediadores a motivação dos participantes em falar de si e do que faziam, bem como o interesse, inclusive verbalizado, de conhecerem uns aos outros e de saberem mais sobre suas produções. Assim, não foi proposta qualquer outra dinâmica ou técnica como dispositivo para que o grupo interagisse e expusesse suas ideias. Os grupos focais foram gravados, mediante autorização dos participantes, e transcritos.

No percurso de mediação dos grupos focais, convidamos os participantes a se apresentarem e contarem sobre suas produções. Procuramos, assim, deixar aberto, para que eles falassem do seu modo e usando as próprias palavras para dar sentido ao discurso ali construído. Nossa curiosidade se sustentava, durante essa etapa da investigação, na busca por compreender sentidos e significados atribuídos aos saberes que os participantes traziam sobre as produções colaborativas agenciadas coletivamente.

A pesquisa segue as exigências e procedimentos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (1996) que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 03336512.4.0000.5346), sendo que cada participante, antes da realização dos grupos focais, conheceu, concordou e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

**ARTIGO 1 - OBSERVANDO PRODUÇÕES COLABORATIVAS NA REDE: UM
POSSÍVEL TRAJETO METODOLÓGICO**

Observando produções colaborativas na rede: um possível trajeto metodológico

Resumo

A proposta desse artigo é apresentar um trajeto metodológico para se pensar colaboração, ciberativismo e construção de subjetividades na sociedade em rede. O trajeto se configura como uma observação participante e caracteriza o início do percurso em uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo é analisar como as subjetividades se constroem e se configuram na produção de discursos em espaços sociais colaborativos na sociedade em rede. Buscando potencializar modos de ver e fazer pesquisa, na primeira parte foram assinaladas a tradição fenomenológica e a hermenêutica como pressupostos epistemológicos que sustentam a observação e reflexões; na segunda, foi apresentado o processo de observação participante, escrito em um formato que simula um blog.

Palavras-Chave: psicologia social, subjetividade, internet, observação participante, colaboração.

Observing collaborative production network: a possible methodological pathway

Abstract

The proposal of this article is to present a methodological path to think, collaboration, cyber activism and subjectivity construction in the network society. The pathway is configured as a participant observation and it features the beginning of a master research route, whose goal is to analyze how subjectivities are built on and configured in the production of discourses on collaborative social spaces in the Internet. Seeking to enhance ways of seeing and doing research, in the first part, the phenomenological and hermeneutic tradition as epistemological assumptions that sustain the observation and reflections were highlighted. In the second part, the process of participant observation, written in a format that simulates a blog, was presented.

Key-Words: social psychology, subjectivity, internet, participant observation, collaboration

Introdução

A globalização, o desenvolvimento de novas tecnologias e a configuração da "sociedade em rede" (CASTELLS, 2011) parecem trazer à humanidade desafios de natureza subjetiva. A proposta desse artigo é apresentar um trajeto metodológico para se pensar, na sociedade configurada em rede, sobre produções colaborativas, ciberativismo e construção de

subjetividades. Trata-se de um trajeto de observação desses fenômenos antes mesmo de iniciar análises mais sistemáticas. É uma espécie de processo de aproximação dos fenômenos a serem pensados, com limites previamente indefinidos – como uma embarcação de sondagem – sobrevoar conduzido por rastreamento, um reconhecimento atento e, talvez, um pouso, como se fazem uma cartografia (veja PASSOS et al, 2009).

Esse trajeto metodológico vem se configurando como um modo de observar participando, um modo peculiar de observar, que caracteriza o início do percurso em uma pesquisa de mestrado. Na dissertação analisaremos alguns discursos e saberes produzidos em produções colaborativas que se utilizam da Web. Realizaremos Grupos Focais com representantes de coletivos de produções colaborativas, com o intuito de investigar sobre como as subjetividades se constroem e se configuram na produção de discursos em espaços colaborativos na sociedade em rede. A caminhada é longa e sinuosa, sem deixar de ser envolvente e fascinante.

No presente artigo, apresentaremos o trajeto metodológico que nos aproximou do conhecimento acerca de produções colaborativas na sociedade em rede e que nos permitiu sentir o fluxo da vivência no ciberespaço e as oportunidades para as quais ele é uma ocasião. Entendemos o sentido do termo ocasião de forma semelhante à que Merleau-Ponty utiliza em sua obra *O Olho e o Espírito*, para explicar que os ícones ou as imagens não representam as florestas, as cidades, os homens, as batalhas, as tempestades, o talho-doce por lhes assemelhar. “A gravura dá-nos indícios suficientes, ‘meios’ sem equívoco para formar uma ideia da coisa que não vem do ícone, que nasce em nós por ‘ocasião’ deste” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 285). Assim, reconhecemos nossa vivência no ciberespaço como ocasião para que nasçam em nós indícios, por meio dos quais possamos formar uma ideia dos fenômenos relatados ou representados nas notícias, divulgações e apresentações de projetos colaborativos.

O processo de aproximação das produções colaborativas é o percurso que procuramos narrar nesse artigo, e por ora deixaremos decantando muitos dos elementos teóricos para nos centrar na construção do próprio objeto de pesquisa em si. Configuram-se assim, nossos primeiros passos de pesquisa.

Os encontros e achados que experimentamos ao navegar no fluxo do ciberespaço nos tocam. O objetivo da pesquisa, de analisar como as subjetividades se constroem e se configuram na produção de discursos em espaços sociais colaborativos na Internet, foi formulado justamente durante tal observação-participante. A proposta metodológica que se configura, assim como cada achado que essa trajetória proporcionou, produziu inquietações

potentes o suficiente para o desenvolvimento do estudo. Ela nasce na abertura de cada nova janela pela qual desejamos e nos arriscamos a entrar.

Essa primeira etapa busca construir um modo de entrar no mundo dos fenômenos a estudar. Sem perder de vista, entretanto, que, de muitos modos, nós, pesquisadoras, já fazemos parte (antes de qualquer objetivo de estudo) do ciberespaço, das interações em rede, das produções e discursos que são produtos da nossa época e do mundo dentro do qual vivemos. Partimos de uma primeira percepção de que o espaço Web é também sede de produções de natureza colaborativa, ou assim apresentadas. Buscamos realizar uma espécie de descrição daquilo que observamos. A partir daí, seremos, conduzidas à uma análise sobre fenômenos sociais que instigam questionamentos, cujas respostas serão depois buscadas na trajetória de construção desse estudo.

De qualquer forma, o sobrevoo que nos propomos a fazer potencializa a construção de modos de ver e a configuração de pontos de vista. Gera oportunidades para que formas e conteúdos sejam encontrados, lembrados, procurados: certamente não apenas, e de longe, observados.

Dividiremos o artigo em três partes centrais. Na primeira, abordaremos os pressupostos epistemológicos para dizer o que sustenta as asas no sobrevoo de observação, ao mesmo tempo em que vamos delineando algumas pistas do trajeto metodológico. Adiantamos que a tradição fenomenológica, juntamente com a hermenêutica, sustenta nossa observação e reflexões. Tanto a fenomenologia como a hermenêutica têm sido aportes importantes para a Psicologia Social Crítica, perspectiva que orienta nossa filosofia com relação à produção de ciência.

A perspectiva da Psicologia Social Crítica da Saúde compõe os pressupostos epistemológicos e ontológicos de nossa pesquisa, na medida em que parte de uma percepção do ser humano, como afirma Roso (2007), como pessoa-relação, se contrapondo à visão de ser humano como indivíduo. Entendendo noções de saúde e doença como uma construção social e coletiva e relacionadas à visão de mundo e à cultura de cada comunidade, a Psicologia Social Crítica da Saúde é uma perspectiva que nos conduz, principalmente, à preocupação com a transformação social, considerando o saber popular como peça chave para alcançar uma postura crítica e propositiva.

Ainda, do modo como entendemos, a Psicologia Social Crítica da Saúde leva em conta que os fenômenos sociais são diretamente atingidos pelo capitalismo e por outros fenômenos, como a globalização, a midiatização e a *techné*. A interpretação dos fenômenos sociais baseia-

se em diferentes teorias, sendo comum o apoio na tradição fenomenológica, na hermenêutica e, mas recentemente, na filosofia da diferença.

Para a construção do trajeto, arriscamos escrever o processo de observação participante em um formato que simula um blog, como aqueles que circulam na Web, e com os quais travamos contato no nosso cotidiano, ao ler o conteúdo gerado por grande parte dos usuários da internet. Na segunda, apresentamos o blog construído por nós, procurando dar sentido ao conjunto de impressões que a observação participante nos possibilitou para, assim, encontrar as perguntas que delinearão as próximas etapas dessa pesquisa. Na terceira parte, procuramos fazer algo que se aproxima de uma análise. Dizemos que se aproxima por não se tratar de dissecar os sentidos dos discursos, mas levantar algumas coordenadas para um pouso em busca de algum(ns) sentido(s). Os autores em quem nos apoiamos nesse momento fazem crítica ao sistema capitalista e concebem o humano como sujeitos históricos e potencialmente transformadores, tal como pressupõe a Psicologia Social Crítica, base de onde partem nossos voos e sobrevoos de pesquisa. Dentre os autores de referência, destacamos González Rey (2012, 2007), Thompson (2011), Deleuze e Guattari (2006, 2004), Santos (2009, 2010), Roso (2007), Guareschi (2005) e Rolnik (1989, 1996).

Pressupostos Epistemológicos e Metodológicos: o que sustenta as asas no sobrevoos e algumas pistas de como o trajeto vai se delineando

Observar algum objeto ou fenômeno no ciberespaço já significa fazer parte dele, e seria difícil enxergar essa experiência como vivida por um agente passivo ou neutro enquanto dentro dela. Jovchelovitch (2008) já nos lembra daquilo que é um antigo problema das ciências sociais e humanas. As respostas às perguntas a respeito de como nós, sujeitos, nos relacionamos com o objeto-mundo fora de nós, de como sabemos, como definimos, e qual é a natureza de nosso engajamento com ele, foram buscadas de modo a definir, ao longo da história da psicologia, diferentes correntes de elaboração teórica e pesquisa empírica.

Em todas essas respostas, com mais ou menos intensidade, esteve presente a tendência de separar demais sujeito e objeto, tendência que carrega o perigo de constituir uma dicotomia completa entre o sujeito e o objeto-mundo (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 39).

Percorrer o ciberespaço esbarrando em notícias, comentários de contatos das plataformas de rede social e *posts* na própria *Timeline* do *Facebook* não poderia ser uma atividade, e/ou um lugar, separados dos sujeitos-pesquisadoras. Os fenomenólogos trouxeram um contraponto à visão cartesiana (que acompanhou a concepção da psicologia moderna).

Jovchelovitch (2008), recuperando reflexões de Merleau-Ponty, assinala aspectos da tradição fenomenológica muito potentes para a discussão da pesquisa no ciberespaço:

Os fenomenólogos mostraram que antes mesmo de podermos pensar em conhecer nós pertencemos: nós partimos da pertença, não do conhecimento. Pertencemos a uma cultura, a uma sociedade, a uma família, a um tempo histórico, e esta pertença configura o conhecimento que construímos desde o início. Com Merleau-Ponty esta pertença a um contexto foi levada a novos níveis de radicalidade, pois ele mais que qualquer outro apontou para a corporificação do saber: o sujeito do conhecimento não apenas pertence a um contexto multidimensional, mas é também o sujeito de um corpo cuja realidade não pode ser descartada. A corporificação das estruturas psicológicas e sociais configura a percepção e, conseqüentemente, o saber (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 91).

Pensamos que a produção de conhecimento não poderia, à luz dessa reflexão, deixar de reconhecer o pesquisador como sendo ele próprio um contexto que compreende um corpo e uma constituição psicológica localizadas no social, no cultural e no histórico. O ciberespaço nos parece muito ilustrativo desse processo. Inseridas no mundo-Web, e tendo um perfil na plataforma de rede social chamada *Facebook*, muitos dos projetos colaborativos, voltados a ações em Porto Alegre, por nós passaram e se mostraram, na nossa visão, por meio de operações quase que solitárias. São projetos que podem ser definidos como “um-sozinho”, utilizando uma terminologia de Miller (2005), mas projetos que nos mostraram um desejo de colaborar, partilhar.

Alguns contatos que fizemos com os coletivos de produções colaborativas aconteceram após uma só conversa, por meio do *Facebook*, com alguém que compõe o quadro de “amigos” (amigos do *Facebook*) de uma das pesquisadoras. Nessa conversa por mensagens instantâneas via Web, mostramos interesse em saber mais a respeito de manifestações de cunho colaborativo. Foi por meio desse mesmo diálogo que obtivemos uma série de indicações de projetos colaborativos ainda por nós desconhecidos até aquele momento. Parece ter sido um diálogo-disparador de outros diálogos que ampliaram o contato com o que nos parecia ser o objeto de estudo da pesquisa.

Em alguns casos, tais contatos se deram por iniciativa de participantes de coletivo(s) ou alguma outra pessoa, indicada ou chamada por um amigo “*facebookiano*” que tivesse sido informado previamente sobre a nossa vontade de estudar o assunto. Um indicou outro, que indicava muitos outros, e a rede de fato se formou. Automaticamente, a técnica conhecida como “bola de neve” ou como *chain referral* – quando participantes para pesquisa são selecionados a partir da indicação de sujeitos que já foram contatados (KATZ, 2006; HUDELSON, 1994) – se desenvolveu.

Um desses contatos propiciou o convite para visitar o escritório de um dos coletivos (como assim se denominam) caracterizado como movimento civil. Nessa visita, foram apresentados todos os projetos já lançados pelo coletivo e a indicação dos sites onde cada um deles circula na internet. É possível notar que essa experiência – de observar o que está acontecendo e o que está sendo noticiado a respeito das produções colaborativas na Web (e fora dela) – também ocorre a partir de uma disponibilidade de mergulhar no cenário “observado”: O (ciber)espaço, com recursos e possibilidades, teve seu fluxo e seu ritmo como forças predominantes nesse processo, e agimos sem o esforço de contrapô-lo, ao menos conscientemente e ao menos nesse momento.

De todo modo, qualquer construção que venhamos a fazer nesse “voo” será interpretativa e, como nos parece, não poderia deixar de ser. Todos representamos e, ao representar estamos interpretando. Além disso, fenômenos sociais não são como objetos naturais, passíveis de uma suposta análise objetiva. Até mesmo a tentativa de analisar fenômenos objetivamente já seria parcial aos estudos dos fenômenos sociais. Thompson (2011) lembra-nos da tradição hermenêutica, ligada à fenomenologia, para explicar que muitos fenômenos sociais são formas simbólicas e formas simbólicas são construções significativas. Embora possam ser analisadas pormenorizadamente por métodos formais ou objetivos, as formas simbólicas inevitavelmente apresentam problemas qualitativamente distintos de compreensão e interpretação. Assim, essa etapa do presente estudo parece ganhar mais densidade com a recordação de considerações da tradição hermenêutica que Thompson (2011) sublinha.

A primeira delas se refere à diferença que existe entre a constelação de problemas das ciências naturais e a constelação de problemas da investigação social. Nessa, o objeto de nossas investigações é, ele mesmo, um território pré-interpretado (THOMPSON, 2011, p. 358).

Isso porque o mundo sócio-histórico é, ao mesmo tempo, um campo-objeto e um campo-sujeito, na medida em que o campo é construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas quotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros, e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que estão ao seu redor. (...) compreender é algo que nós, enquanto seres humanos, já fazemos a toda hora inevitavelmente e os procedimentos de interpretação trabalham sobre bases preestabelecidas da compreensão cotidiana. Assim, quando os analistas sociais procuram interpretar uma forma simbólica, por exemplo, eles estão procurando interpretar um objeto que pode ser, ele mesmo, uma interpretação, e que pode já ter sido interpretado pelos sujeitos que constroem o campo-objeto, do qual a forma simbólica é parte (THOMPSON, 2011, p. 359).

Outra consideração que a tradição hermenêutica nos recorda, e Thompson (2011) ressalta, é a de que os sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto são, como os próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão. O autor explica afirmando que à medida que são propostas teorias, achados ou interpretações, esses resultados se colocam numa situação que podemos descrever como uma relação de apropriação potencial pelos sujeitos que constituem o mundo social. Sendo assim, não é o cientista, pesquisador, ou tecnólogo (como seria nas ciências naturais) que usa o conhecimento; mas são os próprios constituintes do campo-objeto – a princípio e às vezes na prática – que empregam esse conhecimento para transformar a si mesmos. Os resultados da pesquisa social podem, em princípio - e muitas vezes o são na prática - ser apropriados pelos sujeitos que constituem o campo subjetivo-objetivo sobre o qual esses resultados são formulados, e este campo pode, ele mesmo, ser transformado no processo de apropriação.

Aqui, reconhecemos a responsabilidade imposta no fato de nos propormos a descrever qualquer observação e/ou aparição de projetos colaborativos, seus produtores e participantes. Ou seja, o modo como conduziremos a descrição do que observamos pode trazer elementos e julgamentos dos quais os próprios sujeitos participantes, que compõem o campo estudado, podem se apropriar ao entrar em contato com o estudo e seus resultados³. Tentar evitar tal fenômeno nos parece inviável nesse tipo de estudo. Ao mesmo tempo, é essa primeira análise que possibilitará o contato com os sujeitos a serem estudados e todas as posteriores análises do contexto sócio-histórico, do discurso dos produtores dos projetos e as (re)interpretações a serem construídas e pensadas. Tudo isso para que nossas perguntas encontrem caminhos geradores de mais perguntas, isto é, que ao observarmos participando possamos instaurar uma “ética da interrogação” (CECCIM, 2006, p. 6), o que significa, em última instância, não cavocar respostas como pesquisadores “meio-raposas”⁴ (MOSCOVICI, 2011, p. 12), mas compartilhar nossas inquietações com aqueles que se inquietam diante do mundo e arriscam trabalhar por ideais num coletivo.

Outro aspecto levantado por Thompson (2011) ao recordar a importância de considerações da tradição hermenêutica é a de que os sujeitos que constituem parte do mundo

³Após a elaboração dessa etapa da pesquisa (observação participante), da análise de alguns dos conteúdos encontrados, e da finalização dos Grupos Focais, será proposta uma reunião com os participantes (que são os protagonistas de produções colaborativas) para discussão, em conjunto, das análises feitas na pesquisa. Os apontamentos e a produção desse diálogo serão considerados junto às análises dos discursos produzidos pelos Grupos Focais, em um próximo artigo.

⁴Aquele que é um observador, explorador agressivo e manipulador dos métodos sem pudor (MOSCOVICI, 2011).

social estão sempre inseridos em tradições históricas. Essa consideração conta com a contribuição da obra de Gadamer (1975) que, entre outros, “ajudou a sublinhar o que nós poderíamos chamar de historicidade da experiência humana” (THOMPSON, 2011, p. 360). Isto é, a experiência humana é sempre histórica, e essa consideração tem dois sentidos. Primeiro, no sentido de que uma nova experiência é sempre assimilada aos resíduos do que passou, e, segundo, no sentido que, ao procurar compreender o que é novo, nós sempre necessariamente construímos sobre o que já está presente. Sendo assim, a própria compreensão de que uma experiência se constitui como nova é uma indicação do fato de que nós estamos relacionando ao que veio antes e, devido a isso, ela é percebida como nova. Segundo Thompson (2011), os resíduos do passado podem também servir, em circunstâncias específicas, para esconder, obscurecer ou mascarar o presente, ou ainda, as próprias tradições com as quais estamos familiarizados – algumas delas – podem ser, “na verdade, tradições inventadas de data relativamente recente, mesmo que na imaginação coletiva pareçam ser mais antigas do que são” (THOMPSON, 2011, p. 361). Pode-se pensar então, a partir disso, que os resíduos simbólicos que incluem as tradições podem ter características e usos específicos que mereçam análise posterior.

Sustentada nessa tradição fenomenológica e hermenêutica, a escrita da observação que segue tem uma formatação diferente do que comumente se espera de um artigo científico. Foi-lhe dado um formato que simula um blog. Essa configuração pode ser interpretada como bastante informal, mas pensamos que a informalidade aqui posta é a tentativa de uma inter-relação com o processo de escrita na rede. Procura propiciar ao leitor, e às pesquisadoras, a apropriação e a constante observação das características e das condições dadas pelo ciberespaço, que constitui grande parte do campo onde iniciamos nossa investigação. Adotar esse “outro modo” de escrever representa a constante busca por reconhecer e relembrar que, como pesquisadoras, estamos implicadas neste estudo, com nossos limites e nossas possibilidades, com nossa busca por encontrar recursos teóricos e metodológicos que deem conta das perguntas às quais as investigações nos levam, mas também com a criatividade que é despertada, ou advém, das pequenas-grandes descobertas que surgem a cada instante de mergulho na investigação.

O formato de blog afirma a possibilidade de circular ativamente no terreno *web*. O formato por si só facilita um processo de tornar evidentes características, condições, convenções e tradições que a escrita na *web* explora e expõe, implícita ou explicitamente. Instiga a posterior observação, análise e/ou (re)interpretação disso que passaremos a experienciar e ver, se é que esses processos estão separados. As datas são reais e os fatos

também. Mas o texto não foi todo ele criado no mesmo momento em que os fatos foram ocorrendo, embora muitos dos fatos tenham sido escritos em cadernos de anotações e também estivessem registrados na “memória” de mensagens da plataforma do *Facebook*, todos eles alimentados em tempo real. Isso faz do blog um espaço onde reunimos anotações de diferentes cadernos produzidos em diferentes momentos. Também a data de criação do blog foi decidida para que estivesse de acordo com a data do primeiro acontecimento relatado, já que é assim que a linguagem da *web* funciona: em tempo real. Nossa escrita de blog, poderíamos dizer, é o método de diário de campo sob uma nova roupagem que acompanha os movimentos da *network society* (CASTELLS, 2011).

De início, já é possível observar que esse formato, quando escrito fora da *web*, parece demandar maior uso das notas de rodapé, o que pode representar a tentativa de aproximação do hipertexto. Na rede, o hipertexto é comumente usado e constitui uma característica da escrita (e da leitura) digital.

A questão que busca alguma resposta desde o começo dos contatos, vivências, observações, é a de como narrar uma experiência. Procurando um modo de conhecer melhor essa pergunta e suas possíveis reverberações, nos propomos a entrar na norma da *web*, e vivenciar o fluxo que ela propõe, como rede, como espaço, e em seus movimentos. O ciberespaço parece, em certos aspectos, não impor muitos limites de acesso a pessoas e informações, sendo um espaço de interação contínua. Entretanto, podem ser também seus usuários que possibilitam ou limitam essa interação:

O ciberespaço é todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação (SANTAELLA, 2004, p. 45).

O blog, abaixo replicado em versão off-line, dá espaço ao relato da nossa vivência de estar em relação com outras pessoas, com muitos diálogos e com variadas ideias. Estar em relação, nesse contexto, se torna uma necessidade, considerando que a “relação existe sempre que uma coisa não pode, sozinha, dar conta de sua existência, de seu ser” (GUARESCHI, 2005, p. 61). Na grande nuvem que é o mundo virtual, nos permitimos estar, sentir e também nela registrar. Ou como se fosse.

Bloggeando: ou dando mais nós na rede

Apresentaremos a seguir parte de nosso blog, que intitulamos Nós na Rede⁵. Ele está publicado dentro do site <http://sociedadeemrede.com>, onde se encontram também outros relatos sobre o percurso de inquietações que nos levou ao tema de pesquisa. Desenvolveremos o blog levando em conta que as informações e relatos que circulam na internet, principalmente nos blogs, acabam sendo comunicados como em uma conversa informal, em que se pode escrever como se estivesse conversando com alguém ou com o próprio interior. Um pouco como Clarice Lispector (1964): "Escrevo porque encontro nisso um prazer que não consigo traduzir. Não sou pretenciosa. Escrevo para mim, para que eu sinta a minha alma falando e cantando, às vezes chorando..." (p.30).

Link 1: Sobre as autoras

O trajeto descrito aqui é apoiado na produção de diálogos, de conversas e de reflexões. Este blog é construído a muitos pares de mãos, é feito por cada pessoa que nele é citada, tal como os amigos *facebookianos* aqui apresentados e o grupo de mestrandos que se reúne toda sexta-feira pela manhã na sala 321, no Prédio de Apoio da UFSM. A participação no grupo de pesquisa em Saúde, Minorias Sociais e Comunicação⁶ e no projeto de Ensino e Extensão denominado Psicologia Social, Cinema e Saúde⁷ está sendo parte do aprendizado durante o curso do Mestrado em Psicologia na UFSM e é aqui considerada indispensável na produção do blog.

Para ser escrito, o blog se apoiou em conversas dentro e fora da academia, do ciberespaço, e de nós, aqui pesquisadoras. Mesmo compreendendo o blog como produção conjunta, o escrevemos em primeira pessoa do singular na maior parte dos posts. Isso ocorre porque a produção conjunta, na construção desse percurso, muitas vezes ganha forma escrita no discurso de uma das pesquisadoras, e tal discurso retrata o modo como ela vive a experiência de estar em interação com informações, grupos ou pessoas naquele momento.

Criado em 20 de setembro de 2011 – Bem vindo.

Esse blog está sendo criado na tentativa de dar conta de registrar uma experiência. Uma experiência de trilhar, ou melhor, sobrevoar um campo que nos é familiar, mas ao mesmo tempo não familiar. Abre-se um lugar onde eu possa contar, em diálogo com minha orientadora, as experiências que compõem a observação acerca do que tenho curiosidade de estudar. Espaço onde possa se construir uma primeira narrativa sobre minha procura, mas

⁵Disponível em <http://www.sociedadeemrede.com/#!em-branco/c7x6>

⁶<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0327707QZ7GBKR>

⁷<http://www.facebook.com/pages/Psicologia-Social-Cinema-e-Sa%C3%BAde/130789183733180>

também, e principalmente, sobre minha relação com aquilo que ainda pouco sei o que é, mas desejo estudar.

19 de setembro de 2011- Burilando a questão de pesquisa.

Estou cursando o Mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria. Tenho curiosidade a respeito desses projetos que se propõem a uma causa colaborativa, cuja divulgação ou captação de participantes acontece na internet. Ainda me questiono se são movimentos sociais e de que tipo, mas no momento o que mais me instiga a estudar é o que exatamente intencionam, produzem e/ou reproduzem as produções que tenho visto circular. Junto ao grupo de pesquisa em que estou inserida e minha orientadora, vou agora procurar e descobrir, descobrir e continuar procurando – muitas vezes, espero – até que chegue, de fato, a analisar e (re)interpretar achados, diálogos e interpretações que apresento aqui. Mãos à obra.

20 de setembro de 2011 - Primeiro punhado da bola de neve.

Comecei chamando esse amigo da minha amiga para conversar. Ela está organizando um evento que envolve colaboração e *web*, talvez ele venha para Porto Alegre nas próximas semanas para falar no evento. No seu perfil do *Facebook*, pude ver que ele é carioca, já trabalhou com democratização da informática, críticas de teatro, voluntariado no TED⁸ (Tecnologia, Entretenimento e Design), e atualmente está *tagueado*⁹ como colaborador dessa “plataforma colaborativa de projetos transformadores” (assim denominada por ele), além de se descrever também como *WebWriter*. Parece fazer faculdade em algum curso de comunicação. Fui falar com ele.

Chamei o novo amigo no *inbox*, me apresentei, e demonstrei minha curiosidade em saber mais sobre projetos que envolvem ferramentas digitais e produção colaborativa. Falei um pouco de mim, da minha ideia de transformar minha curiosidade na construção do meu projeto de mestrado, e foi então que comecei a sentir o quanto essa ideia de colaboração estava ali permeando nossa conversa. Percebi que ele se sentia motivado em colaborar com minha ideia. Ele já respondeu com um “eu quero te ajudar, posso te contar muitas histórias minhas e visões de mundo que tenho sobre o assunto”. Confesso que gostei!

⁸TED é um evento anual onde alguns dos considerados principais entre pensadores e criadores mundiais são convidados a partilhar aquilo que mais os entusiasma. "TED" significa Tecnologia, Entretenimento e Design. Mas o intuito é que sejam discutidas ideias que sejam relevantes em qualquer área. A audiência costuma ser diversificada (CEO's cientistas, criativos, filantropos) os oradores incluem nomes como Bill Clinton, Bill Gates, Jane Goodall, Frank Gehry, Paul Simon, Sir Richard Branson, Philippe Starck e Bono Vox. O “X” de TEDx significa que o evento TED foi organizado independentemente. Mais informações em: <<http://www.ted.com/tedx>> ou <<http://www.youtube.com/watch?v=3wPQDEqI2dY>>.

⁹*Tag* em inglês quer dizer etiqueta. As *tags* na internet são palavras que identificam um conteúdo (ou uma foto, por exemplo), ajudando na hora de organizar informações. As *tags* ajudam agrupando conteúdos/informações que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outros relacionados.

Ele me disse que virá a Porto Alegre para outro evento no fim do mês, algo sobre produção de conteúdo na *web*, e talvez me consiga algum ingresso. No evento, ele falará sobre processos de aprendizagem.

21 de setembro de 2011 – Método: rolando a bola de neve.

Contatei também outra pessoa, que já é minha amiga no *Facebook*, mas praticamente nunca conversamos. Temos muitos amigos em comum e já o encontrei em muitos lugares, deve ser por isso que somos amigos ali. De qualquer forma, o chamei no *Inbox* do *Facebook* e demonstrei minha curiosidade em saber mais sobre projetos que envolvem ferramentas digitais e produção colaborativa.

Daí a conversa ganhou outro rumo: ele me disse que eles costumam se reunir ao menos uma vez por semana e me convidou para assistir uma de suas reuniões na próxima semana. Deixei claro que eu não estava ainda fazendo a pesquisa e que não tinha perguntas a fazer, mas que queria apenas me familiarizar com esse tema sobre o qual vou estudar. O convite segue em pé, semana que vem vou lá.

22 de setembro de 2011 – Teórico: a internet como unificadora das pessoas.

Contatei uma amiga (dos meus contatos do *Facebook*), que anda postando muitas informações sobre projetos colaborativos ali mesmo, no *Facebook*. Ela me disse que estava bem por dentro desse assunto, pois tem muito interesse por fazer parte disso. É estudante de administração, e se interessa inclusive por construir projetos junto a amigos que também queiram parceria para isso. Ela me apresentou algumas novidades (novidade para mim): projetos que ela conhece voltados à colaboração, e pessoas que eu poderia contatar e/ou adicionar como amigos para poder acompanhar o que fosse criado por eles a partir de então.

Um contato ativado e muitos outros acontecem por consequência. Na mesma hora, me procurou outra pessoa, me chamando por *Inbox* no *Facebook*. Ele cuida de uma dessas produções colaborativas e começou a conversa dizendo o quanto é importante ressaltar que a internet une as pessoas. Completou dizendo que se eu realmente me propuser a realizar um estudo sobre isso, ele quer me indicar pessoas para participarem. Aproveitou para citar projetos como o Matéria Pública, o Polis Tecnologia, e me contou que haverá uma discussão fechada em São Paulo, promovida pela Fundacion Avina e pelo Techyredes¹⁰, sobre webcidadania.

Causa em mim uma boa impressão o fato de as pessoas serem tão dispostas a conversar sobre isso, e me indicarem para ver outras produções que eu ainda não conhecia.

¹⁰ <<http://techyredes.wordpress.com>>.

Parece que o assunto está bem em voga e vem mobilizando bastante gente, não só em Porto Alegre. Isso aponta para a tal da “relevância” da pesquisa. Parece que estamos no trajeto certo, então.

23 de setembro de 2011 - Depois de ir a campo: a visita.

Compareci ao escritório de um dos integrantes do Shoot the Shit, como combinado. Eles me receberam mostrando os três principais projetos que já realizaram¹¹: o do Golfe em Porto Alegre que, como eles me contaram, visava protestar de forma propositiva contra os buracos das ruas de Porto Alegre; o Mexa-se, que propunha que as pessoas fizessem exercício físico enquanto esperavam chegar seu ônibus em uma das paradas de Porto Alegre; e o que eles chamaram de Salve uma Vida, Apague seu Cigarro, que foi promovido com adesivos colados em pequenos postes de uma rua de Porto Alegre. Também mostraram o projeto que recém promoveram, pintando um tapume de obra com a frase “Porto Alegre precisa de mais...”, para que a população completasse. Eles contaram que essa ideia foi inspirada em uma produção feita em outras cidades pelo mundo, como Nova York (NY), por uma pessoa que, a princípio, não tem nenhuma ligação com esse grupo. Disseram que, assim como a produção de NY foi inspiração para eles (que a reproduziram em Porto Alegre), a produção deles pode servir como inspiração para que outras pessoas repliquem em outros lugares. Como dizia Antoine Lavoisier, “nada se cria tudo se transforma”.

Por fim, me mostraram que o projeto Porto Alegre, Paraíso do Golfe teve repercussão na mídia televisiva e jornalística, mas não somente local: o projeto foi parar em uma notícia em Website russo. Seria a globalização das ações?

O que pareceu central no relato deles é que o objetivo do que fazem é tirar projetos da gaveta, uma vez que muitas ideias, em geral, acabam por não ser colocadas em prática, embora sejam muito boas.

25 de setembro de 2011 - Método: a rua como fonte de observação de pesquisa.

Parada no sinal vermelho, de dentro do meu carro, me chamou a atenção algo escrito numa placa de *pare* (dessas placas de trânsito, usadas em cruzamentos para informar a preferencial e evitar acidentes). Inicialmente, pareceu alguma coisa como pichação, mas olhando bem não vi mais isso. A mensagem era carinhosa, e me arrancou um sorriso.

Cheguei em casa e *dei um Google*. Achei o projetopare.tumblr.com¹² e segui procurando entender a proposta. Se era a de nos fazer sorrir na rua, conseguiram comigo.

¹¹ Que hoje constam na página <<http://www.shoottheshit.cc/>>, na época ainda não existente.

Checando o *tumblr* do projeto, vi que o seu ponto central é descrito na frase: “Tornando o trânsito de Porto, alegre.” No site, eles também escrevem que a ideia consiste em aplicar adesivos nas placas de PARE proporcionando momentos de reflexão nessa pausa tão rara na nossa rotina. Nas fotos ali mostradas, se pode ter uma ideia de como fazem isso. Os adesivos transformam um PARE em PARE e sorria, PARE e se apaixone, PARE e sonhe ou até em PARE de reclamar. Bem, a transformação pode ser uma inovação...

7 de outubro de 2011 5:15pm - Teórico: A cultura da colaboração.

Hoje um amigo, que mora no Rio, me chamou para dizer que estava postando um poema de autoria própria no seu blog. Pediu auxílio para achar um título. Não sei auxiliar nisso, não fui colaborativa.

Ele tinha me chamado para me indicar um livro, já que eu andava curiosa. Chama-se A Cultura da Colaboração, do Clay Shirky. Outra pessoa me indicou esse livro, ontem mesmo. Aproveitei para perguntar sobre o que ele acha do livro e por que recomenda. Ele respondeu que o livro fala sobre essa revolução digital voltada para criação humana, “tanto nas besteiras que criam na internet como para ações cívicas” (palavras dele). Vamos dar uma olhada. É a colaboração em rede com minha pesquisa, adentrando a ciência.

25 de fevereiro de 2012 - Teórico: estamos tentando unir alguns pontos.

Hoje fui surpreendida por essa reportagem que encontrei na minha *Timeline* do *Facebook*. Foi postada na página do coletivo Shoot the Shit e é uma matéria da Zero Hora que traz a manchete “Com o auxílio da internet, ativistas promovem ações colaborativas em Porto Alegre - Na era digital, grupos usam a tecnologia para lutar por causas públicas.¹³” Minha curiosidade só tem aumentado. Como chegamos aí?

Chama a atenção que os participantes das ações colaborativas às quais o jornal se refere não haviam dado um nome específico ao que faziam. Agora se apresentam realizando **movimentos civis** e trazem o nome de outros coletivos que fazem o mesmo. Esses coletivos que apresentam ações colaborativas para serem postas em prática nas cidades, parecem lutar a cada dia por uma causa diferente. Talvez tenham todas um ponto em comum, uma vez que se propõem a melhorar a cidade, mas as plataformas de projetos colaborativos já não convergem somente para essa mesma questão. Talvez seja uma característica da nossa “era digital”, para usar as palavras da Zero Hora. Ou é do pós-moderno? Ou da modernidade líquida que o Bauman (2003) coloca em pauta? Ou será que ainda somos modernos?

¹³ <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2012/03/com-o-auxilio-da-internet-ativistas-promovem-aco-es-colaborativas-em-porto-alegre-3700446.html>>.

Hoje ainda, para aumentar minha inquietação: meu amigo me chamou no Inbox do *Facebook* para contar que foi escolhido para ser embaixador de um movimento de universitários feito por uma empresa que faz negócios sociais. A ideia, me explicou ele, é que os embaixadores disseminem o conceito de negócios sociais e façam ações práticas. Perguntei então se isso se tratava de movimento ou de negócios. E ele respondeu:

É justamente isso que queremos ressignificar. Somos um movimento e ao mesmo tempo negócios. Não somos uma ONG, por exemplo. Mas falamos que nós temos meios lucrativos e fins positivos. Aí que está o diferencial todo, essa mentalidade de tirar o lucro da ponta e privilegiar as ações positivas.

Será que tais produções colaborativas se encaixam ou conversam com a ideia de movimentos sociais? Seria um movimento social com contornos neoliberais? Que tipo de sujeitos estão sendo co-produzidos aí?

27 de fevereiro de 2012 - Rola a bola de neve: mais produções colaborativas, muito prazer.

Mais um projeto que cai na minha *Timeline* do *Facebook*: nós.vc. O site diz: “aprenda algo novo. Inscreva-se em um encontro na sua cidade.” Em contato com uma das pessoas que toca o projeto (pelo *Facebook*), entendi que ideia deles é criar cursos sobre o que você sabe ensinar, ou procurar aulas sobre alguma coisa que você quer aprender. Na *fanpage*¹⁴ do *Facebook*, a descrição diz: “Somos uma plataforma de crowdlearning. Acreditamos no aprendizado colaborativo através de encontros inspiradores. <http://nos.vc/> :).”

O texto então é o seguinte:

Nós acreditamos que aprendizado tem que ser um processo inspirador. Tem que ser com paixão, em qualquer fase da vida.

Todo mundo quer aprender alguma coisa. E todo mundo tem algum conhecimento que gostaria de ensinar. O Nós.vc proporciona o aprendizado coletivo através de encontros inspiradores.

Crowd é multidão. Learning é aprendizagem. E crowdlearning é um modelo em que pessoas apaixonadas pelos mesmos assuntos aprendem e ensinam lado a lado.

Se você se identificou, ótimo. Nós podemos trabalhar juntos. É só falar com a gente. Afinal de contas, Nós.vc somos todos nós, incluindo você, claro (<http://www.facebook.com/nos.vc/info>).

Pelo que entendi, a ideia é criar espaços em que se possa aprender e ensinar, independente das instituições acadêmicas e escolares. Inclusive, pode ser que os cursos sejam sobre assuntos que não são trabalhados nas escolas. Minha pergunta: será esse um espaço

¹⁴ <<http://www.facebook.com/nos.vc/info>>.

aberto para certa desinstitucionalização dos processos de ensino-aprendizagem? Talvez seja uma forma de educação não-formal... Mas poderia também ser uma plataforma de divulgação de cursos inusitados? Ou os dois? Ou outra coisa que ainda não conheço?

17 de maio de 2012 - Campo: a multidão financeira o Voto como Vamos?

Um movimento chamado Porto Alegre Como Vamos postou um vídeo no *Facebook* apresentando seu projeto: o Voto como Vamos. Eles precisam arrecadar verba para fazer uma plataforma (na *web*) que auxilie as pessoas a aprenderem mais sobre os políticos e conhecer suas propostas. A ideia, como eles apresentam no vídeo, é revolucionar a relação eleitor-candidato. A plataforma terá código aberto e estará toda dentro do *Facebook*, para podermos usar o mesmo perfil e a mesma conexão. O Porto Alegre Como Vamos se apresenta como “um movimento da sociedade civil, apartidário, e que visa melhorar a cidade”¹⁵. Eles explicam no vídeo que a mudança tem que começar nas eleições, e falam que assim pode se iniciar uma nova forma de mobilização.

Esse vídeo foi feito para ser postado¹⁶ no Catarse (*catarse.me*), uma plataforma para viabilizar a realização de projetos criativos. O Catarse consta na lista de sites de *crowdfunding* no Brasil¹⁷, apresentada por Wagner Tamanha em seu blog. Há quem critique a ideia¹⁸, dizendo que *crowdfunding* virou piada no Brasil, mas há também quem apoie, e muito, essa ideia de que a internet pode ajudar a promover a união de muitas pessoas para financiar uma causa na qual acreditam.

15 de junho de 2012 - Campo: Sim, superfinanciado.

Plin! Acabou o tempo para o projeto Voto Como Vamos, do coletivo Porto Alegre Como Vamos, ser financiado no Catarse. O pessoal tinha um prazo (até hoje) para entrar na plataforma e financiar uma parte do projeto. O Voto Como Vamos foi super-financiado: o valor requerido para que o projeto fosse financiado era de R\$12.500,00, mas com a contribuição de 257 pessoas, o projeto foi financiado em R\$15.600,00. *Crowdfunded*.

15 de agosto de 2012 - Campo: (ciber)espaço num evento off-line.

Recebi a divulgação de um evento imperdível para uma portadora de inquietações como as minhas. Compareci. O nome do evento: “Transvenção Lab, Poa Como Vamos e Shoot the Shit falam sobre Ativismo 2.0”. Foi realizado pelos próprios participantes de cada um desses coletivos, que apresentaram, num primeiro momento, cada um dos projetos, o

¹⁵ <<http://www.youtube.com/watch?v=jmRXtUTwXQg>>.

¹⁶ <<http://catarse.me/en/projects/694-voto-como-vamos>>.

¹⁷ <<http://wagnertamanaha.blogspot.com.br/2012/03/lista-de-sites-de-crowdfunding.html>>.

¹⁸ <<http://colunas.revistaepocanegocios.globo.com/tecneira/2012/03/30/crowdfunding-apoio-do-governo-nos-eua-motivo-de-piada-no-brasil/>>.

objetivo, e como veem a própria proposta. Depois, o grupo abriu para uma discussão, respondendo perguntas do público presente sobre ativismo e assuntos complementares.

Pedi para gravar o evento, a fim de depois poder usar para pensar meu trabalho de dissertação. Todos eles aceitaram e me ofereceram um lugar à frente para que o gravador captasse melhor o som da voz.

Parece ganhar importância o fato de que eles se identificam entre si, na motivação de promover ações ativistas na “era 2.0”. Falaram sobre ativismo de sofá, dizendo que ele funciona sim, porque faz as pessoas pensarem, abrirem a cabeça. Também contaram a experiência de construir suas produções e concordaram com o fato de que os três coletivos ali presentes promovem ativismo 2.0.

16 de agosto de 2012 -Evento Offline está Online.

O evento de ontem está em muitas janelas que hoje eu já abri¹⁹. De fato foi marcante, tanto a apresentação de cada coletivo, expondo sua proposta e a relação com ativismo 2.0, quanto o relato que os participantes fizeram de como têm trabalhado suas ideias dentro do coletivo do qual fazem parte. O pessoal do Transvenção Lab expôs que quer estimular os cidadãos a olhar a cidade de forma crítica. Para isso, utilizam a internet para que sejam criadas redes e assim multiplicar, mas nem todos os seus projetos são online. Na apresentação do Shoot the Shit, tudo partiu da premissa de que existem três tipos de pessoas: as que reclamam, as que fazem e as que ajudam a fazer. Eles se voltaram à importância de nos vermos mais como quem faz e quem ajuda, em vez de simplesmente reclamar mas não produzir mudanças no mundo. Já o coletivo Porto Alegre Como Vamos apresentou um de seus projetos: é uma plataforma chamada Voto como Vamos, que tem o objetivo de aproximar os cidadãos da política e dos políticos. Reconhecem como um desafio fazer com que as pessoas se interessem mais por política. De forma geral, produzir mudanças no mundo esteve em pauta durante todo o evento e parece ser o elemento unificador entre as diferentes propostas.

21 de agosto de 2012 - Campo: vagas abertas para maturação de ideias e projetos.

No site do Transvenção Lab, o link notícias traz essa manchete “TransLab abre as portas para novos membros”²⁰. Transvenção LAB, diz o site, “é uma proposta de medialab para Porto Alegre, um espaço para planejamento e criação de iniciativas de inovação para a

¹⁹ Como por exemplo, <<http://gabinetedigital.rs.gov.br/post/3191/>> ;

<<http://www.youtube.com/watch?v=eIU4m4LsByqI>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=zVnSh0bBO3o>>.

²⁰ <<http://transvencaolab.net/translab-abre-as-portas-para-novos-membros/>>.

cidade.” Para participar, é só fazer o cadastro até às 17h do dia 28 e comparecer às reuniões quinzenais às terças-feiras.

O Transvenção Lab funciona em encontros presenciais, vivenciados em três níveis de envolvimento. Os encontros ocorrem no Nós Coworking²¹ (um espaço de trabalho compartilhado) quinzenalmente, e cada grupo deve passar por três etapas. Essas etapas definem níveis de maturação que conduzem os processos de planejamento, criação e viabilidade de cada iniciativa de inovação para a cidade. Eu nos inscrevi para receber as novidades.

12 de novembro de 2012 - Bola de neve, você está ficando grande!

Demos início aos e-mails de convite para os grupos focais. Enviamos e-mail aos participantes de produções colaborativas (as que já conhecemos até agora: Shoot the Shit, Porto Alegre Como Vamos e Benfeitoria) convidando para participar da pesquisa e solicitando que indiquem outras produções que eles considerem parecidas com as deles.

- O Shoot the Shit confirmou presença e indicou o portoalegre.cc²², o TransLab²³, o Nós.Vc²⁴, o Porto Alegre Como Vamos²⁵ e o RUA (Rastro Urbano de Amor)²⁶.

- Fizemos contato com eles e recebemos mais indicações: um integrante do Porto Alegre Como Vamos indicou a Casa Fora do Eixo de Porto Alegre²⁷, a Casa de Cultura Digital²⁸, e o Oasis²⁹.

- Outro participante do Porto Alegre Como Vamos indicou o Oasis, a Colmeia (de Araranguá) e o Cidade Baixa em Alta³⁰.

- O RUA indicou o Cabaré do Verbo³¹.

- O integrante do Benfeitoria disse que gostaria muito de participar mas, por morar no Rio de Janeiro, não pode estar presente. Indicou o Nós.Vc, o TransLab, o Portoalegre.cc, o Shoot the Shit, e o Catarse.

A bola rolou, contatei um ou mais participantes de cada projeto (todos por meio do *Facebook*, em mensagens *inbox*) e fechei a data para o primeiro grupo focal: dia 26 de novembro. Alguns deles chamaram outros integrantes do mesmo coletivo, outros vão

²¹ <<http://www.noscoworking.com.br/>>.

²² <portoalegre.cc>.

²³ <<http://transvencaolab.net>>.

²⁴ <<http://nos.vc>>.

²⁵ <<http://blog.poacomovamos.org/>>.

²⁶ <<http://www.facebook.com/RUApoa>>.

²⁷ <<http://www.facebook.com/foradoeixo>>.

²⁸ <<http://www.facebook.com/ccdpoa>>.

²⁹ <<http://www.facebook.com/projetooasis.netimpact?fref=ts>>.

³⁰ <<http://www.facebook.com/CidadeBaixaEmAlta?fref=ts>>.

³¹ <<http://www.facebook.com/cabaredoverbo>>.

sozinhos, outros ainda não confirmaram. E nós continuamos monitorando a caixa de mensagens do *Facebook*.

20 de novembro de 2012 - Campo: Fomos conhecer mais flocos de neve.

Os coletivos que já conhecíamos indicaram uns aos outros, ou seja, eles se articulam e/ou se identificam uns com os outros. Saí por aí buscando informações sobre aqueles que nos foram indicados (durante o convite aos participantes de produções colaborativas) para os Grupos Focais. Vamos às descobertas³²:

- Portoalegre.cc é um projeto que se propõe a concretizar o conceito de Wikicidade. Ou seja, é um espaço para que as pessoas digam o que a cidade tem de bom e o que nela pode ser melhorado. O projeto foi criado dentro da Unisinos, sendo “uma plataforma digital que permite a discussão da história, a realidade e o futuro de territórios específicos, e nasceu após a experiência liderada pela própria universidade no Parque da Redenção, o *redenção.cc* – Projeto pioneiro no Brasil.”³³ No site, o projeto é também apresentado como “um espaço de radicalização da democracia, onde as pessoas tem voz e vez para discutir a cidade.”

- RUA, a sigla de Rastro Urbano de Amor, é apresentado sua na *Fanpage* no *Facebook* como “um coletivo, um grupo de jovens inquietos por transformar a cidade em um lugar mais aprazível, poético e humano.” Os jovens complementam: “queremos provocar sorrisos, fazer uma quebra na rotina das pessoas que transitam pela sua cidade.” O coletivo desenvolve projetos como o Doe um Sorriso³⁴ (não há descrição no site, mas se assemelha a um evento em que as pessoas doaram seus sorrisos às fotos que compuseram depois um *tumblr*), o evento Do Sonho Uma Ponte³⁵ (um encontro coletivo para ocupar a Ponte da Pedra – Ponte dos Açores, monumento “um pouco esquecido da cidade de Porto Alegre”). Mais projetos desenvolvidos pelo RUA foram explicados na entrevista dada por uma co-fundadora do coletivo para o programa Conexão, do *tvradiounisinos*³⁶. Nela, a entrevistada a explica que o RUA nasce da ideia de fazer acontecer, de fazer uma cidade mais afetiva, intervenções que pudessem provocar. Começou de um desejo de transformação.

- Casa Fora do Eixo, que é “uma rede de coletivos, colaborativa e distribuída, constituída por mais de 200 pontos presentes em todo país”, conforme se apresenta na *Fanpage* do *Facebook*. Esse projeto aparece como uma rede de coletivos concebida por produtores culturais que queriam estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de

³² Apresentamos alguns desses coletivos. Outros são descritos no blog.

³³ <<http://portoalegre.cc>>.

³⁴ <<http://doe1sorriso.tumblr.com/>>.

³⁵ <<http://www.facebook.com/events/514697968548042/>>, mais sobre o evento no vídeo <<http://www.youtube.com/watch?v=kuOSwdnnDI4&feature=youtu.be>>.

³⁶ <<http://www.youtube.com/watch?v=yIL-eFizF68&feature=share&list=UUE7USICb6dF0Y968OIJ61LA>>

tecnologia de produção e o escoamento de produtos nesta rota que foi batizada “Circuito Fora do Eixo”. Entramos em contato com eles para convidar aos grupos focais e conhecer um pouco mais (já que ele foi indicado como um projeto semelhante aos demais que estamos nos propondo a estudar). Mas não recebemos resposta.

- Casa da Cultura Digital³⁷ se apresenta na sua *fanpage* no *Facebook*³⁸ como “um verdadeiro laboratório de vivências”, “um espaço e uma rede de trabalho colaborativo.” Conforme ali escrito, está “em busca de uma ética da colaboração, onde aqueles que se lançam ao mesmo desafio são aliados na busca de respostas.”

- Oasis é um projeto que tem uma página de perfil no *Facebook*, em vez de *fanpage*. Apresenta-se como “uma metodologia social do Instituto Elos³⁹ que, através da parceria com a Net Impact⁴⁰ pretende realizar uma ação de impacto em uma comunidade de Porto Alegre (no caso, a Vila Bom Jesus).” Essa metodologia funciona como um jogo: “O Jogo Oasis é um evento de dois dias, que convida uma comunidade a projetar e construir de forma cooperativa um projeto desafiador escolhido pelos moradores para satisfazer suas necessidades, como uma praça, um parque, uma creche ou um centro cultural.

- Cidade Baixa em Alta tem também uma *Fanpage* no *Facebook*⁴¹, e preenche o link *Somos* com um mapa de sua localização através de um link do *Google Maps*. Parece ser um grupo que se mobiliza para ações no Bairro Cidade Baixa em Porto Alegre. Divulgam programações culturais no Bairro e promovem (como se vê em algumas fotos postadas na plataforma) ações como o Teste Rápido de HIV no Dia Mundial de Combate à AIDS⁴² e a Ação de Conscientização sobre Recolhimento do Óleo de Cozinha⁴³.

- O Cabaré do Verbo é constituído por “oito integrantes ativos que articulam um coletivo mais amplo de mais de 250 artistas/grupos/coletivos articulados com as atividades da mostra, das intervenções urbanas e oficinas.” Na apresentação do projeto em sua página no *Facebook*, o grupo aponta Amor como sua religião, e Arte como sua preferência Política.

O que parece que tudo isso tem em comum? Porque os outros coletivos se identificam com esses? Queremos muito descobrir.

³⁷ <<http://www.casadaculturadigital.com.br/poa>>.

³⁸ <<http://www.facebook.com/ccdpoa/info>>.

³⁹ <<http://elosbrasil.org/metodologias/oasis/>>.

⁴⁰ <<http://www.netimpactpoa.org>>.

⁴¹ <<http://www.facebook.com/CidadeBaixaEmAlta?fref=ts>>.

⁴² <<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=540786135951523&set=a.433910896639048.115084.433841859979285&type=1&theater>>.

⁴³ <<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=534369296593207&set=a.524928540870616.135977.433841859979285&type=1&theater>>.

26 de novembro - Grupo Focal: ao que parece, a bola de neve agora se chama A Rede.

Aconteceu o primeiro Grupo Focal da nossa pesquisa. Antes ainda da análise o que temos é um conjunto de sensações, dois gravadores com as falas todas registradas e a curiosidade de ouvir de novo e começar a fazer uma análise mais profunda, agora junto da orientadora e do grupo de pesquisa. É cedo para passar mais impressões para o papel. E parece tarde para continuar escrevendo (o grupo durou quase três horas, embora seu final tenha sido anunciado após exatas duas horas de interação). A maioria dos integrantes do grupo se conhecia, mas a maioria deles (também) nunca tinha se visto ainda. Todos, no entanto, tinham muitos amigos e/ou conhecidos em comum, e começaram a chamar essa interação prévia entre eles de Rede. Afirmaram já haver uma rede tramada entre eles.

Ao terminar, agradeceram a oportunidade de poderem ter participado – e se conhecido – e quiseram trocar telefones e contatos (por *Facebook*) entre si. Também contribuíram para que a bola de neve seguisse rolando: indicaram algumas pessoas que, dentro ou fora de algum coletivo específico – se dedicavam à mesma causa pela qual eles estavam ali.

Que venham os próximos Grupos Focais, as análises, a análise em conjunto (com os participantes), os artigos... e um pouco de entendimento para esse mundo de sentimentos que estão em nós, para os discursos que ouvimos nos grupos e para os conteúdos que lemos, assistimos e penetramos no ciberespaço.

Fica em mim, Fernanda-misturada, por ora entusiasmo, que me parece ter sido um pouco absorvido do entusiasmo do grupo. Tenho vontade de aprender com tudo isso, mas, confesso, pressinto uma espécie de vazio quando as sensações incríveis passarem e nós formos em busca de compreender mais. O que causa isso pode ser essa estranha caminhada do senso comum à ciência.

Os links para os quais apontam as notas de rodapé desse quase-blog⁴⁴ levam a sites, vídeos, discursos e produções que indicam uma direção para a mudança da cidade, de algum tipo de comportamento ou até na forma como se faz democracia⁴⁵. É, de algum modo, uma proposta de transformação social isso que eles propõem? De que mudança de mundo se fala na produção desses discursos?

⁴⁴Quase-blog porque é off-line e se lê na linearidade imposta pela ordem das páginas.

⁴⁵Como o Porto Alegre Como Vamos, por exemplo, que propõe uma nova democracia.

Analisando: Coordenadas para o pouso em busca de sentido(s)

Antes de encontrar o formato de blog para a história contada, a questão que buscava algum pouso seguro era a de como narrar uma experiência. Agora, o desafio mora na intenção de tornar esse relato instrumento para uma análise crítica, tal como pressupõe a Psicologia Social Crítica.

A consciência crítica, segundo Roso (2007), “é o elemento fundamental para fazermos uma psicologia da saúde transformadora. Essa mudança é paradigmática; ela exige que se critique constantemente a ciência *per se* e alguns conceitos estanques que estão concatenados e amalgamados no tempo” (p. 87). Santos (2009), por sua vez, entende que a teoria crítica é aquela “que não reduz a ‘realidade’ ao que existe” (p. 23). A análise crítica do que existe, diz o mesmo autor, “assenta no pressuposto de que a existência não esgota as possibilidades da existência e que, portanto, há alternativas suscetíveis de superar o que é criticável no que existe” (2009, p. 23). Assim, os achados relatado sem linguagem de blog parecem agora ser produtores do desconforto necessário para que queiramos teorizar e superar a existência dos fatos em si.

Começamos procurando compreender de que modo nos colocamos em relação com o texto criado e escrito nesse sobrevoo que vivenciamos. A experiência de bloggear foi produzida em conjunto, enquanto alguns posts foram escritos na primeira pessoa do singular. Podemos evidenciar, então, que há algo de singular no agenciamento da escrita. Mas todo agenciamento comporta, ao mesmo tempo, o social, por isso é um agenciamento da ordem do coletivo – um agenciamento maquínico, diriam Deleuze e Guattari (1995), que garante “a mistura de corpos reagindo um sobre os outros” (p. 33): da autora da pesquisa, orientadora, participantes no grupo de pesquisa e colaboradores em rede.⁴⁶

Nosso sobrevoo se iniciou sem um objetivo específico, como quer muitas das pesquisas em pesquisa qualitativa. Observando, rastreando e até tocando ainda que suavemente nosso objeto de estudo: (Ciber)ativismo, Produção Colaborativa e Construção de Subjetividades na Sociedade em Rede. Aos poucos, a pergunta inicial que movia nossa curiosidade, desejo e interesses de pesquisa – como as subjetividades se configuram, e/ou se constroem, na produção de discursos em espaços sociais colaborativos na internet – foi se bifurcando, gerando sinapses, configurando algo que se parece com um rizoma⁴⁷, no sentido

⁴⁶ Convidamos o leitor para conhecer mais sobre as pesquisadoras nos links <http://www.sociedadeemrede.com/#!adriane-roso/c101j> ; <http://www.sociedadeemrede.com/#!fernanda-martins/c1mxh>

⁴⁷ Ao contrário da lógica da árvore, que tem uma raiz e segue uma lógica binária e hierárquica, o rizoma segue a lógica da ramificação e “procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo,

empregado por Deleuze e Guattari (2006). Também a ordem dada aos momentos que “fotografamos” ao escrever cada post do blog parece reproduzir a lógica da ramificação que segue o rizoma. Acabamos por construir nesse relato uma espécie de cadeia de pensamentos, que sabemos estar em constante movimento. Reconhecemos, por outro lado, que ao reproduzirmos essa cadeia não deixamos de estar produzindo um decalque de determinados instantes relatados.

“Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução” (DELEUZE & GUATTARI, 2006, p. 8). O decalque, então, é da ordem arborificada e o mapa, que pode ser modificado e sobre o qual se pode colar decalques, é da ordem do rizoma. Deleuze e Guattari (2006) elaboram seis princípios, para que tenhamos algumas pistas sobre a produção de um rizoma. No 5º princípio, a cartografia, os autores explicam que “diferente é o rizoma, mapa e não decalque” (2006, p. 8). Mas o quarto princípio, chamado o princípio de ruptura a-significante, nos faz compreender também que uma linha de um rizoma pode, a qualquer momento, ganhar características de árvore (e teremos estruturas hierarquizadas e ordenadas dentro de um rizoma). Um lugar qualquer de um rizoma pode ser rompido e/ou retomado, segundo uma ou outra de suas linhas e ainda segundo outras linhas. Com isso, compreendemos que, no rizoma, uma linha que leva a processos de aumento de território, de desterritorialização, e/ou se constitui como linha de fuga (seguindo a ordem do rizoma), pode se tornar, ao longo de seu percurso, uma estrutura arborificada. “O rizoma pode tanto acabar produzindo uma árvore numa linha de fuga, quanto produzindo linhas de fuga em sistemas hierarquizados” (FERREIRA, 2008, p. 36).

Ao bloggarmos ações sociais, sobrevoamos o campo do sentido e da subjetividade, uma vez que “as produções de sentido subjetivo⁴⁸ são inseparáveis da organização subjetiva atual dos sistemas humanos que se interpenetram na produção de qualquer ato humano”

ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso. (...) Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significativo, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de ‘devires’” (DELEUZE & GUATTARI, 2006, p. 15).

⁴⁸“O sentido subjetivo é a forma pela qual a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social, assim como todas as condições objetivas de vida do mundo social, se organizam numa dimensão emocional e simbólica, possibilitando ao homem e a seus distintos espaços sociais novas práticas que em seus desdobramentos e nos processos emergentes que vão se produzindo nesse caminho, constituem o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, dentro dos novos contextos de organização social que, por sua vez, participam da definição desses processos e se transformam no curso dos mesmos” (GONZÁLEZ REY, 2007, p. 174).

(GONZÁLEZ REY, 2007, p. 172-173). As janelas que abrimos e os diálogos que vivemos durante a construção da observação participante nos conduzem num percurso que instiga nosso interesse por estudar a construção de subjetividades. Com isso, reconhecemos a importância de compreender melhor em que visão de mundo se apoiam as produções estudadas e suas propostas colaborativas. Uma visão de mundo, como explica Roso:

[...] é como alguém enxerga, percebe, e interpreta as pessoas e as coisas que o rodeiam, ou seja, é como alguém dá sentido e significado àquilo que o cerca. Mas, ao mesmo tempo, essa visão de mundo é construída a partir de uma prática, de um ‘se colocar’ no mundo; é uma construção dialética entre enxergar, perceber e agir (2007, p. 81).

Seria a colaboração uma proposta produzida por determinado(s) modo(s) de se colocar no mundo? Que visão de mundo estaria dando base e permeando a proposta colaborativa de produções como Shoot the Shit, Porto Alegre Como Vamos, Nos.Vc, RUA, TransvençãoLab etc? Essas perguntas nos levam a assinalar algumas impressões que tivemos durante a construção do blog.

No fluxo de indicações e informações, que nos levaram a sentir a grande bola de neve que se formou ao longo da produção do blog, contatamos muitas pessoas. Cada uma delas forneceu informações, comunicou impressões e algumas ainda indicaram leituras e novas referências para nossa familiarização com o assunto. É quase como se o *Facebook* fosse uma espécie de Comunidade de Prática online (CoP). Uma CoP online envolve um grupo de pessoas que detêm conhecimento de como realizar uma atividade e que estabelecem diálogos entre si com vistas a aprenderem a fazer melhor o que já sabem fazer (WENGER, 1998). A UNESCO, por exemplo, reconhece o valor das CoP para a área da educação (MARTINS, 2005).

Entretanto, em alguns momentos, o fluxo de informações que sobrevoamos no *Facebook* nos leva à percepção de que as pessoas indicam umas às outras, dialogam e realizam atividades não somente (e/ou não sempre) para aprender. Talvez os sentidos atribuídos ao conceito de colaboração é que devam ser investigados para que compreendamos essa nossa percepção. Interagindo com as *fanpages* das produções colaborativas no *Facebook*, com alguns de seus participantes, e observando os *posts*, os compartilhamentos e as curtidas⁴⁹ que aparecem em suas Linhas do Tempo, temos a impressão de que a colaboração é um valor do qual sujeitos, coletivos e/ou empresas se apropriam, significando-a como objeto de

⁴⁹No *Facebook*, cada post que aparece na linha do tempo de um usuário vem acompanhado da opção “Curtir”. Já os posts que vêm divulgando um link ou uma imagem oferecem, além da opção “Curtir”, a opção “Compartilhar” para que o usuário clique e o mesmo link ou imagem apareçam agora na sua linha do tempo. Assim, um usuário do *Facebook* pode ser reconhecido também pelo que curte e compartilha na plataforma dessa rede social.

consumo. Essa impressão se sustenta no pressuposto de que “em especial numa perspectiva contemporânea, [...] não se consome somente produtos materiais, mas também signos, representações, enfim, intensa produção simbólica” (VERONESE, 2007, p. 44-45). Sendo assim, a colaboração— ou o discurso em defesa dela — parece ter uma funcionalidade para quem a cita ou a consome. Um usuário do *Facebook* que compartilha o link do site de uma produção colaborativa ou simplesmente curte, comunica que a consome, que compra a ideia. “Dar um *Curtir*” na peça de divulgação de uma produção colaborativa pode significar concordar com ela, participar dela, ver-se também como um sujeito colaborativo. Isso nos leva ver a proposta de colaboração como demarcador simbólico, que gera sensação de pertença, exclusão ou inclusão em grupos sociais ou territórios. Relacionamos essa impressão à especificidade, assinalada por Veronese, da “forma que a cultura ocidental globalizada reproduz as práticas de consumo ligadas a uma esfera imaterial, onde imagens – ou desejos de imagens – são consumidas e subjetivam indivíduos e coletivos ao redor do planeta” (2007, p. 48).

Perguntando-nos sobre os sentidos atribuídos à colaboração e também às produções agenciadas pelos coletivos, no início chegamos a pensar nas iniciativas de produção colaborativa como o que Castells (2007) chamou de Movimentos Sociais em sua obra *O Poder da Identidade*⁵⁰. Porém, compreendemos haver incongruência nessa associação, uma vez que os Movimentos Sociais constituem uma forte relação com a identidade e se caracterizam pela luta por uma causa.

Também não nos parece que os Novos Movimentos Sociais possam ser associados às produções dos coletivos que conhecemos durante a construção do blog. Segundo Boaventura de Souza Santos, os Novos Movimentos Sociais se constituem pela crítica da regulação social capitalista e da emancipação social socialista, pois identificam novas formas de opressão que extravasam as relações de produção e denunciam, com uma radicalidade sem precedentes, os excessos de regulação da modernidade, que atingem o modo como se trabalha e produz, o modo como se descansa e vive; a pobreza e as assimetrias das relações sociais que “não atingem especificamente uma classe social e sim grupos sociais transclassistas ou mesmo a sociedade no seu todo” (SANTOS, 2010, p. 258).

⁵⁰Castells (2001), estudando os movimentos sociais, organiza os dados em categorias nos termos da tipologia clássica de Alain Touraine (1965, 1966), que define movimento social de acordo com três princípios: a identidade do movimento, o seu adversário e a visão ou modelo social do movimento, que Castells (2001) denominou objetivo. Nessa perspectiva, para Castells (2001), identidade refere-se à autodefinição do movimento, sobre o que ele é, e em nome de quem se pronuncia. Adversário refere-se ao principal inimigo do movimento, conforme o expressamente declarado pelo próprio movimento; e objetivo refere-se à visão do movimento sobre o tipo de ordem ou organização social que procura no horizonte histórico da ação coletiva que promove.

Como disse Gohn (2008), neste novo século, novos sujeitos entram em cena, na qual as lutas têm assumido uma nova forma e caráter, onde não se luta apenas por resistência e não se limitando à política, à religião ou às demandas trabalhistas e socioeconômicas. A luta de direitos correspondem ao reconhecimento de culturas, identitários e da própria existência, como, por exemplo, é a luta dos movimentos étnicos (indígenas, negros), movimentos das mulheres e dos gays, entre outros (GOHN, 2008).

A impressão que fica, de qualquer forma, é a de que a busca por transformação social está muito presente nas ideias que circulam nas produções colaborativas. A proposta de “estimular os cidadãos a olhar a cidade de forma crítica” (da Transvenção Lab), o objetivo de “aproximar os cidadãos da política e dos políticos” (como propõe o Voto Como Vamos), e a ideia de buscar conhecimento fora da academia ou da escola, criando outro lugar e formato para ensinar e aprender (Nós.Vc) – assim como as propostas de outros coletivos apresentadas no blog – são exemplos de que o propósito dos coletivos parece pressupor algum tipo de transformação na sociedade. Somos levadas a nos perguntar, então, sobre que transformação é essa – ou são essas – que se busca nas produções colaborativas e/ou nos coletivos que se configuram em função delas.

A proposta do Nós.Vc, por exemplo, se volta à aprendizagem. Não se restringe a um tipo específico de conhecimento, pode ser agenciado em qualquer lugar e do modo como o protagonista do “encontro” quiser propor. Seria a tentativa de promover ensino fora das instituições formais? Levar o ensino para fora das escolas e da academia? Talvez se consistiria em um espaço de educação não formal, ou seja, “aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos” (GOHN, 2006, p.28). Nessa modalidade de educação, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais. Ocorre em ambientes interativos e situações construídas coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos (GOHN, 2006).

Ainda não nos parece claro o critério que daria uma suposta unidade transformadora entre os diferentes coletivos. Tampouco conseguimos assinalar os aspectos de cada coletivo que nos fariam evidenciar quais são as estruturas e/ou os modelos que seu caráter transformador pretende denunciar e/ou contrariar. De qualquer forma, se os coletivos dizem ir ao encontro da transformação social, precisamos levar em conta, como assinala Mansano

citando Guattari, que “qualquer mudança social passa necessariamente por uma produção viva e mutante de subjetividades” (MANSANO, 2009, p. 112).

Pode ser também que a própria tentativa (nossa) de encontrar elementos unificadores das propostas desses coletivos e movimentos constitua uma contradição. A busca por elementos unificadores da transformação que os coletivos propõem parece muito ligada à ideia de que há uma só identidade nos participantes e/ou nos coletivos. Baseando-nos nas obras de Deleuze e Guattari (2006, 2004) para compreender subjetividade, não parece coerente combinar a subordinação ao regime identitário à busca por compreender processos de individuação ou de subjetivação⁵¹ na contemporaneidade. Nas palavras de Suely Rolnik (1996) fica mais clara a crítica ao regime identitário, bem como se compreende que as subjetividades são, por princípio, efêmeras:

a subjetividade, segundo os dois autores [Deleuze e Guattari], não é dada; ela é trabalhada por uma incansável produção que transborda o indivíduo por todos os lados. O que temos são processos de individuação ou de subjetivação, que se fazem nas conexões do desejo com fluxos heterogêneos que variam ao longo da existência, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras da subjetividade são por princípio efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e pessoais (1996, p. 16).

Entretanto, não nos parece que a crítica ao regime identitário, sozinha, seja suficiente para a problematização de como os agentes das produções colaborativas se situam e se subjetivam nos coletivos e nas ações que se propõem a produzir. Mesmo distantes da ideia de que o conceito de identidade atravessa essas produções e seus agentes, percebemos, nesses coletivos e suas propostas, a (re)produção de padrões (de consumo de ícones, imagens, valores) em seus discursos. Algumas figuras podem ter sido construídas e delineadas de acordo com órbitas do mercado, acabando por (re)configurar subjetividades.

De um lado as produções colaborativas parecem colocar em evidência o efêmero, as multiplicidades, o compartilhamento de ideias diferentes. De outro, os coletivos passam a impressão de reproduzir um discurso que porta conceitos de cidadania, transformação e colaboração, dos quais algumas órbitas do mercado e a visão neoliberal também, ou antes ainda, por vezes se apropriam. Roso (2007) esclarece que na soberania de uma política

⁵¹Os processos de individuação e de subjetivação se constituem no agenciamento de intensidades, nos fluxos que atravessam as subjetividades: “As subjetividades encontram-se hoje atravessadas por uma infinidade cambiante de fluxos heterogêneos, tomadas por intensidades das mais variadas. Nessas condições, revela-se sua natureza de sistema complexo, heterogenético e distante do equilíbrio. Mais do que subjetividades, o que temos são processos de individuação ou subjetivação - complexa operação de agenciamento de intensidades, que não esgota tais intensidades e seu potencial de gerar outros devires. O indivíduo está sempre implicado no exercício de sua individuação, no contexto de um sistema metaestável de singularidades pré-individuais e pessoais” (ROLNIK, 1996, p. 13).

neoliberal tudo é permitido em nome da liberdade, e a democracia se torna sinal de salvação para qualquer caos ou problema.

A filosofia liberal engendrou práticas sociais liberais: solidariedade liberal, mascaramento nas relações ao invés de compreensão e autocompreensão das diferenças, e legalização ao invés de participação. Isto impediu a verdadeira emancipação das pessoas e, no lugar dela, emergiu uma cidadania liberal, reguladora, atomizante e estatizante (ROSO, 2007, p. 84).

Poderíamos considerar que os coletivos propõem Movimentos Sociais baseados na cosmovisão individualista-liberal⁵²? Ainda parece cedo para tentar responder.

Nesse ponto, a busca de sentido(s) para nossas impressões nos leva ao interesse por estudar sobre as subjetividades que o neoliberalismo tende a produzir. Ou ainda, uma vez que o capitalismo, e em grande parte os processos de globalização sustenta-se na cosmovisão individualista-liberal, essa busca nos conduz ao estudo da produção da subjetividade dominante na era do capitalismo globalizado.

A visão de que o modelo capitalista é um modelo de modelo, uma redução modelizadora, como afirmam Guattari e Rolnik (1986), traz possíveis coordenadas para a discussão. Nessa perspectiva, compreende-se que a estratégia do capitalismo voltou-se à produção de subjetividades moldadas conforme seus interesses. A formação maquínica e em série da subjetividade capitalística, segundo os autores, bloqueia os processos de singularização, que são compreendidos como uma forma de resistência aos modos de subjetivação capitalística.

Os processos de singularização estão relacionados à tentativa de produzir modos de subjetividade originais e singulares. Trata-se de movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção. “O que interessa à subjetividade capitalística, não é o processo de singularização, mas justamente esse resultado do processo, resultado de sua circunscrição a modos de identificação dessa subjetividade dominante” (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 69).

Como se situam os agentes das produções colaborativas? Os movimentos que eles propõem pendem à reprodução de símbolos e sentidos já configurados pelos valores que sustentam o capitalismo neoliberal? Ou podemos pensar suas propostas como constituintes de processos de singularização?

⁵²Roso (2007) expõe as características mais marcantes do mundo moderno calcado na filosofia individualista-liberal.

Considerações Finais

Nesse manuscrito buscamos apresentar um modo de entrar no mundo dos fenômenos a estudar, levando em conta sempre que nós, pesquisadoras, estamos implicadas no ciberespaço. O sobrevoo que nos preparamos fazer não quis trazer respostas, mas potencializar modos de ver e fazer pesquisa.

Materializamos essa etapa da pesquisa com um blog, e muitas impressões para as quais produzimos e seguiremos agora produzindo sentidos. À procura de coordenadas para o pouso, chegamos a interrogações e elas despertam “novas” vontades. Surge o interesse por problematizar nossas perguntas junto aos agentes sociais que defendem a colaboração, construir o conhecimento no diálogo com os participantes da pesquisa. Durante a construção do Blog levantamos mais perguntas que nos ajudaram a traçar novos percursos de pesquisa. Por meio da ética da interrogação, estamos um pouco mais seguras para partir às novas dobras desse estudo: a análise dos discursos expostos tanto em sites dos coletivos, quanto dos Grupos Focais realizados com representantes/participantes dessas produções colaborativas aqui explicitadas. Em outro momento, estaremos escrevendo sobre esses processos também. Por ora fica o desejo de que o nosso voo apresentado até aqui potencialize nosso mergulho em direções difusas nos entrelaçando nos infinitos nós dessa Rede.

As impressões nos levam a questionamentos sobre a visão de mundo que sustenta as produções baseadas no discurso da colaboração. As propostas de transformação social e o apelo pela colaboração parecem ser apoiadas na vontade de contrapor o individualismo característico do sistema neoliberal. Ao mesmo tempo, porém, nos parece que são regidas pela lógica das órbitas de mercado que compõem esse mesmo sistema. Conforme já assinalamos, a estratégia do capitalismo e sistema neoliberal se volta à produção de sentidos que delinearão subjetividades conforme seus interesses. Estudando as produções colaborativas, encontramos nos agenciamentos dessas produções tanto a reprodução de valores capitalistas neoliberais, quanto também movimentos de fuga desse mesmo sistema.

Os projetos e as propostas dos coletivos geram a impressão de terem sido agenciados como “um-sozinho”, à medida que não encontramos uma unidade transformadora (um modelo de transformação comum) nas diferentes operações e produções propostas por eles. Entretanto, mesmo em operações que parecem um tanto solitárias, emergem projetos carregados do desejo de colaborar e de partilhar. Nosso sobrevoo leva a supor que, talvez, cada produção colaborativa seja “um-sozinho” mascarada com a veste de coletivo. Nesse sentido, pode-se considerar que o sistema neoliberal é forte o suficiente para dar forma ora

aos sentidos subjetivos que delineiam as produções e seus agentes, ora (também) às máscaras que cobrem seu semblante.

Parece haver, então, a potente busca pela coletividade nas produções colaborativas, mesmo que sejam viabilizadas por meio de operações que aqui relacionamos ao conceito de “um-sozinho”. Talvez os próprios agentes se vejam como “um-sozinho” e, por isso, deixem em nós a impressão de que agenciam operações quase que solitárias. Ao nos vermos como “um-sozinho”, negamos a possibilidade de dialogar, de nos relacionar com o Outro, de questionar nossas produções e nosso lugar no mundo. Já a busca por participação pode ser uma tentativa de afirmar a possibilidade de libertação do individualismo proposto pelo sistema neoliberal e talvez ela contribua para que a ética do cuidado (ROSO, 2007) seja estimulada. Assim, o discurso da participação e da colaboração – que constantemente encontramos nessas produções – parece ser sim constituinte de uma busca por construir propostas e ações que transformem a sociedade. Não foi nosso objetivo nesse artigo descobrir em que direção aponta a transformação, embora tenhamos buscado alguns vestígios.

Avistamos nesse sobrevoo pistas para compreender em que direção se movimentariam as transformações propostas nas produções dos coletivos estudados – e talvez até questionar se elas são transformadoras. Com esperança, enxergamos que a intenção de partilhar talvez nasça da busca pelo distanciamento do individualismo em direção à ética do cuidado. Se for assim, podemos pensar que a consciência crítica e a responsabilidade venham a sustentar sentidos e significados que contribuam para a configuração das subjetividades e para a produção de saúde em tempos de sociedade em rede.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução de Alexandra Lemos e Rita Espanha. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

_____. *A sociedade em rede – volume I: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 14ª reimpressão. Tradução Ronei de Venancio Majer. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CECCIM, R. B. *Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva: formação em área profissional da saúde na modalidade educação pós-graduada em serviço*. V CONGRESSO INTERNACIONAL DE SAÚDE MENTAL E DIREITOS HUMANOS E I FÓRUM SOCIAL DE SAÚDE COLETIVA. Buenos Aires: Universidad Popular de las Madres de La Plaza de Mayo, Nov. 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 2.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1.* Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão – 2006.

_____. *O Anti-Édipo Capitalismo e Esquizofrenia 1.* Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Ed. Assírio & Alvim. Lisboa, 2004.

FERREIRA, Flavia Turino. *Rizoma: um método para as redes?*. Liinc em Revista, v.4, n.1, março 2008, Rio de Janeiro, 2008, p.28-40.

<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/251/142>

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal na pedagogia social*. In: Proceeding sof the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2006, São Paulo (SP) [online]. 2006. Acesso em 13 de fevereiro de 2013 de:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=iso> .

_____. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GONZÁLEZ REY, Luis Fernando. *As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural*. *Psicol. educ.* [online]. 2007, n.24, pp. 155-179. Link:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752007000100011&script=sci_arttext

_____. *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 3 Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia Social Crítica como Prática de Libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

HUDELSON, Patricia. *Qualitative Research for health programmes*. Geneva, Switzerland: World Health Association (WHO). Division of Mental Health, 1994.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os Contextos do Saber: Representações, comunidade e cultura*. Trad. Pedrinho Guareschi. Coleção Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KATZ, Hagai. *Global surveys or multi-national surveys? On sampling for global surveys*. Thoughts for the Globalization and Social Science Data Workshop, p. 4. UCSB, November 9, 2006. Disponível em: <http://www.global.ucsb.edu/orfaleacenter/conferences/ngoconference/Katz_for-UCSB-data-workshop.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2012

LISPECTOR, Clarisse. *A paixão segundo G.H.* São Paulo: Sabiá, 1964.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. *Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade*. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8, p. 110-117, 2009.

MARTINS, Tomás. *Concepção de uma Comunidade de Prática online : um estudo em torno da integração das TIC na disciplina EVT*. Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro, Mestrado em Multimédia em Educação. Orientação de Doutora Maria João Loureiro. Universidade de Aveiro, Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro, 2005. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1292/1/2007001198.pdf>. Acesso em 06 de jan. 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice: *O olho e o espírito* (Traduzido por Marilena de Souza Chauí). In: Merleau-Ponty. São Paulo, Abril Cultural (Col. Os Pensadores). 1984 a 1960.

MILLER, Jacques Alain. *Uma Fantasia*. *Opção Lacaniana*, 42, 7-18, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *A invenção da sociedade: sociologia e psicologia*. 4. Ed. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação liberdade, 1989.

_____. *Novas figuras do caos mutações da subjetividade contemporânea*. Texto apresentado em mesa redonda no III CONGRESSO INTERNACIONAL LATINO-AMERICANO DE SEMIÓTICA. PUC- SP, São Paulo, 04/09/1996.
<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>

ROSO, Adriane. *Psicologia social da saúde: tornamo-nos eternamente responsáveis por aqueles que cativamos*. *Aletheia*, n.26, p.80-94, jul./dez. 2007. De:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a08.pdf>

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 7 Ed – São Paulo: Cortez, 2009.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VERONESE, Marília. *Consumo, produção cotidiana da vida e solidariedade: as ausências e presença*. In: VERONESE, M.; GUARESCHI, P. (orgs). *Psicologia Social: Psicologia do Cotidiano*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. p. 41-60.

WENGER, Etienne. (1998). *Communities of Practice: Learning as a Social System*. Obtido em 18 de fevereiro de 2013, de Página pessoal de Wenger:
http://www.ewenger.com/pub/pub_systems_thinker_wrd.doc

**ARTIGO 2 - INVENÇÕES COLABORATIVAS NA SOCIEDADE EM REDE:
SUBJETIVIDADES E AGENCIAMENTOS COLETIVOS**

Invenções colaborativas na sociedade em rede: subjetividades e agenciamentos coletivos

Resumo

Esse artigo propõe uma reflexão sobre colaboração e construção de subjetividades na sociedade neoliberal capitalista e configurada em rede. Trata-se de uma análise dialógico-crítica da construção dos discursos produzidos em invenções colaborativas que promovem suas manifestações e divulgam suas ideias por meio do ciberespaço, buscando algum tipo de transformação social. São colocados em discussão os saberes expostos pelos coletivos, quando questionados sobre o que propõem nas suas produções e como agenciam coletivamente as invenções colaborativas. Os métodos utilizados para coleta de informações foram a observação de sites dos coletivos que promovem invenções colaborativas e a realização de grupos focais. As reflexões apontam para o reconhecimento de que as produções colaborativas são agenciadas em rede e tendem a propiciar processos de resistência, produtores da invenção em busca da transformação social.

Palavras-chave: Psicologia Social; Internet; Colaboração, Resistência, Invenção.

Collaborative Inventions in Network Society: subjectivity and collective arrangements

Abstract This article provides a reflection on how collaboration and subjectivity are produced in neoliberal capitalist network society. It proposes a critical analysis based on speeches that are produced by (and about) the construction of collaborative inventions that promote their events and disseminate their ideas through cyberspace, seeking some kind of social transformation. The knowledge exposed by collaborative collectives are put into discussion in order to contribute to a reflection on what they propose in their productions and how they arrange collectively the collaborative inventions. To collect information and speeches, the observation of collaborative productions/inventions sites was made and focus groups were conducted. Reflections leads to consider that collaborative productions are arranged in network and tend to provide resistance processes, that produce invention processes in search of social transformation.

Keywords: Social Psychology, Internet; Collaboration, Resistance, Invention.

Introdução

A globalização, o desenvolvimento de novas tecnologias e a configuração da "sociedade em rede" (CASTELLS, 2011) parecem trazer à humanidade desafios de natureza subjetiva. "As redes interativas de computadores crescem exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldam a vida e, ao mesmo tempo, são moldadas por ela" (CASTELLS, 1999, p. 40). O próprio capitalismo, sem deixar de ser capitalismo, é reestruturado.

A estrutura social que vem se formando a partir de tendências presentes nas últimas duas décadas do século XX foi denominada sociedade em rede por ser constituída por redes em todas as dimensões fundamentais da organização e da prática social (CASTELLS, 2011, p. II). Apesar de ser facilitada pela chegada da internet, essa configuração é mais relacionada ao processo de reestruturação capitalista do que determinada pelo desenvolvimento das tecnologias. De qualquer forma, as mudanças tecnológicas e as consequências delas são eventos que ocorrem em um contexto, com suas causas, suas demandas e agenciamentos, que produzem e atuam no espaço social em rede.

Consideramos que o contexto social é afetado não apenas pela estrutura, mas também por pessoas que produzem sentidos subjetivos diante das mudanças, pois o que existe é a indissociabilidade ser humano/natureza,

afirmando que a produção do mundo se realiza num processo que engendra as multiplicidades, pelas quais tudo pode se interpenetrar com tudo – sem hierarquia entre as instâncias individuais, coletivas e institucionais – mudando a natureza do que se vai produzindo (SILVA, 2011, p.173).

Nessa perspectiva, a produção de subjetividade se sustenta no princípio da diferença. Nele, “a realidade, produzida por fluxos de qualquer natureza, mantém-se em estado instituinte, mutante. Em eterno devir” (SILVA, 2011, p. 172) e essa visão contribui para pensarmos a produção de subjetividades na sociedade permeada por valores capitalistas neoliberais.

Deleuze e Parnet (1998) dizem que é a economia e o financiamento dos vastos agenciamentos como capitalismo (assim como acontece também no socialismo) “põem em jogo tipos de regimes, de signos e de máquinas abstratas bem diversas” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 92). No capitalismo, afirma Guattari (2006), a produção de subjetividade compõe toda e qualquer produção, uma vez que as forças sociais que administram o capitalismo produzem esquemas dominantes de percepção do mundo.

Referindo-se às transformações tecnológicas, o autor afirma a tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade, com o uso das tecnologias – do computador, por exemplo. Mas também alerta para a importância de evitar tanto qualquer ilusão progressista, quanto a visão sistematicamente pessimista:

A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor quanto para o pior. Existe uma atitude anti-modernista que consiste em rejeitar maciçamente as inovações tecnológicas, em particular as que estão ligadas à revolução informática. Entretanto, tal evolução maquínica não pode ser julgada nem positiva nem negativamente; tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação. O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a *mass-midialização* embrutecedora, à qual são condenados hoje em dia milhares de indivíduos (GUATTARI, 2006, p. 15-16).

É importante considerarmos ambos os resultados, a invenção ou a *mass-midialização*, mas, por ora, dirigiremos nosso olhar para a parte que concerne a invenção, mesmo cientes de que são partes que vivem concomitantemente. A invenção nos conduz a um conceito teórico importante que nos instrumentaliza a pensar sobre projetos colaborativos e produção de subjetividades na sociedade configurada em rede, tema desse manuscrito.

Para considerarmos as produções colaborativas em rede como agenciamentos coletivos, nos amparamos na concepção de Guattari e Rolnik (1986) de que “a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação” (p. 31). Admitimos, então, que as produções colaborativas são sempre compostas por multiplicidades de cartografias: a do Estado, a de cada participante da produção, a cartografia familiar, e também a cartografia das pesquisadoras. A interação dessas cartografias dá seu regime aos agenciamentos de subjetivação. Mas, nos avisa Guattari (1992),

não se poderá dizer de nenhuma dessas cartografias (...) que exprima um conhecimento científico da psique. Todas têm importância na medida em que escorram um certo contexto, um certo quadro, uma armadura existencial da situação subjetiva (GUATTARI, 2006, p. 22).

Do modo como entendemos, a produção de saberes e os agenciamentos dos discursos são sempre da ordem do coletivo. Isto quer dizer que os agenciamentos de enunciação “são abordados enquanto efeitos dos encontros (nunca coincidentes) de visibilidades e enunciabilidades constitutivos dos saberes, sobre os quais se exercem as relações de poder” (ROCHA, 2007, p.404). No enunciativo, o foco está sempre voltado para os seres de fala, internos à linguagem. Aponta para a maneira pela qual os sujeitos falantes agem na encenação do ato de comunicação (CHARADEAU, 2009).

Assim, ao nos direcionarmos àqueles que compõem e inventam produções colaborativas, podemos propor que abramos mão do termo protagonista para considera-los agentes coletivos. É com essa premissa que olhamos para os agenciamentos de enunciação e,

se pudermos assim chamar, as invenções colaborativas. Ou seja, ousamos relacionar os agenciamentos coletivos sobre os quais nos propomos a refletir, aos “processos de invenção” (KASTRUP, 2008, p. 120), que não pressupõem os sujeitos como fonte do processo de invenção, mas como um de seus produtos. O outro produto dos processos de invenção, para a autora, é o próprio mundo.

Pensar processos de invenção, nesse sentido, parece nos aproximar do que Deleuze e Parnet (1998) chamaram de funções criadoras, definidas como usos não conformes – do tipo rizoma⁵³ (e não mais árvore) –, uma vez que procedem por interseções, cruzamentos de linhas, pontos de encontro no meio:

não há sujeito, mas agenciamentos coletivos de enunciação; não há especificidades, mas populações, música-escritura-ciências-audiovisual, com suas substituições, seus ecos, suas interferências de trabalho (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 23).

Esses pressupostos delineiam o modo como vemos a produção de subjetividade para, depois, procedermos uma análise dos discursos enunciados coletivamente. Isto é, ao escutarmos, sentirmos, decantarmos e analisarmos os discursos, nos proporemos a vê-los como produzido por agenciamentos coletivos. Nesse sentido, é que poderíamos nos referir aos agenciamentos como processos sem sujeito, concordando com Deleuze e Parnet (1998) acima citados, no intuito de evitar a dicotomia entre sujeito e objeto, uma vez que consideramos a produção de subjetividade como um processo que acontece no e com sujeito e social, sem que possamos ver um separado do outro. Essa é justamente uma tarefa da psicologia social, que trata da relação entre ser humano e sociedade;

ela se centra na relação, mostrando que não há um sem o outro. Ela é a ciência do ‘entre’. Na Sociologia se acentua mais a sociedade, o ‘fora’. Já a Psicologia é tentada a acentuar mais o ‘indivíduo’, o ‘dentro’. A Psicologia Social junta os dois, mostra que um é impossível sem o outro. E essa ligação é tornada possível através de dois conceitos fundamentais: a consciência e a relação (GUARESCHI, 2005, p. 9).

Uma vez que faz uma crítica da psicologia social em si mesma, a Psicologia Social Crítica compõe os pressupostos epistemológicos dessa pesquisa. Ela nos leva a refletir de

⁵³ Ao contrário da lógica da árvore, que tem uma raiz e segue uma lógica binária e hierárquica, o rizoma segue a lógica da ramificação e “procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso. (...) Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de ‘devires’” (DELEUZE & GUATTARI, 2006, p. 15).

forma atenta e crítica sobre conceitos, discursos, enunciações e invenções. A Psicologia Social Crítica

propõe, e consegue muito bem, ser crítica em si mesma, no sentido de que as discussões para o interior delas mesmas são simplesmente sem fim. Isto quer dizer que o seu estado mesmo é crítico, está em crise, da melhor maneira possível, isto é, entendendo a crise como um momento livre da história ou desenvolvimento de alguma coisa: um momento que é indefinido, que não está determinado, e a partir do qual pode surgir qualquer coisa (MONTERO & CHRISTLIEB, 2003, p. 211).

Já o entendimento dos processos de produção de subjetividade, bem como do conceito de agenciamentos coletivos, são sustentadas nesse artigo pelas contribuições da filosofia da diferença. Ou seja, enquanto, por um lado, lançamos mão de conceitos propostos por autores que trabalham sob pressupostos da filosofia da diferença, a Psicologia Social Crítica constitui nosso modo de ver, embasando nossa tentativa de superar inúmeras dicotomias – tais como “entre indivíduo e sociedade; entre o externo e o interno; entre o corpo e a mente; entre o processo, o mutável, e a estrutura, o estável; entre o individual e o geral (social)” (GUARESCHI, 2005, p. 11). A Psicologia Social Crítica, então, nos permite caminhar pelo campo da relação, de um social dialético, para refletir sobre os discursos e as produções que esse artigo se propõe a estudar.

Recentemente, encontramos circulando no e com o ciberespaço a divulgação de eventos, projetos, intervenções nas cidades e movimentos civis que apresentam propostas ligadas à colaboração. As divulgações, convites e sites na internet se referem a ações que se propõem a, por exemplo, cuidar da cidade, trazer melhorias a um determinado espaço, promover convivência, aprendizagem, eventos e/ou encontros (e.g., *Shoot the Shit, Porto Alegre Como Vamos e Nós.vc*). Pode-se encontrar definições diferentes para os diferentes coletivos e produções, mas também é possível encontrar diferentes propostas em projetos e operações agenciadas pelo mesmo grupo de pessoas e/ou produção colaborativa. Há, sem dúvida, uma produção profícua de ideias e ações catapultadas pela rede.

A proposta desse artigo é construir uma discussão que nos permita refletir, na sociedade neoliberal capitalista e configurada em rede, sobre produções colaborativas, e construção de subjetividades. Trata-se de uma análise dialógico-crítica da construção dos discursos produzidos em invenções colaborativas que promovem suas manifestações e divulgam suas ideias por meio do ciberespaço, buscando algum tipo de transformação social. Especificamente, colocaremos em discussão os sentidos e significados atribuídos aos saberes que os coletivos trouxeram à tona, quando questionados sobre o que propõem nas suas produções e como agenciam coletivamente as invenções colaborativas. Para isso, quando

usamos o termo coletivo, o compreendemos como uma dimensão que vem denunciar a inadequação do binômio individual e social, como é dito por Rocha (2007):

tanto o individual quanto o social são atravessados por essa mesma dimensão do coletivo, a qual se define como impessoal (isto é, situado para além e aquém do pessoal); por extensão, o que se torna por individual ou por social é a representação da mistura de fluxos e de linhas de segmentaridade mais ou menos territorializada (ROCHA, 2007, p. 412).

Com base nessa visão, fomos a campo com o intuito de conhecer, a medida do possível, a manifestação do que é visível e enunciável nos agenciamentos coletivos que propõem a colaboração em projetos e operações circulados no (ciber)espaço. Os parênteses no termo (ciber)espaço se apresentam porque os agenciamentos (voltados à colaboração, aos quais nos referimos) se fazem ver nas ruas das cidades, nos jornais, e na web. Entretanto, se utilizam de ferramentas digitais e se apropriam da movimentação em rede que ela proporciona para divulgar suas ideias e/ou materializar seus processos de invenção. Embora já existam muitos estudos ligados à sociedade em rede, à cibercultura e aos efeitos que tais configurações trazem ao ser humano (e.g., CASTELLS, 2011; SANTAELLA, 2003; RUDIGGER, 2011; LÈVY 2008, LÈVY & LEMOS, 2010) consideramos que a importância em desenvolver o presente estudo está no fato de as produções colaborativas e seus agenciamentos coletivos estarem se tornando uma prática, e/ou um modo de manifestação, cada vez mais recorrentes em muitas partes do mundo (veja <http://sociedadeemrede.com>).

Utilizando a técnica de grupos focais, colhemos os discursos de diferentes invenções colaborativas agenciadas com diferentes nomes, objetivos e abordagens. Para fazê-lo, compreendemos discurso no sentido que Rocha (2007) propõe atualizar, visto como ponto de cruzamento, de articulação, de saberes e poderes. “De tal cruzamento configura-se uma dada forma-sujeito” (2007, p. 404). Temos, depois da realização dos grupos focais nessa pesquisa, muito mais saberes revelados do que páginas a serem escritas para pensarmos os saberes que revelam desejos, sentidos, significados. Como assinala Foucault,

por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (...) o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isso a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008, p. 10).

A análise dos discursos será feita em duas partes. A primeira, terá como princípio norteador a leitura atenta das propostas dos coletivos – tanto as expostas em sites e blogs quanto as apresentadas junto aos discursos colhidos em grupos focais. A segunda parte será dedicada à compreensão de como se agenciam coletivamente os coletivos. Buscamos, assim,

propor uma discussão que nos permita refletir sobre os sentidos e significados atribuídos às invenções, aos e pelos coletivos.

Método

Este é um estudo de abordagem qualitativa, tendo como característica a participação dos investigadores como parte do objeto investigado (Triviños, 1987). A escolha pela abordagem qualitativa se faz a partir do interesse das pesquisadoras em favorecer a riqueza no levantamento dos fenômenos estudados, sem perder de vista também que a pesquisa qualitativa propicia a modificação do próprio pesquisador. Tal possibilidade, entretanto, como diz Bachelard (1996), requer do pesquisador uma vigilância epistemológica, visto que deve fazer continuamente a revisão de suas ideologias e crenças, a fim de não distorcer o contexto investigado.

As técnicas escolhidas para levantamento das informações consistem em uma consulta atenta aos sites (e/ou páginas no *Facebook*) dos coletivos aqui estudados, e em grupos focais, que são adequados especialmente quando se deseja estudar o conhecimento (saber) das pessoas referente a uma situação ou objeto específico (ROSO, 1997). A visita aos sites e páginas no *Facebook* possibilitou que conhecêssemos o discurso referente às definições e propostas que as produções colaborativas expõem em suas divulgações na Web, para depois compará-lo, na medida do possível, com os discursos produzidos nos grupos focais. Já a escolha por realizar grupos focais se sustenta na medida em que “o grupo focal, por sua fundamentação na discursividade e interação, inscreve-se na tradição dialética, pressupondo a construção de conhecimento em espaços de intersubjetividade” (KIND, 2004, p. 134).

A seleção dos participantes foi intencional. Observando o fluxo de informações sobre propostas e projetos colaborativos promovidos na cidade de Porto Alegre (RS), as autoras tiveram o conhecimento de uma produção colaborativa em rede denominada “Shoot the Shit”⁵⁴, com a qual entraram em contato para sondar se os integrantes teriam interesse em participar de uma pesquisa no campo da psicologia social. Não recorremos ao mecanismo de busca do Google haja vista que uma característica marcante das novas gerações de usuários de internet e geradores de conteúdo na rede, em tempos de web 2.0, é o constante esforço em direção à não categorização de si e dos respectivos projetos. Assim, esses projetos colaborativos muito dificilmente são cadastrados em listas telefônicas, tampouco ligados a entidades civis registradas. Esse fato nos distancia da possibilidade de evidenciar os projetos

⁵⁴ Disponível em <http://www.facebook.com/shoottheshitws>

participantes da pesquisa através de uma abordagem àqueles que se utilizam uma palavra específica para definir-se no site, o que os tornaria de fácil acesso uma vez que se pudesse categorizar uma pesquisa em ferramentas de busca como o Google.com.

Frente à resposta positiva do Shoot the Shit, optamos por solicitar a esses agentes que indicassem nomes de outras produções com propostas semelhantes. Desse modo, já poderíamos considerar, no próprio processo de seleção dos participantes, importantes informações a respeito de como os primeiros agentes convidados a participar se vêm e com quem se identificam.

Os participantes desse estudo são pessoas com idade adulta, e integrantes de produções colaborativas na rede. Para serem incluídos no grupo de participantes dessa pesquisa, foi preciso que tivessem idade maior que 18 anos, e que fossem indicados por algum outro integrante de produção colaborativa que já tivesse sido indicado também para participar da pesquisa. Além disso, se optou que as produções na web fossem brasileiras, podendo ser movimentadas por iniciativa privada ou por sociedade.

O número de grupos focais do estudo foi determinado a partir do critério de saturação das informações obtidas. “Entende-se que a saturação é atingida quando a introdução de novas informações nos produtos da análise já não produz modificações nos resultados anteriormente atingidos” (MORAES, 2007, p. 199). Foram indicadas 23 pessoas para participar da pesquisa, das quais 13 compareceram – distribuídas em dois grupos focais, de acordo com disponibilidade de horários dos participantes. Mais integrantes foram indicados em meio às falas produzidas nos grupos focais, mas as pesquisadoras optaram por realizar a análise primeiramente com o material produzido naqueles dois encontros, antes de prosseguir no mesmo método de coleta de informações.

Os dois grupos focais foram realizadas em local de conveniência para os participantes e foram inicialmente programados para ter uma duração de no máximo 120 minutos. O local foi escolhido com base em propiciar que os participantes se sentissem à vontade para dialogar, sendo adequado para que se mantivesse o sigilo e a confidencialidade das informações prestadas, além do conforto ao grupo.

Os grupos ocorreram em uma sala de reuniões alugada especialmente para essa ocasião, em Porto Alegre. O primeiro grupo focal, com sete participantes, foi mediado pela autora da pesquisa e contou com a colaboração de um co-mediador experiente em grupos focais. O segundo grupo focal contou com a presença de seis participantes e foi mediado apenas pela autora da pesquisa. O convite para que falassem sobre as produções colaborativas foi o disparador para que a conversa começasse. Desde o início dos grupos era perceptível aos

mediadores a motivação dos participantes em falar de si e do que faziam, bem como o interesse, inclusive verbalizado, de conhecerem uns aos outros e de saberem mais sobre suas produções. Assim, não foi proposta qualquer outra dinâmica ou técnica como dispositivo para que o grupo interagisse e expusesse suas ideias. Os grupos focais foram gravados, mediante autorização dos participantes, e transcritos.

No percurso de mediação dos grupos focais, convidamos os participantes a se apresentarem e contarem sobre suas produções. Procuramos, assim, deixar aberto, para que eles falassem do seu modo, e usando as próprias palavras para dar sentido ao discurso ali construído. Nossa curiosidade se sustentava, durante essa etapa da investigação, na busca por compreender sentidos e significados atribuídos aos saberes que os participantes traziam sobre as produções colaborativas agenciadas coletivamente.

A pesquisa segue as exigências e procedimentos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (1996) que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 03336512.4.0000.5346), sendo que cada participante, antes da realização dos grupos focais, conheceu, concordou e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Notas sobre os Processos de Análise

Em relação ao *corpus*, que segundo Barthes pode ser definido como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar” (apud BAUER & AARTS, 2002, p. 44). Nosso ponto de partida é perspectiva da Psicologia Social Crítica, a qual considera os processos envolvidos na constituição da linguagem como processos histórico-sociais, ou seja, considera o sujeito e os sentidos como afetados pela língua e pela história. Trabalha sob a premissa de que a constituição dos sujeitos e sentidos são processos complexos.

Essa busca se constitui numa premissa para esse estudo, uma vez que visamos estudar subjetividades que se constroem a partir da sociedade configurada em rede, e os fenômenos que essa configuração apresenta e expressa no ciberespaço e fora dele. Consideramos, para isso, que a produção de espaços (e discursos) colaborativos se dá junto à construção de sentidos e significados que, sempre em movimento, delineiam subjetividades e orbitam na sociedade.

“A crítica resgata a dimensão ética de toda ação humana” e a Teoria Crítica tem como pressuposto “a impossibilidade de neutralidade das ações humanas” (GUARESCHI, 2011, p.

53). Nesse sentido, toda ação humana tem como finalidade iluminar, emancipar e para isso não poderia ser neutra e sua finalidade só é plenamente viável porque ela busca (e assim deve ser) fazer a crítica de si mesma, o que a torna uma perspectiva flexível o suficiente para dialogar com a filosofia da diferença (e.g., DELEUZE & PARNET, 1998; GUATTARI, 2006; GUATTARI & ROLNIK, 1986), mas sem perder seu horizonte – o desejo por um mundo melhor, por uma vida boa e digna para todos e para cada um.

Para a filosofia da diferença a produção de subjetividade se dá junto à produção do mundo e, com isso, estamos a todo tempo sendo subjetivados, mas também buscando linhas de fuga, que promovam processos de singularização. A filosofia da diferença traz conceitos e delineamentos dos processos (e modos) de subjetivação que ocorrem no espaço-sujeito, isto é, não é um espaço de interlocução entre sujeito e social, mas é o sujeito que é (ele, o próprio espaço) atravessado pelos outros, pela política, pela economia, pelo social.

Sem entrar na discussão sobre vivermos na condição pós-moderna (HARVEY, 1992), jamais termos sido modernos (LATOURE, 1994), ou sobre problemas ainda modernos que permanecem na pós-modernidade (SANTOS, 2007; 2010), nos propomos aqui a articular esses dois saberes – Psicologia Social Crítica e princípio da diferença – para refletir sobre as produções de subjetividades na sociedade em rede. Assumimos uma posição “intermediária”, para usar uma expressão de Santaella (2010, p. 65): não nos deixamos dominar por “uma dispersão quase delirante à La Baudrillard” (SANTAELLA, 2010, p.65) nem nos calcificamos nos “limites de nossa tradição marxista, que continua sendo muito importante, mas deve ser objeto de uma “ecologia de outros saberes” (SANTOS, 2007, p. 60). Isso só é possível se concebermos o ser humano como dialógico, que vai se construindo a partir das relações que vai estabelecendo com outros seres humanos, sendo, portanto, sempre único, singular, original e plural. Justamente a ontologia da Psicologia Social Crítica da Saúde.

Santos (1995) diz que a Teoria Crítica não percebe o ser humano como algo já pronto e acabado, mas sim com potencialidades inscritas num devir pleno de possibilidades. A Psicologia Social Crítica rechaça a ideia da adaptação, associada à psicologia, conforme afirma Veronese (2003), para propor uma postura de rebeldia. Ou seja, a Psicologia Social Crítica se aplica junto a uma esperança de mudar a situação; uma utopia. Portanto, a Psicologia Social Crítica, assim como os filósofos da diferença, propõe uma visão de subjetividade que considera os atravessamentos do social nas subjetividades e das subjetividades no social. O “tom” que ela traz a esse estudo, e que a difere, de certo modo, da Filosofia da Diferença, é a ideia de que os sentimentos, as emoções, os símbolos, os sentidos, os desejos, os saberes são também forças mobilizadoras da transformação social. E dizer isso

pressupõe pensar a luta pela emancipação social (SANTOS, 1995). Castells (1999), embora fale em identidade, parece convergir com essa visão da Psicologia Social Crítica, quando diz

Acredito, sim, apesar de uma longa tradição de alguns eventuais erros intelectuais trágicos, que observar, analisar e teorizar é um modo de ajudar a construir um mundo diferente e melhor. Não oferecendo respostas – elas serão específicas de cada sociedade e descobertas pelos próprios agentes sociais – mas suscitando algumas perguntas pertinentes (p. 42).

Também na mesma direção, Peixoto Junior afirma que a noção Deleuziana de moralidade escrava

pode ser subvertida pelas forças da vontade de potência e do desejo afirmativo diante da vida, as quais resistem à coerção da lei proibitiva. Apesar da hegemonia dessa lei, Deleuze insiste em afirmar que ela não apenas pode, como deve ser quebrada, apostando na positividade advinda de um movimento de transgressão criadora (PEIXOTO JUNIOR, 2008, pp. 93-94).

Assim, ao que parece, Deleuze, de certa forma, aponta para uma forma de emancipação possível, no que diz respeito à “emancipação desejanter” (PEIXOTO JUNIOR, 2008, p. 98). A filosofia da diferença e a Psicologia Social Crítica, então, convivem nesse artigo – contribuindo no que cada uma pode responder e nos ajudar a refletir – para a construção de uma possível análise atenta e crítica sobre os fenômenos estudados. A articulação, nesse caso, não é da Filosofia da Diferença com a Psicologia Social Crítica – elas acabam sendo complementares – mas dos saberes produzidos nos discursos dos coletivos estudados com essas perspectivas teóricas que, cada uma a seu modo, enriquecem o aprofundamento da discussão.

A análise dos discursos dos participantes no estudo nasce à medida que escutamos a produção do grupo, analisamos as interações e observamos como os assuntos são falados e enfatizados, prestando a atenção naquilo que não se toca. Para isso, nossa atenção também esteve voltada aos afetos, aos desejos, ao tom de voz e ao interesse demonstrados nas falas e na construção dos diálogos e discursos.

Para a discussão, primeiramente, apresentaremos as propostas dos coletivos, conforme estão expostas em seus respectivos sites e/ou páginas do *Facebook*. Depois, contrastaremos essas propostas com aquelas que encontramos em meio aos discursos produzidos nos grupos focais. Ao escutar, colocar em repouso, sacudir e decantar seus discursos, vamos aprendendo sobre as produções colaborativas: como se colocam no mundo e de que modo se veem, como compreendem as operações em Rede (no ciberespaço ou não), como (e se) vivem a colaboração, e que sentidos atribuem aos agenciamentos que operam.

Para dar seguimento com a análise, vale assinalar que as falas sobre as quais refletiremos são consideradas agenciamentos coletivos, conforme especificamos anteriormente. Assim, partimos do pressuposto de que cada fala é agenciada coletivamente.

“Como qualquer agenciamento é coletivo, é, ele próprio, um coletivo, é bem verdade que todo desejo é assunto do povo, ou um assunto de massas, um assunto molecular” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 28).

Falando do que fazem, os participantes se produzem. Apresentam-se àquela roda de conversa e posicionam-se, desde o primeiro momento, contando de que forma criam e são criados pelas (próprias) produções, que entram na roda. É assim que damos sentido aos discursos que produzem. Tendo os objetivos em mente, dividimos nossa discussão e análise em dois tópicos: (a) As propostas das invenções colaborativas e (b) Em Rede: como as invenções colaborativas se agenciam coletivamente?

As propostas das invenções colaborativas

Como dissemos anteriormente, nos propomos nesse artigo a compreender o que os coletivos das invenções colaborativas propõem nas suas produções e como se agenciam coletivamente. Na busca por conhecer suas propostas, consultamos seus sites na Internet, bem como atentamos para os discursos dos participantes da pesquisa nos grupos focais.

Compareceram nos grupos focais representantes de 8 coletivos: *Shoot the Shit*, (<http://www.shoottheshit.cc/>); o *Porto Alegre Como Vamos*, (<http://www.facebook.com/poacomovamos>); o *Nós.vc* (<http://www.facebook.com/nos.vc> ou <http://nos.vc/>); o *RUA (Rastro Urbano de Amor)*, o *Guerreiros sem Armas*, (<http://www.guerreirossemarmas.net/>); o Oasis (<http://oasismundi.ning.com>), o Cidade Baixa em Alta (<http://cidadebaixaemalta.com.br>), e o Raiz Urbana (<http://www.raizurbana.com.br>).

No primeiro grupo focal, estiveram presentes quatro coletivos, contando com cinco mulheres e dois homens. No segundo grupo focal, seis coletivos, composto por duas mulheres e quatro homens. Os participantes podem representar mais de um coletivo, já que alguns desenvolvem suas ações em coletivos diferentes.

Nos sites, o *Shoot the Shit*, se apresenta como um **coletivo** que se propõe a promover movimentos civis; o *Porto Alegre Como Vamos*, se define como um **movimento pela participação** da sociedade nas políticas públicas, o *Nós.vc* se apresenta como uma **plataforma de crowdlearning**, que se propõe ao aprendizado colaborativo; o *RUA*, a sigla de *Rastro Urbano de Amor*, é um **coletivo** que se apresenta com a frase “Gente que quer ver e mostrar a cidade da gente”; o *Guerreiros sem Armas*, descreve-se como “um **programa internacional de formação vivencial** de jovens em liderança e empreendedorismo social, que são treinados em **tecnologias para transformação de realidades em qualquer lugar do**

mundo”; o Oasis, segundo o site, é um **movimento mão na massa** para fazer acontecer o mundo que sonhamos; o Cidade Baixa em Alta se apresenta como um **grupo** formado por comerciantes locais que tem como objetivo trazer de volta ao bairro toda cultura, entretenimento, música e diversão; e o Raiz Urbana é um **movimento de incentivo** à conscientização e produção de alimentos em ambiente urbano.

Em uma leitura atenta, podemos observar que nas definições de cada um desses coletivos existe algo que parece conectá-los. Esse algo é a noção de que as ações se fazem em coletivo, junto a um ou mais grupos de pessoas. Alguns se denominam diretamente como coletivos, tornando muito clara essa percepção. Mas há também nas outras apresentações esse sentido subjacente. Vejamos com calma cada expressão/palavra destacada por nós anteriormente.

O Porto Alegre Como Vamos propõe um **Movimento pela participação da sociedade**, que implica considerar que se deseja a participação de um coletivo “maior”, no caso, a sociedade como um todo. A proposta da **plataforma de crowdlearning**, do Nos.vc, traz no significado das palavras a participação da multidão. *Crowd* significa multidão e *learning*, aprendizagem. O termo multidão, nesse caso, parece ser usado no mesmo sentido adotado e desenvolvido por Negri (2004). O autor postula a multidão como um conceito de classe, propondo que se redefina a noção de exploração como “exploração da cooperação”:

Cooperação não de indivíduos, mas de singularidades, exploração do conjunto de singularidades, das redes que compõem o conjunto e do conjunto que abarca estas redes e assim por diante. Note-se que a ‘moderna’ concepção de exploração (como descrita por Marx) é adequada à ideia de produção em que os atores são os indivíduos. É somente porque existem indivíduos que atuam que o trabalho pode ser medido pela lei do valor. Também o conceito de massa (como multiplicação indefinida dos indivíduos) é um conceito de medida, e mais ainda, foi construído pela política econômica do trabalho com esta finalidade. Nesse sentido, a massa é o correlato do capital - assim como o povo é o correlato da soberania. (...). Por outro lado, a exploração da multidão é incomensurável; em outras palavras, é um poder que se confronta com o poder de singularidades fora de qualquer medida, singularidades que se encontram em cooperação para além do mensurável” (NEGRI, 2004, p. 16)

Assim, o crowdlearning se parece com uma proposta coletiva, mesmo porque, é uma plataforma que deve ser alimentada por conteúdos, e o site explica que quem os alimenta é a multidão. Além disso, por declarar-se junto à palavra “colaborativo” – a proposta do Nós.vc é “aprendizado colaborativo”, como relatado acima – já se mostra com o intuito de reunir pessoas, realizar em coletivo. Como demonstra Malini (2008), refletindo sobre a obra de Le Glatin,

o fundamento da colaboração em nova mídia é a reinterpretação coletiva (...). Esta serviria como uma proposição rítmica original para que uma sugestão inicial possa ser modificada ou complementada. Assim, certas obras disponíveis na rede não

corresponderiam mais ao conceito de obra acabada, ao contrário, a obra é resultado provisório de um processo coletivo (MALINI, 2008, p. 4).

A proposta de ser um **programa internacional de formação vivencial de jovens em liderança e empreendedorismo social**, que constitui o Guerreiros sem Armas, é a que inicialmente não dá muitos indícios de ser composta de pressupostos ligados à ação coletiva. Parece-nos, até esse ponto da frase, que os jovens interessados em saber sobre liderança e empreendedorismo social procuram o programa por interesse próprio, como se faria na busca por cursos e programas de qualificação em geral. Entretanto, a parte da proposta que diz **que são treinados em tecnologias para transformação de realidades em qualquer lugar do mundo** nos leva a considerar que para transformar realidades é provável que sejam mobilizados grupos em diferentes partes do mundo, que se organizam coletivamente para aprender e transformar. Retomaremos essa discussão mais adiante, quando analisarmos os discursos no grupo focal.

A proposta do Oasis, de ser um **movimento mão na massa para fazer acontecer o mundo que sonhamos**, parece se tratar de um agenciamento coletivo pelo fato de ter se colocado no plural “**o mundo que sonhamos**”. O Cidade Baixa em Alta se apresenta como um **grupo**, declarando, nessa definição, que age, propõe, atua coletivamente.

O Raiz Urbana deixa algumas pistas de que considera, no movimento proposto, a mobilização coletiva, uma vez que as palavras movimento de **incentivo** e **conscientização** nos levam a compreender que as pessoas que vivem no ambiente urbano – um coletivo, talvez – serão incentivadas a produzir alimentos. A palavra **movimento**, que aparece em algumas das propostas, parece sugerir uma mudança. A frase **movimento de incentivo** à conscientização e produção de alimentos em ambiente urbano, pode estar reproduzindo ou afirmando a ideia, talvez, de que no ambiente urbano, em geral, não se produz alimentos.

Essas produções foram representadas nos grupos focais. Seus participantes foram convidados, porém nem todos tiveram disponibilidade de comparecer. De qualquer forma, os discursos colhidos sobre elas em muitos casos se parece sobremaneira com as propostas escritas nos sites. Em outros, parecem divergir.

O Shoot the Shit é apresentado nos grupos focais como “um coletivo criativo”, que está “virando empresa”, e que “faz ações pela cidade, para a cidade”. O Porto Alegre Como Vamos é destacado nos grupos focais por buscar promover uma “mudança de cultura” que “vem a partir não só da ocupação dos espaços públicos, mas fala de (...) política”. Como proposta, fica em evidência nos discursos a “quebra de paradigmas” em relação a “direitos iguais” e a questionamentos sobre “o que é democracia”. As ambições do grupo apresentam-

se gigantes: “de fazer muitos e muitos e muitos projetos megalomaníacos”. Também é exposta nos discursos de seus participantes a proposta de promover “transparência no setor público, prestação de contas”.

Nos.Vc é apresentado nos grupos focais junto à busca por promover encontros que proporcionem “viver de encontro [...], ver a vida das pessoas, e olhar nos olhos, e trocar, e trocar, e trocar”. Nas falas que se referiam ao Nos.vc é muito presente a ideia de mudar o modo como se aprende, de como se faz educação. Nisso se justifica o desuso de termos como aula e curso, e a adoção da palavra encontro.

O RUA é relatado nos grupos focais junto à proposta de gerar ações no espaço urbano. O ponto em comum entre essas ações é que sejam “efêmeras, bem surpresa, simbólicas, respiro no meio do caos”. Não são atividades contínuas, são eventos – normalmente de um dia – em que se reúne um grupo de pessoas para um determinado escopo. Por exemplo, uma das ações consistiu em sair à noite para colar corações de isopor vermelhos em estátuas e monumentos das ruas da cidade. Outra, em reunir 300 pessoas em um local próximo a uma ponte do açores, com a proposta de valorizar e relembrar um monumento antigo e “quase esquecido” de Porto Alegre.

O Guerreiros Sem Armas é apresentado nos grupos focais como um programa que acontece de dois em dois anos, sempre em Santos. Participam em média de 50 pessoas e, como verbalizado, “a gente aprende vivenciando”:

A gente não tem aula na verdade no Guerreiros, então a gente vai pra comunidade e a gente recebe algumas orientações ali que são as orientações **que vêm no jogo**, que vai ser um jogo de tabuleiro. Então a gente abre, abriu ali as cartinhas, montou o tabuleiro e começou a jogar o jogo. E aí, no final de cada, no final de cada etapa a gente recebe algumas orientações sobre a etapa pra poder facilitar depois (informação verbal, M3/GF2).

O curso dura 30 dias de imersão para “conhecer uma metodologia na prática” junto a outras pessoas de diferentes países. Constitui-se, desse modo, dentre os coletivos aqui em foco, o único que apresenta um caráter itinerante.

O Oasis é apresentado nos grupos focais na primeira pessoa, diferente de como se coloca no site:

Eu mobilizo pessoas e comunidades pra realização de sonhos coletivos (...) **Meu maior objetivo** fazendo o Oasis é proporcionar pras pessoas que elas estejam em pleno potencial (OASIS, online).

Os termos “mobilizo pessoas e comunidades” e “sonhos coletivos” parecem pressupor a preocupação com o coletivo, a construção de sonhos em conjunto. Mas o uso da primeira pessoa do singular tende a nos fazer considerar a existência do sentimento de estar só para realizar o que o Oasis se propõe a fazer. Porém, nos parece importante assinalar também a

possibilidade de que o coletivo e o discurso se mesquem nessa frase, isto é, que o coletivo é que esteja sendo representado pela primeira pessoa do singular e não um de seus participantes, como poderia parecer. Essa possibilidade é afirmada nos discursos

O Oásis acontece quando um grupo de pessoas se interessa em fazer Oásis, e agora tá acontecendo Oásis em Porto Alegre. (...) Participei de um curso, que eu já explico rapidamente o que que é, onde eu me preparei pra poder facilitar. [...] É mais ou menos assim que rola: as pessoas **se encontram** e: ‘vamos fazer o Oásis?’ ‘Vamo, vamo’. E aí comecei a correr atrás e comecei a montar a programação, procurar definir a comunidade. Então se escolhe uma comunidade. [...] Pra que aconteça o Oásis num local, **a comunidade tem que aceitar**, tem que ter vontade de que o Oásis aconteça. [...] Pra esse Oásis, ao todo, eu acho que eu já tive umas 60, 70 pessoas que circularam entre as etapas que já aconteceram, acho que foi bastante. Normalmente, pro oásis precisa de um número menor de pessoas... Então **a gente** vai pra comunidade com, inicialmente com o objetivo de buscar o que tem de bom nessa comunidade e não o que que tá faltando. [...] **O nosso** primeiro encontro é mais pra trabalhar com o **grupo de voluntários, que a gente chama de mobilizadores**, pra **trabalhar a cabeça desses mobilizadores**, então esquece o foco do ruim, do que tá faltando, do que te incomoda, do que incomoda os teus olhos (informação verbal, M3/GF2).

Nos termos destacados, é possível perceber a presença de uma preocupação em produzir em conjunto e de respeitar que a comunidade aceite. Chamar os voluntários de mobilizadores é também propor mudança, movimento, mobilização para que as ações aconteçam. Por outro lado, “trabalhar a cabeça” nos remete ao indivíduo, à uma suposta possibilidade de modificar a mente dos “mobilizadores”: mudando a mentalidade muda-se o mundo – discurso próximo a teoria positivista-funcionalista.

A teoria positivista-funcionalista (ou teoria absolutista) “resume a realidade ao que está aí, e nada fora do que está aí existe. [...] cada grupo é absoluto, é fechado em si mesmo: as partes em função do todo, tudo girando ao redor do centro, caminhando para o equilíbrio e a harmonia” (GUARESCHI, 1996, p.22). Assim, o risco em “trabalhar a cabeça” ou formar a mentalidade de alguém é de amortecer as diferenças, de absolutizar visões de mundo.

De acordo com o que ouvimos nos grupos focais, as propostas parecem ter em comum, além da noção de coletivo, uma busca por mudar. As cidades, uma comunidade, o modo de ensinar, o modo de fazer política. Parecem ser invenções que ao mesmo tempo protestam e propõem algum (outro) modelo. Os parênteses nos servem aqui para questionar se a novidade proposta pelas invenções de fato são diferentes do que já é vigente na nossa estrutura social.

Nesse sentido, podemos pensar as propostas dessas produções como modos de fazer resistência. Resistência, segundo Kastrup (2008), pode ser vista tanto no sentido negativo quanto no sentido positivo. O negativo, segundo a autora, pressupõe que resistir a uma coisa é não aderir a ela, o que implica em suspender o que se apresenta como uma atitude natural. Consiste, então, em uma experiência de estranhamento e tensão em relação a um saber. Já o

sentido positivo está relacionado ao fato de que a resistência propicia a criação de outras formas de existir e de outros mundos. Assim, a resistência é vista como “vontade de outra coisa”, “bifurcação em relação às formas atuais do mundo e das subjetividades”:

a resistência em sentido positivo é criação de uma outra atitude, de um outro ponto de vista, de uma outra política, de uma maneira de conhecer e de viver que prepara e é condição para a criação de novos mundos, a serem forjados caso a caso, através de estratégias concretas de ação (KASTRUP, 2008, p. 122).

Acreditamos que esses dois modos de resistir não são dicotômicos e lineares, até porque, muitas vezes, é preciso não aderir a algo para poder (re)inventar. As pessoas podem em dado momento resistir negativamente a um acontecimento ou objeto e, em outro, resistir positivamente, como é o caso da adesão às novas tecnologias.

Pensando na ótica da resistência, surge a pergunta: a quem os coletivos não querem aderir e ao que eles querem? Essa é uma pergunta difícil que tentaremos enfrentar. Se considerarmos a resistência negativa, em seus discursos aparece claramente um descontentamento com o cotidiano de trabalho:

Sou formada em [nome do curso], trabalhei **5 anos** com pesquisa [...]. Hã, larguei, cansei da [nome do curso], não era o que tocava o meu coração, não era o que me mobilizava, não me identificava nem um pouco com aquilo. Aquilo me fazia sofrer bastante, e aí eu decidi fazer [outro curso] (informação verbal, GF2/M1).

Aí eu fiquei **5 anos** em [nome da cidade], me enchi de tédio daquela cidade pequena... que é legal e tal... e eu disse: “vou embora.” [...]. Daí eu vim pra [nome da cidade]. Só que eu não queria essa correria já de agência, de virar noite, de passar, sabe... esse tipo de [profissional] que diz com o maior orgulho “bah, passei, virei o final de semana todo na agência fazendo trabalho, tipo... (informação verbal, GF1/M1).

Apesar de descontentes, eles permanecem por um longo período no mesmo local de trabalho, acomodados, mas não sem resistência, pois o desejo é não aderir a ideia “pós-moderna” de trabalho. Essa mesma resistência negativa parece propulsionar algumas pessoas à resistência positiva, isto é, o desejo de mudança consegue tomar conta.

De qualquer forma, para considerar as propostas dos coletivos como resistência positiva, devemos antes investigar se os agenciamentos coletivos de fato oferecem outros modos, se apontam para pontos de vista diferentes dos vigentes. Não perdemos de vista, portanto, a hipótese – que não exclui, mas convive com a anterior – de que talvez os participantes dos grupos focais tragam à roda argumentos e saberes sustentados pelos mesmos pressupostos em que se apoia a cosmovisão capitalista neoliberal, já vigentes e predominantes na nossa estrutura social. Sob esse aspecto, talvez, a invenção seja uma repetição com uma roupagem diferente.

As propostas, de forma geral, nem sempre aparecem com contornos definidos. Observando as ações inventadas e/ou desenvolvidas consegue-se chegar a algumas

conclusões, mas talvez elas não se confirmem dali um curto espaço de tempo. Conforme observamos, as invenções colaborativas parecem ter algo de efêmero em comum. Agenciamentos que acontecem uma só vez, com os coletivos que se articularam em rede naquele momento, e com intuito de defender uma causa que não necessariamente estará presente nas próximas produções propostas.

Uma janta entre amigos e já estávamos com a ideia de fazer o Poesia Expressa, mas como? Sem sujar, né? O limite do que que é vandalismo, do que que é arte, do que que é efêmero... **porque não precisa ficar ali pra sempre.** E daí, tá, apareceu na nossa frente, né... a gente tem que fazer (...) E as pessoas sempre, né: ‘Ah, por que que não tem dinheiro? Por que que não tem no *crowdfunding*, né? Por que que não tem apoio de alguém?’ Bom, porque é muito rápido. Né? **A gente pensa e sai fazendo, o planejamento ele é assim, bem rápido mesmo e...** se não a gente perde o tesão, né? (informação verbal, GS1/M4).

Não precisa ficar ali pra sempre é uma verbalização que representa o caráter efêmero das propostas de invenção colaborativa, que nos conduz à associação das invenções colaborativas com a criação artística. Hermann (2006) cita Adorno (1997) para mostrar que o caráter sempre dinâmico e imprevisível da criação artística e da experiência estética se torna um refúgio para sustentar a subjetividade contra as forças objetivas massificadoras. O autor faz uma metáfora do fogo de artifício que, por causa de seu caráter efêmero e enquanto divertimento vazio, dificilmente foi digno de consideração teórica.

O fogo de artifício é apparition *χατ' ἐξσχήν*: aparição empírica liberta do peso da empiria, enquanto peso da duração, sinal celeste e produzido de uma só vez. Não é pela perfeição elevada que as obras de arte se separam do ente indigente, mas de modo semelhante ao fogo de artifício, ao atualizarem-se numa aparição expressiva fulgurante (ADORNO, 1997 em HERMANN, 2006, p. 29).

Como obras de arte, as invenções colaborativas se atualizam em aparições fulgurantes. Comovem, movimentam, aumentando a rede de coletivos, mas sem se preocupar em fazer durar a experiência de uma operação em si. Permitindo que a sensação proporcionada por cada ação seja vivida intensamente. Uma operação, por exemplo, calcada na proposta de colar corações em estátuas e monumentos espalhados pela cidade durante uma noite, é apresentada sem a pretensão de que os corações permaneçam colados ou que a atividade seja promovida novamente na mesma cidade:

O Aqui Bate um Coração, então, foi colocar corações de isopor em estátuas, vermelhos né, pra chamar a atenção (...) para o patrimônio público, pra dar **um respiro no meio do caos.** Acho que o Bate um Coração foi a representação mais intervenção que a gente teve, assim. **Bem efêmera,** bem surpresa, simbólica, **respiro no meio do caos,** que acho que é a liga de tudo que a gente entende (...) de intervenção. (...) Ficamos encantados (...) daquilo que nos trouxe de retorno de (...) tá fazendo alguma coisa, de nunca mais passar no laçador e ser igual, né? De despertar uma relação afetiva com a cidade e de pertencimento, acho que isso aí foi o motor (...) de continuar fazendo coisas (informação verbal, M4/GF1).

Nessa análise das propostas dos coletivos, tendemos a compreender que elas, de fato, são bastante congruentes ao se afirmarem na busca por agir em grupo, agir coletivamente.

Também é significativa nos discursos produzidos nos grupos focais a presença da preocupação em respeitar a comunidade em que as ações serão propostas. Além disso, conforme vimos, parece haver sempre uma vontade de mobilizar pessoas para uma mudança, o que nos leva a refletir sobre movimentos de resistência, ligados à posição de não aderir a algo e/ou à invenção. Essa constatação nos leva a chamar as produções estudadas de invenções colaborativas. Elas trazem elementos, além de resistentes e inventivos, efêmeros, no sentido adotado por Hermann (2006), quando se refere ao caráter dinâmico e imprevisível da criação artística e da experiência estética que, segundo a autora, as tornam um refúgio para sustentar a subjetividade contra as forças objetivas massificadoras. Mais do que isso, as tornam um “**respiro no meio do caos**”!

Em Rede: Como as Invenções Colaborativas se Agenciam Coletivamente?

Seguindo as pistas que encontramos ao longo dos diálogos construídos, procuramos trilhar um caminho que leve a compreender como os agenciamentos coletivos produzem invenções e subjetividades. Os grupos focais proporcionaram o encontro de pessoas que já pareciam estar articuladas, mesmo se não se conhecessem presencialmente, o que significou que no grupo focal já existia uma articulação prévia entre coletivos, mesmo que os participantes da pesquisa ainda não tivessem se conhecido presencialmente antes da pesquisa.

Ao iniciar os dois grupos focais, logo foram identificados, entre os participantes, amigos em comum e contatos feitos anteriormente. Os discursos durante os grupos expõem a busca por trabalhar em rede e essa articulação em rede emerge quase como uma visão de mundo, no sentido adotado por Roso (2007):

como alguém enxerga, percebe, e interpreta as pessoas e as coisas que o rodeiam, ou seja, é como alguém dá sentido e significado àquilo que o cerca. Mas, ao mesmo tempo, essa visão de mundo é construída a partir de uma prática, de um ‘se colocar’ no mundo; é uma construção dialética entre enxergar, perceber e agir (ROSO, 2007, p. 81).

Com base nessa concepção, queremos dizer que os discursos produzidos nos grupos focais nos levam a considerar que há um ‘modo-rede de se colocar no mundo’. Nele, enxergamos, percebemos, sentimos e agimos em rede. Há uma espécie de simbiose do humano com a rede (ou seria vice-versa?).

O discurso produzido nos grupos focais parece representar essa nossa impressão. Antes de acontecer, o grupo já tentava responder uma pergunta produzida por eles mesmos, não pelos mediadores: o que é que une os participantes que ali se apresentavam para a pesquisa? Eles defendem a opinião de que é exatamente essa visão de mundo – modo-rede de

se colocar no mundo – que une as propostas que se apresentam nas invenções colaborativas participantes da pesquisa:

Nós todos, assim, acho que somos os que **trabalhamos em rede**, assim. Acho que é o ponto... (informação verbal, M4/GF1).

Entendemos, com isso, que as invenções colaborativas se agenciam coletivamente por meio da articulação em rede. Os estudos de Castells (1999) levam à conclusão abrangente de que, como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes. Redes, segundo o autor, são definidas como

estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho) (CASTELLS, 1999, p. 565).

Sob o ponto de vista do autor, redes constituem “a nova morfologia social de nossas sociedades”. Diante disso, a “difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência” (CASTELLS, 1999, p. 565). Assim, interpretarmos que os participantes da pesquisa ao se organizarem em rede, trazem no discurso, e nos saberes expostos, códigos de comunicação que são compartilhados entre os coletivos, antes dos encontros de grupos focais.

De fato, existe um discurso peculiar que circula nesses coletivos que não é necessariamente familiar a todas as pessoas. Parece-nos discursos que põem em ação valores, sentidos, significados que subjetivam e produzem a todo tempo as invenções e os coletivos, delineando certa visão de mundo (um modo-rede de se colocar no mundo). A tentativa de explicar por que um coletivo move ações colaborativas, passa a produzir, nos grupos focais, discursos de relato da dificuldade de fazer pessoas que não estão articuladas em coletivos online compreenderem, numa sociedade de fortes valores capitalistas neoliberais, que alguém quer ajudar ou agir coletivamente:

Se eu falar que eu, por exemplo, o [nome da produção]: eu gastei um dia, uma meia hora, pra explicar o quê que era o [nome da produção]. E a pessoa não entendeu! E não é uma questão de cognição, é porque não participa dessas questões. Então, não é questão que a pessoa é burra (risos), **mas é que a pessoa não tá por dentro**. Então, tu fala **certas linguagens que a gente fala aqui e se entende, mas tu fala pras outras pessoas e elas não entendem essas linguagens, são determinados vocabulários que a gente partilha**... (informação verbal, M4/GF2).

A questão que fica é por que tem linguagem diferente? O que os impede de falar de um modo que os outros possam entender? Não seria justamente as “*certas linguagens*” que dificultam a aproximação do coletivo de mais pessoas? O risco que se corre é que “*determinados vocabulários que a gente partilha*” possam servir como um divisor de águas, colocando de um lado o que “participa dessas questões” e de outro o que não participa.

A esse divisor de águas contrapõe-se algo da ordem do altruísmo, ou melhor, em suas palavras, da ordem do amor. Foram usadas expressões como **fazer no amor**, que significa fazer sem preocupação com o dinheiro, com o retorno:

[a gente faz tudo] No amor... (informação verbal, M1/GF1).

A gente se ajuda, e não é pegadinha, sabe? É isso ai mesmo! Então eu acho que, esse **é o amor**, assim. Sabe? de... a ajuda vem, **sem nada em troca, sabe?** E é isso, eu acho, que nos une, que nos mantém com **tesão** de continuar fazendo as coisas (informação verbal, M4/GF1).

Daí eu vim, ano passado ainda, num evento aqui do [nome de um coletivo]; conheci o [nome de um participante], conheci os guris. Fiquei encantada, assim. Aí eu: - ‘mas como, ahn? ... o [nome do coletivo]? Daí eles fazem as coisas pela cidade? **Mas o que eles ganham? Qual é o por trás, sabe? Faz isso só, faz isso só por amor mesmo? Existe gente?**’ Porque eu **faria só por amor**, mas até ali eu era lobo solitário, sabe? Assim... ‘Será que faz mesmo? E o quê que ganha?’... Foi um processo de entendimento (informação verbal, M6/GF1).

Compartilha-se, então, o valor de ajudar uns aos outros e isso é chamado de amor ou, como aparece em outros momentos dos grupos focais, “*fazer no amor*”. O uso da palavra **tesão** pode ser conectado imediatamente a fazer amor, com a diferença que **tesão** nos remete a pensar a carnalidade como característica das produções dos coletivos, talvez como um aspecto que os move para desenvolver ideias, projetos, invenções. Essa carnalidade pode significar uma ânsia por sentir no corpo o Outro – aquele Outro que, talvez, se dissipa no ambiente virtual. Algumas palavras presentes nos discursos parecem, então, delinear o modo como se fazem os agenciamentos nos coletivos e nas produções. O agenciamento-colaboração, aparece como um modo de querer ajudar, o agenciamento-invenção, como um modo de resistir à mass-midiatização. O agenciamento-tesão, parece delimitar um modo como se deseja “continuar fazendo as coisas no coletivo” como dito no discurso produzido. Uma tentativa de vincular-se à espécie humana (ou seria agora humana-máquina?).

Pensando o desejo como “sempre constitutivo de um campo social” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 365), percebemos que o campo social formado por essas redes alimenta e é alimentado por um desejo. Com as verbalizações emergidas nos grupos focais, se faz a impressão de que no repertório dos participantes da pesquisa, na memória dos códigos – afetos e perceptos – a palavra **tesão** foi a encontrada para traduzir o desejo de expressão. Com isso queremos dizer que a palavra **tesão** pode ter sido um conceito usado para dar conta de dizer sobre o devir-desejo, uma vez que

[...] o conceito, creio eu, comporta duas outras dimensões, as do percepto e do afecto. [...] Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro). [...] O afecto, o percepto e o conceito são três potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice-versa. [...]: o ritornelo implica as três potências (DELEUZE, 2004, p. 171).

Podemos dizer que se trata de perceber a rede e engendrar desejos-rede. O devir-tesão parece estar relacionado a conectar as redes e é verbalizado por micro-multiplicidades desejantes, não menos coletivas do que os conjuntos sociais, como a esquizo-análise pode nos ajudar a compreender:

Não há máquinas desejantes que existam fora das máquinas sociais que elas formam em grande escala, nem máquinas sociais sem as desejantes que as povoam em pequena escala. [...] Uma sequência do desejo é prolongada por uma série social, ou então uma máquina social tem nas suas engrenagens peças de máquinas desejantes. As micro-multiplicidades desejantes não são menos coletivas do que os grandes conjuntos sociais, porque são inseparáveis e constituem uma só e mesma produção (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 356).

O amor, o tesão parecem dar conta de responder a pergunta inicial feita por eles antes do grupo focal tomar forma: o que nos une? Mas, ao uni-los outra pergunta paira no ar: O que nos diferencia? A eles, a noção de diferenciação do Outro, daquele que não está diretamente envolvido no coletivo, é marcante e necessária:

(...) acho importante **a gente não precisar buscar consenso** sabe, mas, tipo, isso é outra coisa que me incomoda também: nesses vários encontros que a gente vai, se encontra e... **não porque todo mundo tem que concordar com o que todo mundo diz**. Poh, são várias **diferenças tão importantes! Pode não gostar, mas nem por isso não vai ter empatia, não vai tá conectado**. Eu acho que essa coisa de ter que tá todo mundo concordando... (informação verbal, M2/GF1).

Eu acho que é maravilhoso as diferenças. O que eu acho é que a gente tem que bater que é colaborativo. Eu posso não me identificar com tal e tal ação, e não vou participar. Agora, outra coisa é tu não ter um feedback, é tu não ter, sabe? Assim... aí acontece assim: **ah não, a galerinha do amorzinho não...** (todos falam ao mesmo tempo) (...) **Não fazer com que essas identidades (...) não tenham diálogo**. Fazer uma ação **que tem tudo a ver e que eu queria tá junto** com aqui ou com ali, ou com as gurias (informação verbal, M4/GF1).

Esse diálogo faz uma crítica a um modo de fazer colaboração. Nele, é criticada a ideia de que todos têm que pensar igual e defendida a opinião de que talvez alguns coletivos movam ações colaborativas com cujas propostas alguns concordam e outros podem discordar. Entretanto, a expressão **a galerinha do amorzinho não** expõe um certo descontentamento de um coletivo (que se autodenominou nesse discursos ‘a galerinha do amorzinho’) em não ser chamado para participar em conjunto com ações nas quais teria interesse de comparecer. A rede é formada por redes de coletivos, que também compartilham o que nós chamamos aqui de modo-rede de se colocar no mundo. A impressão é de que as pequenas redes já estão conectadas por uma visão de mundo que é compartilhada nos encontros e nas ações. Assim, nos parece que os coletivos se identificam facilmente entre si, como assinala um dos participantes:

Só complementando [...]. Esse ano eu, **a minha vida foi basicamente transitar entre essas redes**. Então, esse ano eu viajei pra umas 8 capitais brasileiras, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília... [...] E nesses espaços eu **fui buscar justamente vocês lá**. Buscava essas

peças lá. Encontrava e... Aí, a minha dúvida hoje não é essa, porque, assim, eu já sei que tem muita gente fazendo isso e... (informação verbal, M7/GF1).

Em pequenas redes. Entende? A gente é a pequena rede daqui que faz um bocadinho de coisas. A pequena rede do Rio faz um bocadinho de coisas. **O meu tesão agora é começar a conectar essas redes,** a gente (informação verbal, M7/GF1).

Parece representativa a busca pela expansão da rede colaborativa, mas talvez essa não seja uma busca pela expansão da rede em si, mas do desejo e da produção desejante que constituem e movem o campo social. Essa hipótese é baseada na ideia de que o desejo “está na produção enquanto produção social, tal como a produção, enquanto produção desejante, está no desejo” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 365). A multiplicação desejada, então, talvez seja de desejos-rede, como poderíamos interpretar a partir do discurso:

E acho que cada um é assim, cada coletivo tem o seu conhecimento, as suas experiências e tenta solucionar. **E se existir coletivos em todas as esferas,** acho que daí sim, sabe? (informação verbal, M5/GF1).

Esse discurso parece apontar para um mundo ideal onde existiriam muitos coletivos, o que poderia ser interpretado como uma vontade de que houvesse predominância, na sociedade, de subjetividades se articulando coletivamente, engajando-se nas mesmas causas ou compreendendo o mundo da mesma forma. Conforme o diálogo explicita:

Eu acho que **a gente se multiplica...** eu acredito muito que **a gente se multiplica** (informação verbal, M2/GF1).

É essa a dúvida que eu tenho, sabe. O quanto **a gente** consegue se **multiplicar** mesmo, porque acontece uma ação: “**Que massa!** Quem é?” Os mesmos... (informação verbal, M3/GF1).

A gente mora numa cidade pequena, vamos dizer, a gente é uma província entendeu? **Não tem como ter 525 coletivos do dia pra noite, saca?** (informação verbal, M5/GF1).

Tudo bem, mas... (informação verbal, M7/GF1).

Não tem como ter tanto assim... acho que **a gente tá criando, a gente tá fomentando** isso, tá meio no início entendeu? Tu não **pode querer** que no início **se multiplique** de forma exponencial (informação verbal, M5/GF1).

A expressão **a gente**, grifada por nós, evidencia que, embora em produções, ações, invenções diferentes, os coletivos e as multiplicidades se veem juntos, desejantes da multiplicação de desejos-rede. Os desejos-rede parecem ser constituídos não simplesmente de uma vontade de conectar-se, de engendrar-se em rede, mas ao desejo de fazer junto e de cooperar. Essa ideia nos leva a considerar que os coletivos produtores de invenções colaborativas possam ser vistos no conceito de “multidão” proposto por Negri (2004, p. 15). Para o autor, multidão é visto como o nome de uma imanência, como um conjunto de singularidades, como um conceito de classe: a multidão sempre produtiva e sempre em movimento. Já o conceito de massa é que estaria ligado à multiplicação indefinida dos

indivíduos, se constituindo como um conceito de medida, assim como o conceito de povo também se constituiria como uma medida. A exploração da multidão é que é incomensurável:

é um poder que se confronta com o poder de singularidades fora de qualquer medida, singularidades que se encontram em cooperação para além do mensurável. Se definirmos essa mudança histórica como um salto "epocal", ontologicamente falando, então os critérios ou dispositivos de medida válidos para uma época serão radicalmente colocados em questão. Estamos nesse momento vivendo um desses saltos, e não está claro se novos critérios e dispositivos de medida estão sendo propostos (NEGRI, 2004, p. 16).

Essa citação nos inspira para refletir sobre o uso dos termos criar, fomentar e multiplicar para além da ideia de aumento do número de coletivos em uma cidade. A impressão é de que estão mais relacionados à exploração da cooperação. Para Negri (2004), multidão é conceito de uma potência; é analisando a cooperação que se pode descobrir que o todo de singularidades produz além da medida: “Esta potência não deseja apenas se expandir, mas acima de tudo, quer se corporificar” (p. 17).

Já a utilização do número 525 para se referir a um ideal de multiplicação dos coletivos – ou do desejo-rede, como nos propomos a considerar – talvez não tenha aparecido por acaso. Ele acaba nos fornecendo pistas para refletir sobre essa potência que quer se expandir e se corporificar. Curiosamente, o ano de 525 a. C. tem um significado histórico, principalmente, para o contexto que pesquisamos, no aspecto que se relaciona ao desenvolvimento da democracia ateniense. Segundo as pesquisas de Claude Mossé (2004), a palavra “democracia” surge bastante tardiamente no vocabulário político grego. Apesar de sua força vir a ser acentuada mais tarde, com a célebre *Oração fúnebre* de Péricles (MOSSÉ, 2008), relatada por Tucídides no livro II de sua *História da Guerra do Peloponeso*, é por volta do ano de 525 a.C. que são encontradas em representações pela primeira vez unidas as duas palavras que formam o termo: *demos* (povo) e *kratos* (poder) (MOSSÉ, 2004). Essa forma de regime político criado pelos atenienses delegava ao *demos* a autoridade soberana na cidade, sendo também objeto de grande discussão e debate, com o intuito de se eleger quais seriam os homens que possuíam a “*politiké techné*”, ou a “capacidade de efetuar um julgamento político” (MOSSÉ, 2004, p. 88).

Ancorando-se nessas premissas, e levando em consideração as mudanças do processo histórico e o cenário político que vivenciamos hoje no Brasil, é possível refletir sobre significados da democracia e a representatividade do modelo ateniense. Nesse sentido, a data de 525 a.C. é bastante significativa, pois funciona como marco de processos relacionados à democratização. Boaventura de Souza Santos nos ajuda a pensar a democracia, discutindo novas formas de emancipação social no contexto contemporâneo brasileiro. O autor defende

que “perdemos a diversidade de formas democráticas alternativas em que o jogo, a competição entre elas de alguma maneira dava força à teoria democrática” (SANTOS, 2007, p. 87). É nesse contexto, segundo Santos, que um novo sentido de coletividade e ação política se faz necessário. Considerando esses aspectos da sociedade brasileira e levando em consideração os discursos produzidos nos grupos focais, é possível visualizar a manifestação e o desejo de um novo tipo de democracia, de uma nova forma de articulação de um *demos* que, por mais distante do ateniense, carrega consigo as raízes do processo que teve condições iniciais em Atenas, mais especificamente, por volta do ano 525 a.C. Esse registro histórico, possivelmente guardado em uma memória coletiva, se assim pudermos dizer, parece ser enunciado nos discursos dos coletivos, quando se referem à busca de novas formas de ação, amparadas em uma determinada concepção de coletividade: multiplicidades agenciadas rede.

Outros acontecimentos também levam a estabelecer relações entre acontecimentos pelos quais passou a civilização humana, o número 525 e os movimentos propostos pelas produções colaborativas. No ano de 525, o astrônomo Dionísio, o Pequeno, propõe, na obra intitulada *Libellus de Ratione Paschae*, o que viria a ser o calendário oficial cristão. Baseando-se na tábua de Santo Hipólito, Dionísio estabeleceu a cronologia propondo datas essenciais e a referência do calendário Juliano para o cálculo da comemoração pascal (LE GOFF, 1992). Trata-se de um evento que estabelece mudanças de grande expressão na História corrente do período e marca a construção de normas de medidas temporais que foram implementadas através de grande disputa.

Talvez o uso do número 525 especifique, nesse diálogo, a vontade de que, por meio das invenções colaborativas, bem como suas ações e projetos, se multiplique um modo de viver a democracia, e comecem a ser colocadas em prática diferentes regras, construção de normas que, assim como as de medida temporais, rejam nosso modo de viver em sociedade. As verbalizações dos coletivos também nos levam a essa reflexão, na medida em que evidenciam a vontade de quebrar paradigmas em relação à visão e ao exercício da democracia, conforme podemos contatar nos discursos:

[...] política vem com **muitas crenças** atrás, então não chega a ser racional. Vem a partir de coisas que já tão instauradas e que são coisas que, são **paradigmas que a gente quer começar a quebrar**. Desde coisas banais, como direitos iguais, até, tipo **“gente, que o que é democracia?”** Entender, tipo, o que é o conceito, como é que se aplica. [...] A gente não chega dizendo assim “ah, a gente não sabe política, a gente quer que as pessoas comecem a pensar na sua vida de uma forma crítica, tipo... e de uma forma coletiva”. Essa é a questão: não é chegar e dizer “isso é certo, isso é errado”. E: **“Vamos pensar, entendeu?”** Porque **a questão da democracia é isso, é o exercício das diferenças, é como trabalhar as diferenças pra que elas tenham as mesmas oportunidades**, e a gente foi questionado isso (informação verbal, M2/GF1).

As crenças que vêm atrás da política, e os paradigmas a serem quebrados pelos coletivos, aos quais se refere o discurso, se parece muito com a ideia de repensar a construção de normas para se viver em sociedade – do mesmo modo como quis fazer o astrônomo Dionísio, no ano de 525. Talvez não devamos acreditar no acaso para o uso desse número nos discursos, afinal um pesquisador crítico interessa-se justamente em olhar para além das palavras. O convite para pensar sobre o exercício das diferenças e de questionar as crenças que existem por trás da política proposto pelos participantes da pesquisa nos conduz a pensar o quanto essas não são questões parecidas com as que fizeram os gregos começarem a pensar *demos* (povo) e *kratos* (poder), criando o termo democracia.

(Sem)Conclusões...

Na busca por refletir, na sociedade neoliberal capitalista e configurada em rede, sobre produções colaborativas e construção de subjetividades, colocamos em discussão saberes que nos permitissem pensar sobre o que propõem os coletivos nas suas produções e como agenciam coletivamente as invenções colaborativas. Considerando que as produções colaborativas são compostas por multiplicidades de cartografias, não tínhamos a pretensão de tocar e discutir todos os aspectos relacionados aos agenciamentos coletivos e às invenções em suas propostas e modos de se agenciarem. Muito menos tivemos a intenção de concluir algo...

Reconhecemos que poderiam ser explorados diversos assuntos; multiplicidades e cartografias poderiam ser desvendadas, sentidas e pensadas infinitamente nessa análise. Entretanto, nos temas que conseguimos colocar em relevo e reflexões que pudemos realizar, encontramos e consideramos relevante o interesse por agir coletivamente e propor mudanças – na direção de não aderir a algo e/ou inventar. Também foi significativo o caráter dinâmico das invenções e ações propostas pelos coletivos, algo de efêmero das invenções.

Na intenção de refletir sobre como se agenciam coletivamente, reconhecemos nos coletivos e invenções colaborativas o agenciamento em rede, que parece ser produto e produtor de um modo-rede de se colocar no mundo. Essa visão de mundo é exposta junto à ideia de que a rede de agenciamentos deve se expandir, ser multiplicada. Pode ser que essa visão aponte para uma dificuldade de conviver com a diferença, com outras visões de mundo possíveis, diferentes da visão de mundo nutrida pelos coletivos agenciados em rede. Mas o intento de multiplicar coletivos também nos conduz ao conceito de multidão (NEGRI, 2004), que se refere ao encontro em cooperação para além do mensurável. Nesse sentido, a

multiplicação parece se referir não ao número de coletivos em si, mas a uma forma de avaliar cooperação, ainda não definida.

O modo, em rede, como são agenciadas as invenções colaborativas nos leva a considera-las processos de apropriação e/ou de criação de pontos de cruzamento onde possam ser vividos processos relacionais e inventivos. Enquanto as forças sociais que administram o capitalismo produzem esquemas dominantes de percepção do mundo (GUATTARI, 2006), as transformações tecnológicas podem ser vistas pelo quanto geram a homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade, mas também podem ser consideradas, dependendo da articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação, como potencializadoras de criação, de invenção de novos universos de referência.

Os agenciamentos em rede parecem, de fato proporcionar importantes processos de invenção, que nos coletivos estudados, parecem até mais presentes do que os processos de *mass-midialização*. Isso porque o modo como se constroem as relações nos coletivos e na(s) rede(s) é caracterizada pela busca por colaboração, por produzir em conjunto. Essa impressão nos leva a pensar que a articulação em rede, e no ciberespaço, pode ser potencializadora da “produção de subjetividade mais inventiva”:

Não há mais hoje em dia como manter uma posição meramente maniqueísta, que não veja nos meios de comunicação nada além de pura alienação que esvazia a potência criativa de subjetivação. (...) É necessário, isso sim, avaliar como é possível recorrer aos diferentes mecanismos midiáticos, ainda que não os do espetáculo dominante, para, com eles e através deles, inventarmos novos espaços de liberdade que favoreçam uma produção de subjetividade mais inventiva, auxiliando ainda outras formas de sociabilidade e de subjetivação menos adstritas às identidades oferecidas pelos aparelhos de captura do poder (PEIXOTO JUNIOR, 2008, p. 202).

As redes talvez representem, de certa forma, esses novos espaços de liberdade que menciona o autor. A articulação em rede coloca em discussão os desejos por um mundo melhor e, mesmo que a busca por alternativas possa esbarrar nos mesmo valores e sentidos que são recusados (porque os processos de invenção podem, por vezes, também reforçar os mesmos valores que procura rechaçar, como vimos nas reflexões sobre resistência), ainda assim parece potente o espaço de discussão e de acolhimento que se abre nos seus nós de conexão.

Encontramos nos discursos e propostas dos coletivos a preocupação por fazer em conjunto, compartilhar e mudar, de alguma forma, a realidade de cidades, da política, do modo como se trabalha. Esses achados e impressões parecem ser relacionados a modos de abrir espaços de reflexão, de construir uma visão de mundo que afirme vínculos, diálogos e interação. A utilização do número 525, na verbalização sobre o desejo de multiplicação dos

coletivos, nos levou a articular fatos históricos da civilização humana com os desejos e as propostas de transformação enunciadas nos discursos produzidos, e que produzem os coletivos e suas invenções colaborativas. Essa articulação nos inspira a pensar o quanto as transformações sociais ocorridas ao longo de tantos séculos de história, também influenciam a produção dos desejos de transformação que caracterizam as invenções (colaborativas) dos nossos tempos. É interessante assinalar que desde o início do uso da expressão democracia, na antiguidade, até no uso dessa expressão nos dias de hoje, se evidencia o desejo de construir um mundo melhor para se viver. Mas mais do que isso: esses coletivos coloquem em xeque até a própria noção de democracia!

Os agenciamentos em rede e a busca por transformação parecem caracterizar, então, um modo de produzir uma visão de mundo alternativa, baseada na colaboração. Talvez proporcionem “um respiro no meio do caos” (M4/GF1), e abram espaços, ou ramificações na rede, para o amor e o tesão e, assim, produzam uma “subjetividade mais inventiva” (PEIXOTO JUNIOR, 2008, p. 202), alimentando a postura crítica e propositiva proposta pela Psicologia Social Crítica na busca por um mundo melhor, por uma vida boa e digna para todos e para cada um.

Referências

BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro, Con-tra-ponto, 1996.

BARGLOW, Raymond. **The Crisis of Self in the Age of Information: Computers, Dolphins and Dreams**. Routledge, London, 1994.

BAUER, M., & AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS Sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos**. Diário Oficial da União, 10 de outubro de 1996.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - O Poder da Identidade. Vol. 2**. 5ª ed., São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

_____. **A sociedade em rede – volume I: A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1**. 14ª reimpressão. Tradução Roneide Venancio Majer. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso. Modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2009.

COUTINHO, C. P.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. Comunicação Educacional: do modelo unidireccional para a comunicação multidireccional na sociedade do conhecimento. In LEMOS MARTINS & PINTO (Orgs.) **Comunicação e Cidadania** - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho), 2008. Disponível em: <<http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/5sopcom/article/viewFile/168/164>> Acesso em: 2 de fevereiro de 2013.

DELEUZE, G. **Conversações.** p. 171. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo Capitalismo e Esquizofrenia 1.** Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p. Disponível em: <<http://sal.uniriotec.br/livros/DELEUZE,%20Gilles%3B%20PARNET,%20Claire.%20Dia%CC%81logos.pdf>> Acesso em: 15 de janeiro de 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS FILHO, J. V. **A Evolução do Estado: da Teocracia ao Neoliberalismo. Cidadania e Justiça, Revista da Associação dos Magistrados Brasileiros.** ANO 7, N. 13 – 1º Semestre, 2004.

GUARESCHI, P. A. **Psicologia Social Crítica como prática de libertação.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Sociologia Crítica: alternativas de mudança.** 61ª ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2008.

_____. Ética. In M. N. Strey et al., **Psicologia social contemporânea** (pp. 49-57). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 4ª Reimpressão, 2006.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HERMANN, N. **Ética e estética: a relação quase esquecida.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/colecaofilosofia/eticaeestetica.pdf>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2013.

KASTRUP, V. Competência ética e estratégias de resistência. In GUARESCHI, N. (Org). **Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo**. pp. 120-130. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.bvce.org%2FDownloadArquivo.asp%3FArquivo%3DGUAARESCHI_Estrategias_de_invencao_do_presente_FINAL.pdf&ei=GFsqUYPGLI2y8ATo-IAo&usg=AFQjCNH4gk3m082BOZD4adIOnQuxw7WQ5w&sig2=epD-AUSMgguvJf-gKIURcQ&bvm=bv.42768644,d.eWU> Acesso em: 10 de dezembro de 2012.

KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

LATOURETTE, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica**. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed. 34, 1991

LE GLATIN, M. **Internet: un sième dans la culture**. Paris: Editions de l'Attribut, 2007.

LE GOFF, J. Calendário. In: **História e Memória**. 2.ed. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1992.

LÈVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. Prefácio Edição Brasileira: A mutação inacabada da esfera pública. In Lemos, A. **O Futuro da Internet**. Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010, pp. 9-19.

MALINI, F. **Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

MOSSÉ, C. **Dicionário da Civilização Grega**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Péricles, o inventor da democracia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

MOURA E. P. G.; ZUCCHETTI, D. T.; MENEZES, M. M. **Cultura e resistência: a criação do popular e o popular como criação**. R. Bras. Est. Pedag., Brasília, v. 92, n. 232, pp. 663-677, set/dez, 2011.

MORAES, I. N. **Metodologia da pesquisa científica**. (A. C. M. Amato, Trans.). São Paulo: Roca, 2007.

NEGRI, A. **Para uma definição ontológica da Multidão**. Lugar Comum. No 19-20, pp.15-26. Jan a junho de 2004. Disponível em <<http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/19-20/MIOLO%20DIAGRAMADO%20NUMERO%2019-20.pdf>> Acesso em 12 de dezembro de 2012.

_____. **Entrevista de Toni Negri concedida aos jornalistas Ariel Pennisi e Adrian Cangi do jornal La Nacion**, Buenos Aires, Ar. 2/11/2012. Traduzida pelo pessoal da Vila

Vud. Publicação original em português. 2012. Disponível em <<http://uninomade.net/tenda/entrevista-de-toni-negri-ao-la-nacion/>>

PEIXOTO JUNIOR, C. A. **Singularidade e Subjetivação: ensaios sobre clínica e cultura**. Rio de Janeiro: 7 letras, Ed PUC-Rio, 2008.

QIAN, Y. (2007). Meaningful Learning with Wikis: making a connection. In R. CRASLEN et al (Eds.) **Proceedings of the 18th International Conference of the Society for Information Technology & Teacher Education**, SITE, 2007.

ROCHA, D. **Agenciamentos Coletivos de Enunciação em O Homem Que Copiava**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 403-413, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a22.pdf>> Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

ROSO, A. **Grupos focais em Psicologia Social: da teoria à prática**. Psico, 28(2), pp. 155–169. 1997.

SANTOS, B. S. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 1995

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 13^a ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Bontempo, 2007.

SILVA, N. Subjetividade In M. N. STREY et al., **Psicologia social contemporânea** (pp. 167-179). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987

VARELA, F. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Edições 70, 1995.

SCHWARTZ, L.; CLARK, S.; COSSARIN, M. & RUDOLPH, J. (2004). **Educational Wikis: features and selection criteria**. The International Journal of Research in Open and Distance Learning, Vol 5 (1). 2004. Disponível em: <<http://www.irrodl.org/index/irrodl/article/view/163/244>> Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

TEIXEIRA, R. R. **O desempenho de um serviço de atenção primária à saúde na perspectiva da inteligência coletiva**. Interface – comunicação, saúde, educação, v.9, n. 17, p. 219-34, mar/ago, 2005.

_____. **Inteligência Coletiva e Integração de Tecnologias de Informação e de Comunicação no Setor Saúde no Brasil**. Limoges, 12 de junho de 2006.

TONKE, E. **Making the case for a Wiki**. Ariadne, 42 (online journal). 2005. Disponível em www.ariadne.ac.uk/issue42/tonkin Acesso em 3 de fevereiro de 2012.

**ARTIGO 3 - O DEVIR-(CIBER)ATIVISTA NAS PRODUÇÕES COLABORATIVAS
EM REDE: SABERES, DEMOCRACIA E SUBJETIVIDADE**

O devir-(ciber)ativista nas produções colaborativas em rede: saberes e subjetividade

Resumo

Esse artigo promove uma reflexão sobre os saberes que compõem e produzem o devir-(ciber)ativista, expostos nos discursos de coletivos que promovem manifestações e divulgam ideias por meio do ciberespaço, buscando algum tipo de transformação social. Dois grupos focais, com pessoas ligadas diretamente a coletivos sustentados eminentemente no ciberespaço, foram realizados. As reflexões sobre os discursos nos levam a considerar que o devir-(ciber)ativista busca transformar o modo como se trabalha e se produz em sociedade e procura fazer de suas produções colaborativas um instrumento dessa transformação.

Palavras chave: Psicologia Social, Internet, Ciberativismo, Colaboração.

Becoming cyber activist in collaborative productions in network: knowledge and subjectivity

Abstract

This article provides a reflection on the knowledge that compose and produce cyber activism. Speeches were collected in two focus groups with people who promote and disseminate ideas through cyberspace, seeking some kind of social transformation. Results lead to consider that cyber activism seeks to transform the way of working and the way of producing in neoliberal capitalist society, and provides collaborative productions as instrument of social transformation.

Key-words: Social Psychology, Internet, Cyber Activism, Collaboration.

Introdução

Esse artigo deriva de uma dissertação de mestrado intitulada Colaboração, (Ciber)ativismo e subjetividade, que por sua vez está ancorado em um projeto de nível superior (“projeto guarda-chuva”)⁵⁵ que objetiva desenvolver pesquisas e atividades de extensão sobre processos de comunicação (interpessoal e mediada por aparatos tecnológicos)

⁵⁵ Cenários midiáticos/institucionais, relações de poder e representações: desafios atuais na saúde pública, registrado no Gabinete de Projeto do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM sob o número 028411.

à luz da Psicologia Social. O objetivo da dissertação foi analisar como as subjetividades se configuram na produção de discursos em espaços colaborativos na sociedade em rede.

Nesse artigo pretendemos construir uma reflexão dialógico-crítica sobre saberes produzidos em discursos de coletivos que promovem manifestações e divulgam ideias por meio do ciberespaço, buscando algum tipo de transformação social. Especificamente, nosso objetivo é refletir sobre os saberes que compõem e produzem o devir-(ciber)ativista nas produções colaborativas. A reflexão será conduzida com base nos discursos produzidos em dois grupos focais realizados com pessoas ligadas diretamente a coletivos sustentados eminentemente no ciberespaço.

Ao propor essa reflexão, partimos da premissa de que “o que define uma sociedade são as relações que se estabelecem entre seus membros. E as relações são extremamente dinâmicas, conflitivas, contraditórias” (GUARESCHI & BIZ, 2005, p. 138). A sociedade configurada em rede parece propiciar o delineamento de certos modos de ser, de subjetividades, com contornos talvez ainda pouco conhecidos pela psicologia. De qualquer forma, se sabe que a filosofia capitalista neoliberal, sede da sociedade em rede, contribui de modo muito significativo para a produção das subjetividades nas sociedades ocidentais (e.g., DELEUZE, 2004; GUATTARI & ROLNIK, 1986; ROSO & GUARESCHI, 2007; SANTOS, 2010).

A crescente utilização de sistemas de comunicação digital traz consequências para o sistema econômico e tecnológico. A sociedade ganha novas formas: se configura em rede, ou como Castells (2007) denominou “*The network society*”. Apesar de ser facilitada pela chegada da internet, a sociedade em rede não é determinada pela tecnologia em si; ela é mais relacionada ao processo de reestruturação capitalista. Mas também podemos dizer que as próprias mudanças tecnológicas surgiram como resposta a determinadas demandas no contexto social.

Os espaços na internet, ou o ciberespaço, num primeiro olhar, podem ser visualizados como um instrumento de democratização, ao se considerar que não sofrem as mesmas regulações de outros espaços institucionais. O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).

Todavia, ao pesquisador crítico, o ciberespaço, por ser constituído de informações alimentadas a todo tempo por aqueles que nele navegam, pode ser visto tanto como um palco

para acomodação às ideias capitalistas neoliberais quanto como um local propício para a afirmação de qualquer tipo de resistência. Ou seja, o ciberespaço, enquanto lugar que “permite uma liberação da expressão pública” (LÈVY, 2010, p. 10), pode ser facilitador da circulação de diferentes ideias, sejam elas convergentes ou divergentes dos valores e conceitos sustentados no capitalismo neoliberal. Para essa afirmação, compreendemos resistência no sentido adotado por Roso (2009), “como um engajamento numa versão incipiente de uma forma de crítica através de intervenções desafiadoras, transformadoras (do status quo)” (p. 333).

Com o ciberespaço, também surge o conceito de cibercultura, que “especifica o conjunto de técnicas (materiais ou intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÈVY, 1999, p. 17). Lemos (2010) diz que o termo não aponta para a tecnologia em si, mas para uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, e cria novas relações no trabalho e no lazer, assim como novas formas de sociabilidade e de comunicação social. O conceito de cibercultura nos leva a pensar o crescimento do uso da internet e as funções das redes interativas como potencializadores de um modo de se colocar no mundo, que atravessa os supostos limites do mundo virtual, digital, ciber. Entendemos ciberespaço, então, um espaço em que se vive e se aprende modos de estar/ser no mundo, delineando também os processos de produção de subjetividade.

Podemos observar recentemente no (ciber)espaço o surgimento de produções que circulam com algum propósito colaborativo, e divulgando projetos e operações ligadas a algum tipo de transformação social. Citamos a seguir alguns deles, junto das propostas expostos em seus respectivos sites e/ou blogs. *Shoot the Shit*, é um coletivo que se propõe a promover movimentos civis (<http://www.shoottheshit.cc/>); o *Porto Alegre Como Vamos*, se define como um movimento pela participação da sociedade nas políticas públicas (<http://www.facebook.com/poacomovamos>); o *portoalegre.cc*, se autodenomina a primeira wikicidade do brasil (<http://www.facebook.com/poa.cc>); o *Transvenção Lab*, pretende constituir um espaço de networking e experimentação para inventar novas lógicas de relacionamento com a cidade e seus elementos (<http://transvencaolab.net/>); o *Nós.vc* é uma plataforma de crowdlearning, que se propõe ao aprendizado colaborativo (<http://www.facebook.com/nos.vc> ou <http://nos.vc/>); o *RUA*, a sigla de *Rastro Urbano de Amor*, é um coletivo que se apresenta com a frase “Gente que quer ver e mostrar a cidade da gente”; e o *Guerreiros sem Armas*, descreve-se como “um programa internacional de

formação vivencial de jovens em liderança e empreendedorismo social, que são treinados em tecnologias para transformação de realidades em qualquer lugar. Ainda há outras produções como essas. É interessante observar que em algumas operações, eventualmente, os diferentes coletivos unem forças e trabalham em conjunto, e em outras, produzem suas próprias ações nas comunidades, cidades e também em plataformas de internet.

O surgimento e a manifestação dessas produções pode nos levar a considerar que, por ter um formato mais interativo, a internet propicia formas colaborativas de trabalho e até ações em rede que visam mudanças no contexto social. Com base nisso, se constituiria o que tem sido denominado “ciberativismo” (ANTOUN & MALINI, 2010; ARAÚJO, 2011). Esse termo é usado algumas vezes pelos coletivos acima citados, tanto na divulgação de suas produções, eventualmente, quanto nos discursos produzidos nos grupos focais realizados para essa pesquisa. A apresentação e operação das produções, eventos e intervenções na Web realizadas por esses coletivos podem ser observadas no site <<http://sociedadeemrede.com>>, onde expusemos a compilação de achados na web que compôs a parte inicial dessa pesquisa. Por meio dessa trajetória de achados inquietantes, como chamamos, fomos conduzidas, junto ao fluxo do ciberespaço, a especificar nosso objeto de estudo como ciberativismo e produção de subjetividades na sociedade em rede na dissertação, da qual esse artigo é uma parte.

Como é possível observar no material exposto no site, três desses coletivos já se uniram para um evento, organizado por iniciativa deles, chamado “Ativismo 2.0”. O termo 2.0 se refere, nesse caso, à web 2.0, que mais do que uma evolução tecnológica em si, está relacionada ao modo como agimos, produzimos, operamos no ciberespaço e também fora dele. Web 2.0 marca o aspecto interativo da Internet, e a nossa possibilidade de produzir conteúdo e diálogo junto às informações que acessamos. As novas tecnologias da informação, em especial a web 2.0, “possibilitam que o indivíduo torne-se sujeito do processo comunicacional” (NASCIMENTO & ROSA, 2012, p. 4).

A partir do que foi apresentado e discutido no evento “Ativismo 2.0”⁵⁶ percebemos que o ciberativismo é compreendido pelos coletivos como um modo de propor mudanças no contexto social, a partir de mobilizações em rede. Entretanto, não parece adequado afirmar nesse artigo que uma produção é ciberativista ou, e menos ainda, que há ciberativistas, pois poderíamos estar, com isso, delimitando limites e exigências para as produções, segundo o que entendemos por ativismo – como se colocássemos um rótulo. Parece coerente, por outro lado, nos propormos a analisar os discursos produzidos nos grupos focais, procurando colocar

⁵⁶ Os organizadores produziram um vídeo sobre o evento, acessível em <http://www.youtube.com/watch?v=eIUm4LsByqI>

em relevo o devir-(ciber)ativista que compõe, além de outros devires, a produção de subjetividades nas produções colaborativas articuladas em rede.

Para pensar sobre (ciber)ativismo e produção de subjetividades na sociedade configurada em rede, tema desse artigo, consideramos que o ativismo na web é constituído por agenciamentos coletivos. Agenciamentos são co-funcionamentos; e agenciar é estar no meio, “sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 44). “Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI & ROLNIK 1986, p. 317). Refletir sobre os discursos produzidos por coletivos (ciber)ativistas, implica portanto, considerar que os enunciados são sempre produzidos por agenciamentos e põem em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. As produções colaborativas (ciber)ativistas são compostas, então, por multiplicidades de cartografias: do Estado, das cidades, a cartografia familiar, a cartografia das amizades, a cartografia dos desejos.

Do modo como entendemos, a produção de saberes e os agenciamentos dos discursos são sempre da ordem do coletivo. Isto quer dizer que os agenciamentos de enunciação “são abordados enquanto efeitos dos encontros (nunca coincidentes) de visibilidades e enunciabilidades constitutivos dos saberes, sobre os quais se exercem as relações de poder” (ROCHA, 2007, p. 404). No enunciativo, o foco está sempre voltado para os seres de fala, internos à linguagem. Aponta para a maneira pela qual os sujeitos falantes agem na encenação do ato de comunicação (CHARADEAU, 2009). Assim, ouvimos e refletimos sobre os saberes produzidos no e produtores do (ciber)ativismo considerando, em vez de cada participante da pesquisa como uma fonte de um discursos, a produção de subjetividade, sempre coletiva, com seus vetores sociais, políticos, econômicos, tecnológicos etc.

Com isso, compreendemos que discursos, produzidos por agenciamentos coletivos, constituem, constroem, dialogam, relatam, produzem saberes, no sentido adotado por Jovchelovitch (2008). Segundo a autora, o saber sempre deve ser compreendido no plural, e é uma “forma heterogênea e maleável, cuja racionalidade e lógica não se definem por uma norma transcendental, mas em relação ao contexto social, psicológico e cultural de uma comunidade” (p. 209). Para a análise, se considera, então, o “saber como ação, como práticas de saber em vez de um fenômeno acabado e fechado” (p. 209).

Pensando o modo como a autora sugere a referência do saber ao contexto social, psicológico e cultural de uma comunidade, reconhecemos que talvez fosse arriscado colocar todos os coletivos que se apresentam nessa pesquisa como integrantes de uma mesma

comunidade. Entretanto, acreditamos ter encontrado nos coletivos o devir-(ciber)ativista, e o reconhecemos aqui como constituinte de saberes e de processos de produção de subjetividades. Devir-(ciber)ativista é um conceito criado aqui com base na concepção de que nos vemos “tomados em segmentos de devir, entre os quais podemos estabelecer uma espécie de ordem ou de progressão aparente” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 63).

De certa maneira, é preciso começar pelo fim: todos os devires já são moleculares. E que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma *zona de vizinhança ou de co-presença* de uma partícula, o movimento que toma toda partícula quando entra nessa zona (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 64).

Método

Este é um estudo de abordagem qualitativa, tendo como característica a participação dos investigadores como parte do objeto investigado (TRIVIÑOS, 1987). A escolha pela abordagem qualitativa se faz a partir do interesse das pesquisadoras em favorecer a riqueza no levantamento dos fenômenos estudados, sem perder de vista também que a pesquisa qualitativa propicia a modificação do próprio pesquisador. Tal possibilidade, entretanto, como diz Bachelard (1996), requer do pesquisador uma vigilância epistemológica, visto que deve fazer continuamente a revisão de suas ideologias e crenças, a fim de não distorcer o contexto investigado.

As informações foram coletadas em dois grupos focais, já que levamos em consideração que “o grupo focal, por sua fundamentação na discursividade e interação, inscreve-se na tradição dialética, pressupondo a construção de conhecimento em espaços de intersubjetividade” (KIND, p. 134, 2004). A seleção dos participantes foi intencional. Observando o fluxo de informações sobre propostas e projetos colaborativos promovidos na cidade de Porto Alegre (RS), tivemos o conhecimento primeiro de uma produção colaborativa em rede denominada Shoot the Shit⁵⁷, com a qual entramos em contato, para sondar se os integrantes teriam interesse em participar de uma pesquisa no campo da psicologia social. Frente à resposta positiva do Shoot the Shit, optamos por solicitar a esses agentes que

⁵⁷ Disponível em <<http://www.facebook.com/shoottheshitws>>.

indicassem nomes de outras produções com propostas semelhantes. Desse modo, já poderíamos considerar, no próprio processo de seleção dos participantes, importantes informações a respeito de como os primeiros agentes convidados a participar se veem e com quem se identificam.

Os participantes desse estudo são pessoas com idade adulta, e integrantes de produções colaborativas na rede. Para serem incluídos no grupo de participantes dessa pesquisa, foi preciso que tivessem idade maior que 18 anos, e que fossem indicados por algum outro participante da pesquisa, que por sua vez, já tivesse sido indicado também por outro, e assim por diante. A “bola de neve” ou *chain referral* (KATZ, 2006; HUDELSON, 1994) – nome dado à técnica em que os participantes da pesquisa são selecionados a partir da indicação de sujeitos que já foram contatados – se desenvolveu. Além disso, se optou que as produções na web fossem brasileiras, podendo ser movimentadas por iniciativa privada ou por sociedade.

O número de grupos focais do estudo foi determinado a partir do critério de saturação das informações obtidas. “Entende-se que a saturação é atingida quando a introdução de novas informações nos produtos da análise já não produz modificações nos resultados anteriormente atingidos” (MORAES, 2007, p. 199). Foram indicadas 23 pessoas para participar da pesquisa, das quais 13 compareceram – distribuídas em dois grupos focais, de acordo com disponibilidade de horários dos participantes. Mais integrantes foram indicados em meio às falas produzidas nos grupos focais, mas optamos por realizar a análise primeiramente com o material produzido naqueles dois encontros, antes de prosseguir no mesmo método de coleta de informações.

Os grupos ocorreram em uma sala de reuniões alugada especialmente para essa ocasião, em Porto Alegre. O primeiro grupo focal, com sete participantes, foi mediado pela autora da pesquisa e contou com a colaboração de um co-mediador experiente em grupos focais. O segundo grupo focal contou com a presença de seis participantes e foi mediado apenas pela autora da pesquisa. O convite para que falassem sobre as produções colaborativas foi o disparador para que a conversa começasse. Desde o início dos grupos era perceptível aos mediadores a motivação dos participantes em falar de si e do que faziam, bem como o interesse, inclusive verbalizado, de conhecerem uns aos outros e de saberem mais sobre suas produções. Assim, não foi proposta qualquer outra dinâmica ou técnica como dispositivo para que o grupo interagisse e expusesse suas ideias. Os grupos focais foram gravados, mediante autorização dos participantes, e transcritos.

A pesquisa segue as exigências e procedimentos da Resolução 196/96 do Conselho

Nacional de Saúde (1996) que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 03336512.4.0000.5346), sendo que cada participante, antes da realização dos grupos focais, conheceu, concordou e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Processos de análise dos discursos

Basearemos os processos de análise na escuta atenta aos discursos e saberes enunciados nos grupos focais e em pressupostos teóricos da Psicologia Social Crítica, que nos fornece bases para que façamos reflexões críticas e também propositivas ao discutir (ciber)ativismo e produção de subjetividades. A Psicologia Social Crítica “tem dentre suas premissas básicas a adoção de uma postura libertária”, que parte “da crítica das bases epistemológicas da psicologia e da discussão do potencial de transformação ou manutenção da realidade a partir da produção científica” (LIMA, 2010, p. 5). Sob seus pressupostos, consideramos a transformação social como modo de se produzir no mundo e de produzi-lo.

As reflexões de Boaventura de Sousa Santos sobre a teoria crítica pós-moderna contribuem muito para desenvolvermos essa pesquisa. Apesar de atuar no campo da Sociologia do Direito, sua obra tem servido de base teórica à Psicologia Social Crítica. O autor afirma que a tarefa da Teoria Crítica consiste em apontar de novo os caminhos da síntese, tomando como método por um lado, a citação de tudo que de positivo existiu na experiência histórica da nossa contemporaneidade, por mais negativa que tenha ocasionalmente sido, e, por outro lado, a disponibilidade para identificar o que de novo caracteriza o tempo presente e dele faz verdadeiramente o nosso tempo. O esforço teórico a empreender, segundo o autor,

deve incluir uma nova teoria da democracia que permita reconstruir o conceito de cidadania, uma nova teoria de subjetividade que permita reconstruir o conceito de sujeito e uma nova teoria da emancipação que não seja mais que o efeito teórico das duas primeiras teorias na transformação da prática social levada a cabo pelo campo social da emancipação (SANTOS, 2010, p. 270).

Ao mesmo tempo, lançamos mão do conceito de agenciamento desenvolvido e utilizado por autores que se baseiam na filosofia da diferença, tais como Guattari (2006); Guattari e Rolnik (1986); Deleuze (2004); Deleuze e Parnet (1998); Deleuze e Guattari (2004); Peixoto Junior (2008). Embora possam parecer linhas contraditórias nos modos de compreender os processos produção de subjetividades, nos propomos a articular tanto os pressupostos da Psicologia Social Crítica, quanto os conceitos explorados por autores da filosofia da diferença com os saberes enunciados e produzidos nos grupos focais. Propomo-

nos a isso, por considerar a Psicologia Social Crítica uma perspectiva flexível o suficiente para dialogar com a filosofia da diferença. Tal flexibilidade parece ser respaldada pelo fato de que a Psicologia Social Crítica busca fazer a crítica de si mesma e, ao mesmo tempo, não deixa de ter no seu horizonte o desejo por um mundo melhor. Além disso, identificamos aproximações nessas duas escolas, como o reconhecimento de que o ser humano é indissociável do social, e é a todo tempo produzido pelo mundo, assim como também o produz.

O “princípio da diferença”, ao tratar da subjetividade, “pressupõe uma mobilidade incessante [...], em eterno devir” (SILVA, 2011, p. 172), e nessa perspectiva a produção da subjetividade é imanente à produção do mundo. Devir é compreendido nesse contexto não no sentido de “progredir nem regredir segundo uma série” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 18), ou uma evolução, uma continuidade; e a subjetividade, da mesma forma, não é vista como uma linha progressiva, uma evolução, mas é criadora e promove “uma perspectiva rizomática, pois as ramificações não têm início e também não se sabe o fim” (BRITO, 2012, p. 14). A subjetividade

é trabalhada por uma incansável produção que transborda o indivíduo por todos os lados. O que temos são processos de individuação ou de subjetivação, que se fazem nas conexões do desejo com fluxos heterogêneos que variam ao longo da existência, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras da subjetividade são por princípio efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e impessoais (ROLNIK, 1996, p. 16).

Os agenciamentos coletivos como pressuposto para a formação das figuras da subjetividade, como sugere a autora, constituem uma premissa importante para os processos de análise e reflexão aos quais se propõe esse artigo. Essa visão nos orienta a escutar os discursos produzidos nos grupos focais como enunciações agenciadas coletivamente, como propõe Guattari:

Então, não se poderá mais falar do sujeito em geral e de uma enunciação perfeitamente individuada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetividade e de agenciamentos coletivos de enunciação que implicam multiplicidades humanas, mas também devires animais, vegetais, maquínicos, incorporais, infrapessoais (GUATTARI, 2006, p. 162).

A partir disso, podemos sugerir, que as produções colaborativas/(ciber)ativistas sejam vistas nas nossas reflexões como agenciamentos coletivos de enunciação, que implicam também devires (ciber)ativistas. As reflexões buscam seguir o fluxo dos discursos produzidos nos grupos focais, com intuito de dar relevo aos saberes (em movimento) que apontam para o

desejo por transformação social. Assim, buscamos pistas que nos levem a conhecer os movimentos que aproximam ao (e do) devir-(ciber)ativista.

Movimentos de aproximação do devir-(ciber)ativista: saberes em movimento

Nessa parte do artigo, vamos tratar de quatro janelas que foram abertas nos grupos focais: (a) Apresentação: multiplicidades e produções em movimento, (b) Construindo carreira a força, (c) Mal-estar no trabalho: dinheiro X sentido, (d) Resistência e Inteligência Coletiva e (e) Vontade de transformação e o ativismo de sofá. Aproximamo-nos assim dos saberes que dão forma ao desejo de transformação social que caracteriza o devir-(ciber)ativista praticado nas produções colaborativas.

Apresentação: multiplicidades e produções em movimento.

O modo de apresentar as produções/invenções colaborativas nos grupos focais muito frequentemente esteve conectado ao modo como cada participante se vê em sua atividade laboral, ou em paralelo a ela. Assim, são apresentados, junto às produções, coletivos de memórias, de significados, de agenciamentos que compõem os processos de produção de subjetividade. Ora são referenciadas as produções colaborativas como um hobby, ora como um negócio, uma empresa, um coletivo, ou todas essas formas de denominar são ditas juntas. Podemos evidenciar nas verbalizações:

Represento **um coletivo** que não sabe bem pra onde vai. Tá em maturação, mas tá dando certo... (M4/GF1).

Sou [...] coordenador **do projeto** [nome da produção] (M5/GF2).

Bem, o [nome da produção], ele é **uma empresa, não é um coletivo**, ele é uma empresa. **Ele tem CNPJ**. Ele é formado por, a empresa é formada por 4 amigos, que se conhecem há bastante tempo, antes de existir o [nome da produção]. A gente se conheceu lá em 2003, 2004, na universidade, faculdade de design (M7/GF1).

Eu trabalho na [nome da produção], que é um coletivo criativo, **tá virando empresa agora**, uma coisa que a gente tá num processo que a gente ainda não sabe muito bem como vai ser, mas a gente quer viver disso, porque é um coletivo que faz ações pela cidade com, para a cidade, e não tem porque não viver de algo legal e que a gente gosta de fazer? (M5/GF1).

... e eu trabalho com produção de eventos, na realidade **o [nome da produção] é mais um... um hobby** (risos) (M5/GF2).

O fato de alguns se colocarem como *representante* ou *coordenador*, nos leva a refletir sobre a questão de existir ou não sujeito, aliás uma questão que nos intriga constantemente (aqui parece residir o nó entre a Psicologia Social Crítica e a filosofia da diferença, que não é

nosso tópico de discussão, mas inevitavelmente nos assombra). Ao se apresentar como coordenador de um projeto, parece existir um ator social destacado ou diferenciado do coletivo, identificando-se como alguém que tem um papel específico – e de certa forma superior – nas operações agenciadas. É como se o ator se reconhecesse e se construísse no coletivo a partir dessa ideia, aparentemente fixa, de que é coordenador nas operações que forem agenciadas.

Aparentemente como reféns inconscientes de um discurso pré-inserido, invasivo e constitutivo da tecitura social, os participantes de nossa pesquisa também são capturados em certas armadilhas da visão capitalista-liberal preponderante. A verticalidade de funções (coordenador – coordenados; representante – representado) é característica do sistema que vivemos, de modo que se torna difícil romper com determinados padrões de linguagem.

Claro que há uma luta interna para que isso não aconteça. Ao lado dessa captura de linguagem, se percebe resistências, pois eles criam sua própria linguagem, como compreendemos a partir do diálogo:

Essa coisa de se apresentar, digo que sou administradora, mas acho que o que eu menos sou é administradora, sabe? [...] Parece que é mais relevante a pessoa saber, tipo, o que que tu faz, tipo assim: tu é publicitária? No que que tu acredita, no que que tu trabalha? (M2/GF2).

Do que que tu gosta? (M1/GF2).

Tipo, o quê que tu gosta de fazer? O que que...? E eu acho que é por isso que é importante tu ser administradora, por isso, tipo.. **porque aquilo ainda parece que é o que te define**. Qual é o teu nome? Ah, o que é que tu faz? No que tu é formado? Qual é tua profissão? Então, pra mim, isso incomoda muito mais do que eu não saber muito bem o que responder, porque, tipo, eu não tava nem aí se a pessoa entendeu ou não, se não entendeu, ah tá, vai procurar entendeu? Tipo, não vou ficar aqui ... (M2/GF2).

Explicando... (M1/GF2).

Tipo, se tem muito interesse, a pessoa vai te perguntar, **se ela realmente tiver interessada em entender o que tu faz da vida, ela vai te perguntar**, mas eu acho que [...] **a gente ainda vive numa coisa que o propósito da pessoa, o que ela acredita, aquilo que a pessoa é, ainda é menos importante**. E é por isso que a gente tem que fazer uma faculdade, **a gente, né? É forçado a criar uma carreira** e tal, porque acho que ainda é um **pensamento** assim... (M2/GF2).

A partir desses discursos, identificamos a vontade de fazer diferente convivendo com o reconhecimento de que, em geral, a formação profissional em si é o que define o sujeito. As formas de resistir a esse **pensamento** (como dito na citação acima) predominante na sociedade capitalista neoliberal passam por **não saber muito bem o que responder** quando alguém pergunta **o que é que tu faz?**, mas também pela utilização de linguagens diferentes, ainda na tentativa de explicar. De qualquer forma, conforme pudemos ver no discurso acima

citado, existe uma dificuldade em se fazer entender. O sentimento de ser **forçado a criar uma carreira** merece relevo na nossa discussão.

Construindo carreira a força

Outro modo de apresentar os coletivos e/ou produções é recorrer à história de vida, principalmente da vida profissional dos participantes. Nos grupos focais, algumas vezes foi verbalizado todo o percurso profissional e acadêmico antes de serem apresentadas as produções colaborativas. Parece claro, nessa observação, que as produções colaborativas ganham um sentido (também) ligado ao fazer profissional ou à realização profissional. Aliás, a profissão parece ser um elemento de diferenciação ou que dá contorno a uma singularidade.

Junto a isso, foi presente nas discussões a insatisfação com o emprego e/ou a profissão exercida no passado. É explicada no grupo como uma insatisfação com aquele tipo de trabalho que, embora possa oferecer benefícios financeiros ou uma estabilidade, não parece, a cada uma dessas pessoas que participaram da pesquisa, estar de acordo com a visão de mundo, ou os próprios desejos. Essa impressão pode ser colhida no discurso que justificava um pedido de demissão, depois de 10 anos trabalhando na mesma empresa e, em seguida, na verbalização que se refere à insatisfação de trabalhar por 12 horas diárias no que não parece ter mais sentido:

Eu queria viver, eu queria conhecer as pessoas, eu queria andar **na rua**, eu queria... Eu saía na **rua**, eu conheço todo mundo da **minha rua**, eu cumprimento todo mundo, eu vou a pé pros lugares, eu gosto, eu curto isso (M1/FG1).

Eu fui publicitária todo esse tempo, mas **nunca me identifiquei**, eu chorava muito durante esse tempo (...). **Me doía no coração** eu ter que trabalhar 12 horas por dia pra vender (...). Aquilo ali, bah! **Aquilo ali me matava um pouquinho cada dia**, sabe? (M1/GF2).

Como se emergisse a necessidade de dar conta de exigências vigentes no sistema capitalista neoliberal, as atividades se mantiveram por anos e anos na convivência com a falta de sentido. Trabalhar em empresas que oferecessem cargo, salário, benefícios e certa estabilidade parece dar lugar ao investimento em produções colaborativas, que se tornam referência de trabalho com sentido, e, conforme afirmam os discursos, embora não deem segurança financeira, geram satisfação.

Para contrapor a essas exigências, existe nos discursos a menção às amizades, ao desejo de compartilhar e de investir o tempo e a vida naquilo que tem sentido para cada um deles. Como diz Castells (1999, p. 41), “cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são”. O autor se

refere a uma “esquizofrenia estrutural entre a função e o significado” (ibid), na qual os padrões de comunicação social ficam sob tensão crescente.

Outro aspecto a ser assinalado é a presença da palavra “rua” em seus discursos. A rua, um espaço público, um lugar concreto, de contato corporal, diferenciado do espaço virtual. Mais do que isso: um lugar para chamar de “meu”, onde mostro minha cara, sou conhecido e conhecedor do Outro – um espaço de relações recíprocas onde não há como se esconder por trás de um ícone ou *nickname*. Na verdade, nos discursos parecem co-residir a prisão do espaço real-trabalho e a vitalidade do espaço real-rua. E o espaço virtual-coletivo parece surgir como um espaço heterotópico para se viver, e enquanto tal contemplando todas suas contradições, já que a heterotopia, assinala Hetherington (1997), tanto pode se constituir como um espaço de resistência quanto de controle social.

Muitas vezes, o movimento em direção a viver as produções colaborativas como lugar de trabalho, implica abrir mão de certa segurança financeira – obtida em empregos e contratos de trabalho com organizações que proporcionem salário ou remuneração mensal, como podemos ver no discurso a seguir.

Acho que, às vezes, a gente, quando a gente tem condições financeiras pela família, assim, **de pobre menina rica, sabe?** (...) Tem tanta gente que gostaria de tá **na minha situação**. Tipo, tanta gente que gostaria de ter um pai e uma mãe que ajudassem, assim, caso acontecesse alguma coisa. Eu vou aproveitar (...). Pedir ajuda não é tão ruim assim, sabe? E então, tipo, eu resolvi **fazer toda essa mudança** (M1/GF2).

Podemos compreender **toda essa mudança** como um movimento: do trabalho tradicional em uma instituição que ofereça retorno financeiro, mas não dê oportunidade para que se faça um trabalho com um significado maior, para o trabalho nas produções colaborativas:

... na casa desses amigos que a gente vai, que moram três, **a gente já conseguiu fazer dois se demitirem**. Não é o produto que gera sabe? **É o movimento que a gente tá fazendo**, o propósito do [nome da produção] não dá dinheiro, ele paga a plataforma, eu não tiro dinheiro com esse trabalho, eu tiro dinheiro com o fluxo que esse trabalho me dá, **eu vivo das oportunidades que esse fluxo tá me dando, e esse é o nosso discurso na verdade**. É mostrar que se você, pra você fazer o que você quiser, você não precisa necessariamente trabalhar numa empresa fazendo isso, você pode fazer por conta própria, e essa **constante dicotomia que a gente encontra entre liberdade e segurança**, que a gente acha que precisa ter segurança pra ter liberdade, a gente **acaba abrindo mão de muito da liberdade pra ter segurança**, e ter esse emprego de dez anos (M7/GF1).

O discurso acima nos convida a refletir sobre o movimento que parte da **demissão**, e vai ao modelo **viver das oportunidades que o fluxo dá**. Ou seja, somos modelados de acordo com a ideia de que o trabalho em si é a fonte de renda, mas, conforme verbalizado nos

grupos focais, o trabalho nas produções colaborativas oferece as oportunidades através das quais o ganho financeiro é produzido. A tentativa de fugir da ideia de ter um cargo específico em uma empresa para poder trabalhar pode ser visto como um discurso de resistência aos moldes impostos pelo capitalismo neoliberal, mas, ao mesmo tempo, o trabalho em produções colaborativas não deixa de ser parte de uma estratégia que corresponde ao mesmo modelo, uma vez que cumpre papel de vitrine para que oportunidades de trabalho aconteçam. A diferença principal entre esses dois modelos é que o emprego oferece a segurança financeira, enquanto a vitrine oferece a sensação de estar livre, de decidir que trabalho se quer fazer e de que modo – ao que nos parece, ouvindo a produção dos grupos focais, com mais autonomia.

Até agora nos aproximamos de saberes que tratam da busca pela dedicação ao que se gosta, por produzir a partir do que se é, no lugar de ter no centro da vida, ou da carreira, a formação profissional ou o cargo em uma empresa. O trabalho visto como emprego (relação empregatícia) é relacionado nos discursos a um modo de estar aprisionado em nome da estabilidade financeira que proporciona. Já o trabalho nos moldes que as produções colaborativas vêm construindo representam uma busca por liberdade. Em nome dela, a estabilidade financeira pode ser um plano destacado do trabalho em produções colaborativas, mas também pode continuar sendo um objetivo, para o qual as produções colaborativas contribuem estrategicamente, representando o palco que dá visibilidade aos coletivos e suas multiplicidades, para que estejam no fluxo que oferece oportunidades de trabalho remunerado. O espaço virtual-coletivo que caracteriza as produções colaborativas e seu devir-(ciber)ativista parece ser constituído de contradições: se constitui como espaço de resistência ao aprisionamento que a de produção conhecida e predominante no capitalismo neoliberal impõe, mas ao mesmo tempo as linhas de fuga – caracterizadas pela busca por liberdade – por vezes se constituem em estratégias que correspondem à necessidade de produção e de ganho financeiro que foi aprendido como parâmetro na construção de uma carreira. Movimentos de resistência e de acomodação à “lógica produtivista” se cruzam, convivem e se complementam nos discursos dos grupos focais. Nos termos dessa lógica,

o crescimento econômico é um objetivo racional inquestionável e, como tal, é inquestionável o critério de produtividade que mais bem serve esse objetivo. Esse critério aplica-se tanto à natureza como ao trabalho humano. A natureza produtiva é a natureza maximamente fértil num dado ciclo de produção, enquanto o trabalho produtivo é o trabalho que maximiza a geração de lucros igualmente num dado ciclo de produção. Segundo esta lógica, a não-existência é produzida sobre a forma do improdutivo que, aplicada à natureza, é esterilidade e, aplicada ao trabalho, é preguiça ou desqualificação profissional (SANTOS, 2002, p. 248).

Assim, a falta de sentido no trabalho verbalizada nos grupos focais parece estar relacionada ao aprisionamento do vínculo empregatício e/ou das exigências de produção da lógica produtivista. A busca por sentido parece ser caracterizada pela tentativa de quebrar a dicotomia (que no discurso se parece mais com uma complementaridade) entre segurança (financeira) e liberdade.

Mal-estar no trabalho: dinheiro X sentido.

No discurso sobre a falta de significado no trabalho, vem à tona o relato de que há um **vazio dentro de todo mundo**, que pede para ser preenchido com atividades, histórias, momentos, trabalho que façam **sentido de verdade**.

Existe **um vazio** dentro de todo mundo (...). A gente começa a encher de novo com **coisas mais significativas**, que pra gente faz sentido de verdade. Então, o que eu acho **que une todos esses movimentos**, os mais xiitas e os mais amorzinho, é tá fazendo uma coisa que seja **muito essência** pra aquelas pessoas (M7/GF1).

Mesmo que esteja presente a busca por atividades que façam sentido, existe uma dificuldade relacionada à divergência entre trabalhar com atividades que têm significado e estar vivendo no contexto capitalista neoliberal. Parece haver dificuldade em achar algo que faça feliz e gere dinheiro ao mesmo tempo. Porém, criam-se fugas e ramificações para esse impasse: uma delas, trabalhar sem preocupação de ganhar dinheiro (e depender financeiramente de outrem). Outra possibilidade verbalizada é procurar um modo de ter retorno financeiro com o trabalho em produções colaborativas. Outra ainda, utilizar as produções colaborativas como vitrine que gere a visibilidade necessária para que ocorram oportunidades de novas contratações ou trabalhos remunerados para profissionais autônomos. Não parecem ser contraditórias tais possibilidades:

Daí, eu fui embora de lá e aí (...) meio que caiu minha ficha de (...) que **eu nunca vou conseguir ser feliz trabalhando com uma coisa que me dê só dinheiro**. Tipo, eu preciso entender o que me dá satisfação. E aí, nisso, eu trabalhei com muitas coisas diferentes, assim... Entrava num lugar, saía do lugar, entrava e saía, e todo mundo, tipo: ‘Ah, tu nunca vai ficar? (...) Já tá em outro lugar?’ Aí eu disse: ‘Ah, eu não vou ficar, **vou achar uma coisa que me faz feliz, entendeu?**’ (M2/GF2).

Acho que sim, existe essa história ‘bom, eu quero trabalhar com algo que me realize’, só que eu acho que, em algumas situações, **esse algo que me realiza não é uma coisa comum**, assim, usual ou talvez não seja nem muito conhecida, assim, sabe? (...) **Como fazer pra ganhar dinheiro com isso? Porque as pessoas não ganham dinheiro com essas coisas?** Bom, então talvez eu me encontrasse, me realizasse num outro tipo de emprego. Bom, então pra ti fazer isso, tu tem que seguir esse caminho, que é um caminho que já tá mais ou menos definido pras pessoas que querem seguir nessa área. Bom, **o problema é que no que eu quero fazer não tem assim um caminho, porque as pessoas não ganham dinheiro fazendo isso, as pessoas fazem isso depois que se aposentam** (M5/GF2).

O desejo de não estar onde se é rotulado e a busca por atividades não institucionalizadas como profissão são frequentes no devir-(ciber)ativista. Está em constante movimento a produção de desejos relacionados a ter e não-ter reconhecimento financeiro e social relacionados à atividade laboral. Ocorreu repetidas vezes, ao longo dos dois grupos focais, a menção de que é preciso transformar os coletivos, os projetos ou as produções em negócios sustentáveis. Um desejo de se sustentar (financeiramente) por meio das produções colaborativas:

A gente ainda não sabe muito bem como vai ser, **mas a gente quer viver disso**, porque é um coletivo que faz ações pela cidade, com, para a cidade, e **não tem porque não viver de algo legal e que a gente gosta de fazer** (M5/GF1).

Primeiramente, nos parece que os pedidos de demissão relatados, assim como a escolha por trabalhar com aquilo em que se acredita – ou ainda a escolha por não trabalhar – se constituem como resposta (resistente) ao slogan “lealdade à empresa 24 horas” típico de um contexto em que os códigos de conduta das empresas são feitos para serem seguidos também fora do tempo de trabalho (SANTOS, 2010, p. 253). Parece que as possibilidades proporcionadas pelo avanço tecnológico têm facilitado processos produtivos, mas também têm contribuído para que o trabalho tome conta do tempo e de espaços prévia e supostamente destinados a outros cuidados. Embebidos desse modo de compreender o trabalho – e produzidos por ele – os coletivos demonstram se interessar pelo resgate de momentos de convívio social, de momentos prazerosos e, com isso, tentam buscar a felicidade no próprio trabalho. Ou seja, de um lado parece haver a não aderência à ideia de viver para o trabalho 24 horas por dia. Por outro, a ideia de ganhar dinheiro convivendo, sorrindo e em tarefas que fazem sentido, parece justamente estar a serviço de tornar possível a dedicação às tarefas laborais 24 horas por dia.

Assim, o desejo por unir felicidade, realização profissional, convívio social e retorno financeiro no agenciamento coletivo de produções colaborativas parece constituir também o devir-(ciber)ativista. Ainda se produz em nós a dúvida sobre o quanto o desejo por unir todos esses aspectos na realização profissional não pode ser também fruto e produção do sistema capitalista neoliberal globalizado. Se por um lado a internet propicia uma sensação de plena liberdade, facilitando que estejamos em todos os lugares e acessemos outras pessoas fazendo contatos com rapidez, ela também mantém visível o público e o privado de todos e de cada um, parecendo fazer seu papel de aprisionamento, em formas de controle que também são frutos de uma política “individualista-liberal, a qual estimula a produção de indivíduos sujeitados a uma ética liberal e desumanizadora” (ROSO, 2007, p. 81). Se antes o trabalho nos

consumia, nós agora consumimos o trabalho. *Techno*-humanos preenchidos pela sensação de liberdade.

Por um lado, é mantida intacta a visão de que devemos trabalhar por todo o tempo que tivermos e, por outro, emerge nos discursos uma tentativa de fazer diferente, de romper com uma lógica individualista, própria da cosmovisão capitalista neoliberal e inventar outro(s) modo(s) de se produzir na sociedade contemporânea. A parte do trabalho que os discursos parecem não aderir é aquela que obriga a fazer o que não se quer, que torna a vida mecânica, em troca de ganho financeiro:

Era minha primeira experiência profissional real, assim de... tipo de tá, **tenho carteira assinada, tenho salário...** Acho que o que eu ganhava na época, era variável, mas tinha mês que eu ganhava mais do que eu ganho hoje, tipo 6 anos depois! **Eu ganhava super bem**, assim. **E era um stress horrível!** Tipo, eu acordava todos os dias à meia noite, hã... meia noite não, duas da manhã, eu acordava, ligava a tv pra ver como tava o mercado da China. Se tava ruim, eu não dormia mais, e daí foi assim um ano, **e eu me demiti** (M2/GF2).

Se o ganho financeiro não compensa o **stress horrível** sobre o qual se fala no discurso, o que interessa para que um trabalho valha a pena parece ser o aprendizado, os sentimentos de pertencimento, de estar em coletivo, de participar. A ponto de o dinheiro parecer perder a importância, embora continue sendo sempre mencionado:

O mais marcante de tudo é que nós aprendemos muito, **eu acho que a gente ganha muito com isso**, assim. E por isso que **a gente** continua fazendo, **sem dinheiro sem nada**. **A gente aprendeu** quem foi a Anita Garibaldi, Giuseppe... **a gente aprendeu** toda história do..., sabe. Tu tem uma conexão com a cidade que, né? Não que os outros tenham, mas é que... Nossa, tu estuda aquilo, tu foi... A redenção nunca mais vai ser a mesma de noite, **pra quem participou** daquilo. Aquele cantinho **que a gente** escreveu, o Capitólio que **a gente** escreveu... Às vezes eu passo lá, olho, vejo se ele ainda tá lá. É... tem uma coisa, assim, **de pertencimento** muito legal (M4/GF1).

Aprendizagem, conexão com a cidade, a volta às ruas, o pertencimento dão significado à tarefa, que é vista como um trabalho. A verbalização **por isso a gente continua fazendo, sem dinheiro sem nada** denuncia, entretanto, o desejo de que existisse uma remuneração, o que levaria as operações e projetos colaborativos a se constituírem como trabalho remunerado. Percebe-se a ambivalência entre trabalhar com insatisfação e lutar por algo que tenha sentido.

Outra fuga possível do modelo de produção que gera insatisfação parece ser o trabalho em uma empresa tradicional, mas com uma forma diferente de se colocar nela:

Meu trabalho lá não foi... Eu **fui fazer amigos** (...). Eu só pude chegar lá, essa oportunidade só aconteceu comigo, quando eu parei de me definir como publicitário ou marqueteiro, ou designer ou profissional disso, profissional daquilo. Eu **sou uma**

peessoa aberta ao fluxo, o que vier eu filtro, o que tá alinhado a mim eu vou, o que não tiver alinhado eu não vou, é muito mais fácil, a gente trabalha mais fácil, tudo faz mais sentido pra gente (M7/GF1).

Procurar o trabalho com o intuito de fazer amizades é um aspecto desse discurso que estabelece uma importante diferença em relação ao modo como vinha sendo tratado o trabalho (visto como tarefas, ações, labor). Outro aspecto a ser assinalado é a fuga de rótulos ou definições que estabeleçam um papel específico no trabalho. Ser **uma pessoa aberta ao fluxo** parece estar relacionado a não deixar que se pré-estabeleça o papel que condiciona todo o trabalho – como se fosse a identidade de publicitário, marqueteiro, designer – mas colocar-se aberto para se produzir junto ao trabalho, às pessoas, ao mundo.

Castells (1999,) afirma a preeminência da identidade como princípio organizacional das sociedades informacionais e parece ser justamente em relação a esse aspecto que os discursos protestam. O termo identidade certamente não é o mais adequado para ser articulado nessa análise, uma vez que, como já enunciado acima, compartilhamos nesse artigo da noção de que se produzem identidades fluidas, mutáveis, descentradas: subjetividades que, ao invés de serem entendidas como ser, são modos de ser. No entanto, lançamos mão desse ponto de vista de Castells (1999) para confirmar, junto aos discursos, os movimentos de resistência em relação à ideia de ser uma identidade, seja ela um princípio organizacional, como se refere o autor, ou como uma função social.

A gente **não sabe como se rotular**, seja pra quem tá fora disso, seja pra quem tá dentro disso. É uma crise de identidade generalizada, assim. Não sei, é a impressão que eu tenho (M4/GF2).

Esses discursos parecem nos mostrar que não há uma lei única ou um conceito unificador, mas a multiplicidade constituinte da subjetividade. A verbalização **Sou uma pessoa aberta ao fluxo**, na verbalização citada anteriormente, parece ser uma proposta, uma alternativa diante da negação da ideia de identidade (de marqueteiro, de publicitário, de designer, de profissional); uma busca por não tê-la. Fora da lógica identitária, a diferença não é entendida como aquilo que deve ser suplantado ou conceituado, “a diferença torna-se condição de alegria, de um sentido acentuado de prazer, de aceleração e intensificação do jogo de forças, traços que constituem o que poderíamos chamar de versão nietzscheana do gozo” (PEIXOTO JUNIOR, 2008, p. 95).

Junto ao rechaço à exigência de dar-se um nome ou categorizar-se, a profissão e a formação acadêmica, quando informadas na apresentação, parecem privar as subjetividades da possibilidade de agir e/ou produzir fora das delimitações que especificam aquela atividade

e respectiva carreira. A atividade profissional, ou a graduação cursada são vistas, então, como um rótulo que delimita o campo de atuação das atividades e produções.

Mesmo assim, de forma aparentemente contraditória, nas primeiras linhas de cada fala se produz o relato de uma história acadêmica e da formação profissional. Talvez o discurso que critica o rótulo represente uma tentativa de descolamento daquilo que um dia teve significado e é utilizado a todo tempo na vivência em sociedade (o conhecido e esperado modo como todos se apresentam, informando a profissão). De qualquer forma, para além da contradição, vemos nesses movimentos – de rechaçar um tipo de trabalho e procurar outro(s) em que tenha sentido estar – a busca por reconhecer o que se deseja, se faz, se gosta. Assim, a tentativa de não se rotular/ser rotulado pode significar uma forma de negar a posição de função no sistema social.

A resistência ao lugar de função e a Inteligência Coletiva

A sociedade vista como sistema é concebida como uma máquina e “tudo que existe nela tem sua função” (GUARESCHI, 2008, p. 36). A sociedade designada como modo de produção, por outro lado, implica o pressuposto de que para que uma sociedade possa existir e se estruturar, deve fazê-lo sustentada pela sua produção. Falar na sociedade como “Modo de Produção” significa conceber que “as formações sociais se estruturam (nascem, crescem, se desenvolvem) a partir da maneira como se conseguem as coisas para viver” (GUARESCHI, 2008, p. 37). Significa também que a formação social pressupõe uma conotação histórica, que nos leva a buscar a origem da situação atual, assim como nos faz conceber que as sociedades podem mudar.

O esclarecimento acerca desses dois pontos de vista sobre a sociedade parece trazer luz à nossa reflexão a respeito do interesse por não definir o trabalho a partir da profissão ou do papel profissional. Parece se tratar de uma não aceitação da ideia de ser visto, reconhecido ou apresentado a partir da função exercida na sociedade. Talvez caracterize uma forma de resistência à concepção de que se deve ser uma peça do sistema.

Negri (2012) diz que a resistência contra novas formas de exploração à produtividade dos corpos (coletivos e singulares) está ligada a experiências populares, organizações sociais e diversos modos de associação entre pessoas. A resistência dos corpos a essa imposição “produz a subjetividade não numa condição isolada e individualista, mas num complexo dinâmico no qual se concatenam as resistências dos outros corpos” (NEGRI, 2012, p. 1). O autor defende que a política como potência da multidão é o único antídoto aos

fundamentalismos em nossos tempos, compreendendo termo “fundamentalismos” como imposição de valores transcendentais em todas as ordens.

As produções colaborativas (ciber)ativistas podem ser vistas, então, como “associações de pessoas” (NEGRI, 2012, p. 1) que buscam por resistir contra novas formas de exploração à produtividade. O exercício da resistência constitui “culturas de resistência” (MOURA et al., 2011, p. 667), que se constituem em um constante movimento de autoafirmação, mas também levam à demarcação de um modo de resistir que imprime regras, formatos e jeitos de se organizar e de fazer resistência aos coletivos. Nesse sentido, se pode pensar que o movimento de fuga da imposição de vestir rótulos e ser delineado previamente, convive com processos de consolidação – quase inevitáveis – de um modo de se organizar em coletivo que tem suas regras específicas e pode ser que delineie previamente os modos como se deve agir em rede(s), nos coletivos e no trabalho. Isto é, o devir-(ciber)ativista parece ser demarcado por modos de agir, por regras e especificações, assim como também os demarca.

Compreendemos, a partir dos discursos produzidos nos grupos focais, que o que está delineado previamente não é o rótulo de ciberativismo ou regras impostas verticalmente, mas é um jeito de se organizar e de fazer resistência, tanto para não aderir quanto para inventar, se considerarmos os dois sentidos que Kastrup (2008) atribuiu à resistência. Resistência como um modo de se colocar no mundo, mas também um modo de estar em relação. O modo de não aderir e de inventar constituintes do devir (ciber)-ativista produz similaridades entre as produções dos diversos coletivos presentes nos grupos focais. Nos discursos, foi recorrente a busca por encontrar, entre eles, elementos em comum na visão de mundo e nas propostas.

O que é que une todo mundo? É porque eu acho que todo mundo aqui, em algum momento teve um momento, de transição, em que teve um click e viu que o que tava fazendo não fazia sentido. E precisava **viver de acordo com o que acreditava, viver de acordo com um propósito**. Então, todo mundo faz de acordo com o seu propósito, e se você começar a perguntar qual é o propósito de cada um, pode ser super diferente. Mas se você parar pra **entender a raiz do propósito** ou o propósito de cada um, **é respeitar a proposta do próximo, que a mudança vai acontecer...** (M7/GF1).

Esses dias eu consegui dizer qual era a minha missão, e eu falei isso que tu falou com as minhas palavras... que são as palavras que a [nome de uma participante] falou (...), que são as palavras que eu tenho certeza que quando eu perguntar pra todos [...] (M6/GF1).

É a **inteligência coletiva, o nosso inconsciente já tá muito certo que a gente vai mudar o mundo desse jeito**, principalmente quando a gente conseguir **convencer** um por um que se a gente viver do que a gente acredita não tem mais problema. Vai dar tudo certo (M7/GF1).

Resistir ao lugar de função no sistema produtivo e ao modelo mecânico de trabalho sem sentido significa, então, caminhar em direção à fidelidade, a um propósito que, independente de qual for, parte da premissa de que se respeita a proposta dos outros, e de outros propósitos. Daí é que nasceria uma mudança, desejada pelos coletivos. O uso do termo inteligência coletiva se dá para explicar a conexão entre os agenciamentos coletivos e leva à ideia de mudar o mundo.

Inteligência coletiva é compreendido como um campo de pesquisa que

está centrado no estudo da ‘potência de ação coletiva’ dos grupos e (...) toma como hipótese principal que esta potência depende fundamentalmente da capacidade de indivíduos e grupos interagirem, pondo-se em relação e, dessa forma, produzirem, trocarem e utilizarem conhecimentos (TEIXEIRA, 2005, p. 220).

Talvez possamos pensar os coletivos e as produções colaborativas (ciber)ativistas, na perspectiva da inteligência coletiva, como possíveis dispositivos de revelação/ativação da inteligência coletiva. A inteligência coletiva depende da rede, e qualquer conhecimento coletivo tem como princípio “o processamento comunicacional (conversacional) do conhecimento” (TEIXEIRA, 2006, p. 231).

Observamos os movimentos propostos nos discursos apontando para a busca por produzir coletivamente, por reconhecer semelhanças e diferenças e por criar, inventar, modos de se relacionar com o mundo e com os outros. Como afirma Teixeira (2005), temos a aprender com as redes digitais

não apenas a respeito da lógica da ação coletiva e da ‘formação de comunidades virtuais’, mas também como a utilização destas tecnologias pode contribuir para o próprio estudo das redes e dos padrões de interação coletiva (TEIXEIRA, 2005, p. 226).

Parece ser propiciado pela configuração da sociedade em rede o reforço de valores vigentes na cosmovisão individualista-neoliberal, mas também e com intensidade expressiva, a “potência de ação coletiva” (TEIXEIRA, 2005, p. 220). A inteligência coletiva, no diálogo produzido nos grupos focais, parece ser vista como propulsora de um processo de mudança do mundo. Afirma-se ali que a mudança do mundo está relacionada a **viver do que se acredita**, e esse ponto de vista está ligado a uma ideia de que transformamos o mundo mudando primeiro cada sujeito que nele vive. A mudança de cada um se refere a uma escolha por buscar o trabalho ou a atividade que tem significado para si, mesmo que não se pareça com uma profissão ou não ofereça retorno financeiro. Já o processo de **convencimento** de um por um, defendida no fim do diálogo, parece sugerir um modo de transformação do mundo em que o diálogo e a troca dão lugar à imposição da própria forma de saber.

Entretanto, também é criticada nos grupos focais a imposição de formas de saber, assim como também o uso de palavras que expressam a ideia de produção em conjunto em vão. É reconhecido, então, que a criação em conjunto traz sérios desafios, conforme o diálogo a seguir:

Quando alguém começa a falar em co-criar e começa a dizer o que tem que ser e o que não tem que ser... **acho que a maioria usa essa ideia de co do lado das palavrinhas...** (M4/GF2).

Pra bonito... Vamos fazer co-criação: a galera faz e a gente escolhe os melhores. Isso não é co-criação, entendeu? Isso é concurso cultural. Agora, co-criação não é! Então acho que... (M2/GF2).

Tão usando co-criação e (...) não tem nada a ver, sabe! (M3/GF2).

Até porque, **co-criar é uma coisa muito difícil**, é muito difícil. (...) Uma vez eu falei pra [nome de uma participante: M3/GF1] que seria muito fácil, tipo, ‘ah, pega aí o [nome] e a [M4/GF2] e diz pra eles irem lá organizar, e a gente vai fazendo o que eles querem e tal... Tipo, vai sair mais rápido. **Não, a gente não quer que saia rápido**. Tipo, vamos vê o que acontece, sabe? E é verdade, assim... e é uma coisa que obviamente tu vive, **e primeiro tu é criado voltado pra produtividade**, que é: **tu tem que produzir rápido, tipo quanto mais rápido sair melhor**. E isso de certo e errado, de ter o que é e o que não é. Ah, minha redação tá super errada. Corrige pra mim... Só que (...) agora, onde eu vou me incomoda isso, (...). Tipo, é muito difícil, porque antes eu tinha essa dificuldade lá que é... era de, tipo: vamos co-criar. E agora eu tenho muita dificuldade quando eu chego num lugar e fica uma pessoa: ‘ai, então, agora amanhã tu vai fazer não sei o que, e aí depois tu vai isso e aí a gente vai fazer aquilo... Porque vocês têm que entender que é assim que as coisas têm que ser’. Tipo, não entendeu? Bah, e me incomoda, sabe? (M2/GF2).

O ponto de vista apresentado no diálogo acima já se constitui como uma crítica formulada a respeito de palavras convenientemente usadas no mundo contemporâneo, mas que raramente são aplicadas em coerência com a prática. Reconhece-se que a co-criação e os processos de trabalho em grupo dificilmente são solicitados ou propostos com o intuito de compartilhar conhecimento e fazer em conjunto. Acabam sendo lembrados e requisitados junto às exigências de velocidade de produção e ao autoritarismo dos sistemas hierárquicos das organizações. Podemos presumir com essa crítica que, em devir-(ciber)ativista, a horizontalidade e os processos de aprendizagem e de produção em grupo são termos aplicados, em geral, a serviço de um propósito diferente daquele que é frequentemente aplicado na “lógica produtivista” (SANTOS, 2002, p. 248). Trabalhar em conjunto parece ser um dos pontos centrais que dá significado às atividades e produções colaborativas. A busca por compartilhar e até co-criar produz também o devir (ciber)-ativista e caracteriza os modos como as produções colaborativas resistem aos rótulos e ao lugar de função na sociedade.

Vontade de transformação e o ativismo de sofá.

Procuramos visualizar algumas linhas que desenham possíveis delineamentos da transformação social desejada no devir-(ciber)ativista. A sensação de que a vida é muito curta parece estar bastante atrelada à vontade de transformar a realidade das cidades e/ou da vida das pessoas. **A vida é um sopro** é uma expressão que parece marcar um sentimento muito vivido e verbalizado em tempos de sociedade em rede, mas que na produção de desejos e subjetividades (ciber)ativistas dá um tom de urgência à demanda de transformar o mundo e a vida das pessoas:

A vida é um sopro (M4/GF2).

A vida é muito curta, eu acho muito curta. Cem anos pra mim não é nada, sabe? Tem muita coisa pra fazer, e... então, eu acabei me envolvendo com esses outros projetos e... Quero no fundo, no fundo, **ajudar a transformar a vida das pessoas [...], a cidade num lugar melhor, e a vida das pessoas em algo melhor, né?** Porque se não... Sei lá, pra mim, se não for isso não faz sentido, mesmo. Eu acho que a colaboração vem daí, de juntar a galera que tá nessa mesma pilha. E o legal de ver que **Porto Alegre tá com muitas, muitas, muitas iniciativas legais nesse sentido**, sabe? (M1/GF2).

O que dá sentido não somente ao trabalho, mas à vida, conforme é especificado nessa verbalização, é ajudar a transformar: a cidade e a vida das pessoas. Esse parece ser um modo de lidar com a urgência de viver a vida, que passa rápido, num sopro. A colaboração ganha sentido na ideia de juntar os coletivos, as multiplicidades, que compartilham do mesmo desejo de transformar (do modo como podemos entender a expressão **estar na mesma pilha**). Aí o desenvolvimento tecnológico e a configuração da sociedade em rede parecem propiciar produções voltadas à colaboração.

Por outro lado, seus discursos reificam a aceleração do espaço-tempo, discutida por David Harvey e por Boaventura de Souza Santos. Se parece haver uma vida sem sujeito também parece existir uma vida sem tempo, ou um tempo tão efêmero de tão curto! Essa aceleração (ou compressão) pode ter efeitos benéficos, mas também pode ter efeito contrário à colaboração. Cem anos podem ser nada se conseguir “**juntar a galera que tá nessa mesma pilha**” ou podem virar cem anos de solidão. A experiência do tempo na contemporaneidade

desconhece qualquer sentido de continuidade e se esgota num presente vivido como instante fugaz. Essa situação, longe de suscitar uma interrogação sobre o presente e o porvir, leva ao abandono de qualquer laço com o possível e ao elogio da contingência e de sua incerteza essencial. (...). Há uma adesão à descontinuidade e à contingência bruta, pois ao perdermos a diferenciação temporal, não só perdemos a profundidade do passado, mas também perdemos a profundidade do futuro como possibilidade inscrita na ação humana enquanto poder para determinar o indeterminado e para ultrapassar situações dadas, compreendendo e transformando o sentido delas (CHAUÍ, s.d).

É importante assinalar que a menção de que **Porto Alegre está com muitas iniciativas legais nesse sentido** também é feita no meio científico. Sandra Jovchelovitch (2002) se refere à cidade de Porto Alegre e ao estado do RS como “centros de referência para investigadores do mundo inteiro que se preocupam com questões relacionadas à democracia, à participação e às possibilidades de sociedades ditas periféricas reafirmarem sua capacidade interna de resolução de problemas” (JOVCHELOVITCH, 2012, pp. 44-45). A autora afirma que a experiência gaúcha – presente em atividades científicas internacionais, no banco de dados da UNESCO (a experiência do orçamento participativo se encontra no banco de dados *Best Practices* da UNESCO) e na realização do Fórum Social Mundial – se abre para o mundo, informa e se torna referência para contextos distantes do seu. Relacionando esse ponto de vista aos discursos produzidos nos grupos focais e à observação que temos feito, principalmente no ciberespaço, sobre o surgimento de coletivos que buscam a transformação social, podemos afirmar que Porto Alegre tem sido um dos polos do Brasil onde mais se fomenta a mobilização agenciada coletivamente, como aqui constatamos, e em rede:

A rede tá aumentando, e eu percebi no Rio que eles **olham pra Porto Alegre como um lugar que é o epicentro disso** aí, sabe? ‘Ah, vocês são muito agilizados lá no sul...’ (M5/GF1).

E aqui (Porto Alegre) já existe a convergência, e isso é o mais louco... [...] é que **Porto Alegre** tem uma coisa que não tem em lugar nenhum: aqui **vocês já fizeram a fase um, já conectaram as redes**. As redes já tão conectadas então quando vocês fazem um evento com a rede de vocês, que vocês alcançam 200 pessoas, a rede periférica de vocês alcança 2000 (M7/GF1).

O reconhecimento de que Porto Alegre é referência por conseguir mobilizar um grande número de pessoas nas ações promovidas pelos coletivos (ciber)ativistas é atrelado, nos discursos dos grupos focais, à articulação em rede. Ela se dá principalmente por meio do (ciber)espaço e, ao que parece, não poderia acontecer sem ele:

... **por que que é um ciberativismo, né?** Será que a gente conseguiria **conectar** todas as pessoas, **se a gente vivesse nos anos 90?** [...] (M4/GF1).

Ele é ferramental. Ele é uma ferramenta, ponto. Ele é exatamente o oposto do que se fala tanto: o **Facebook**, depende é o uso que tu faz. Pra gente ele **é fundamental!** (M7/GF1).

[...] E o **ativismo de sofá**, que também tem muita gente reclamando: vocês não vão mudar o mundo, tá ligado? Mas, tá, vamo! É muito importante o ativismo de sofá! **Um like pode mudar uma coisa, né?** É a questão do apoio a projetos, o apoio a essas iniciativas que às vezes a [nome da produção], sem o ciberativismo não seria nada, entendeu? [...] **É a ferramenta que a gente tem hoje pra trazer mais gente pra esse lugar que a gente tá** (M5/GF1).

A gente precisa fazer uma **distinção**, assim... é justamente esse, esse ... do **ciberativismo e do ativismo digital** [...]. A diferença entre a gente movimentar a

rede pra realizar coisas e a gente suprir essa nossa culpa, dando *like* em uma causa. Eu realmente acredito que isso gera muito impacto. Que se, de fato, você fizer alguma coisa, **tá aí a minha parte**, tô dando um *like* (M7/GF1).

O ativismo de sofá se refere ao ativismo praticado por meio de ferramentas digitais, e é chamado assim por ser comparado ao ativismo praticado em passeatas, mobilizações nas ruas, greves, reuniões presenciais. Falar nesses termos pode parecer um modo de criticar o (ciber)ativismo, mas não é com essa conotação que a expressão é aplicada nos discursos produzidos nos agenciamentos coletivos. As mobilizações por meio de ferramentas digitais permitem o acesso a um número alto de outros coletivos, a pulverização das informações e, com isso, algum tipo de repercussão. De fato, as mobilizações propostas pelos (ciber)ativistas acabam rapidamente entrando em processos de midiaticização, e uma vez disparadas na rede virtual, muitas vezes são levadas a outras mídias, como jornais impressos, televisão – conforme podemos também constatar na compilação de materiais de divulgação e notícias no site de achados <<http://sociedadeemrede.com>>. **Um *like* pode mudar muita coisa** é uma frase que ilustra de que forma o ciberativismo, ou ativismo de sofá, pode repercutir em mudanças na sociedade. *Dar um like* (que significa clicar em ‘curtir’ no Facebook, para alguma informação e/ou link postado por outra pessoa ou o próprio autor do post) é visto como uma forma de apoio aos projetos propostos pelos coletivos, assim como talvez possa ser interpretada a assinatura em abaixo-assinados, por exemplo. Assim, ao que parece, um projeto divulgado na plataforma do *Facebook*, que é agraciado com um elevado número de *likes*, é interpretado, no (ciber)ativismo, como uma ação apoiada, de sucesso, com possibilidades de repercutir em mudanças na sociedade ou na visão de mundo das pessoas.

Por outro lado, encontramos nos discursos (ciber)ativistas uma diferenciação entre **movimentar a rede para fazer coisas e suprir a culpa dando um *like* em uma causa**. Esse discurso pede uma reflexão sobre o caráter compensatório que as invenções podem ter para os coletivos. Ou seja, somos atentadas para o fato de que as produções colaborativas e o próprio devir-ativista é marcado pelo sentimento de culpa, que é compensado no desejo de lutar por um mundo melhor para todos. A atitude de clicar no *like* (como proporciona o *Facebook*), estaria a serviço da culpa por não fazer mais: por não produzir também propostas colaborativas, por não lutar, com as próprias mãos, pela transformação social.

A sensação de que a vida passa rápido, verbalizada na frase **a vida é um sopro**, parece potencializar o desejo pro transformar as cidades, a vida das pessoas, o mundo. Com as facilidades proporcionadas pelas tecnologias digitais, o sentimento de urgência parece ganhar um lugar no mundo virtual, cheio de soluções para nossas urgências e possibilidades de

conexões. Assim, o ativismo junto ao ciber produz propostas de transformação por meio das redes, que a internet contribui para que se formem, e é caracterizado pela pressa em fazer, enquanto há vida soprando, emanando devir. Além da resistência às exigências que compõem modos de trabalhar e produzir predominantes na sociedade atual, outros aspectos também marcaram o discurso colhido nos grupos focais, e a eles daremos atenção em outros artigos que virão. As causas pelas quais as produções colaborativas se propõem a lutar podem ser muitas, mas parecem ser demarcadas, conforme podemos identificar nas reflexões expostas aqui, por uma vontade de transformar a sociedade, de compartilhar uma visão de mundo esperançosa e de fugir da sensação de aprisionamento que alguns modos de trabalhar e de produzir proporcionam.

Considerações finais

Buscando refletir sobre os saberes que compõem e produzem o devir-(ciber)ativista nas produções colaborativas, exploramos aspectos que caracterizam a busca por transformação social e os sentidos atribuídos às formas de produzir – incluindo os significados dados para as produções colaborativas. Poderíamos ter explorado mais aspectos, assim como reconhecemos necessária a problematização de conceitos como cidadania, democracia, e também mais discussões que permitam pensar como se caracteriza(m) a(s) transformação(ões) social(is) almejada(s) nos discursos. Concluimos aqui com o desejo de desenvolver esses temas posteriormente. As reflexões produzidas até agora nos levam a reconhecer que o devir-(ciber)ativista é caracterizado por um significativo descontentamento em relação ao modo de produzir e trabalhar sustentado no modelo capitalista neoliberal ou à “lógica produtivista” que Santos (2002, p. 248) especifica como uma das lógicas de produção da não existência. A resistência a essa lógica parece construir o berço para invenções colaborativas, para produções que valorizem o espaço real das ruas, a produção em conjunto em diversos tipos de trabalho, e a coletividade proporcionada pelo espaço virtual.

O desejo de transformação social é relacionado ao investimento de vida em ações, trabalho, produções que façam sentido. Tal sentido é relacionado nos discursos a fazer o que se gosta, mas também à aprendizagem que a produção proporciona, à participação junto a um coletivo e ao sentimento de pertencer ao grupo de amigos, à cidade, à invenção. O devir-(ciber)ativista parece assim, querer transformar o modo como se trabalha e se produz em sociedade e procura fazer de suas produções colaborativas um instrumento dessa transformação.

Para contrapor a “lógica de produtividade”, Boaventura de Sousa Santos propõe na sociologia das ausências a “ecologia da produtividade”, que “consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares, das cooperativas operárias, das empresas autogeridas, da economia solidária, etc., que a ortodoxia produtivista capitalista ocultou ou descredibilizou” (SANTOS, 2002, p. 253). As produções colaborativas parecem oferecer uma proposta com similaridades e diferenças, aparentemente com o mesmo intuito da “ecologia da produtividade” de resistir à “lógica da produtividade.” Nossa impressão é de que os coletivos e suas produções colaborativas se inventam como uma forma de produção alternativa àquelas impostas pela lógica de produtividade, mas não deixam de ser um modelo de resposta às exigências dessa mesma lógica, uma vez que transformam um trabalho com sentido e coletividade, em um modo de conviver com a ideia de viver para produzir.

De qualquer forma, a busca por sentido, aprendizagem, participação coletiva e pertencimento constitui também o desejo de transformação social presente no, e produtor do, devir-(ciber)ativista. As produções colaborativas, com isso, podem se tornar potentes instrumentos que propiciem a reflexão sobre o modo como trabalhamos, produzimos, e pensamos sobre a vida que queremos viver, em que cidade, e como nos vemos (des)conectados do espaço real trabalho, do espaço real rua e do espaço virtual coletivo. Tal reflexão pode contribuir para a produção de subjetividades mais críticas. A dialética com as produções colaborativas e seu devir-(ciber)ativista parece contribuir, então, para que nos encorajemos a pensar sobre o que muitas vezes parece inquestionável. Talvez elas propiciem o despertar do desejo de caminhar: do lugar de aceitação e adaptação às circunstâncias, em direção ao questionamento e à busca de transformação do próprio contexto.

Referências

ANTOUN, H., & MALINI, F. *Ontologia da liberdade na rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimento*. Revista FAMECOS (Impresso), 17, 286–294, 2010.

ARAÚJO, W. F. *Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil*. V Simpósio Nacional ABCiber, 1–15, 2011. Disponível em <<http://simposio2011.abciber.org/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%207/10.E7/193-300-1-RV.pdf>>

BACHELARD, G. *A Formação do Espírito Científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro, Con-traponto, 1996.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS Sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos*. Diário Oficial da União, 10 de outubro de 1996.

BRITO, Maria dos Remédios de. *Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de Subjetividade Desterritorializada*. Alegrar, nº09 - jun/2012 - ISSN 18085148 www.alegrar.com.br.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - O Poder da Identidade*. Vol. 2. 5ª ed.,. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

_____. *O poder da identidade*. Tradução de Alexandra Lemos e Rita Espanha. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CHAUÍ, M. (s.d). *Intelectual engajado: uma figura em extinção? As minhas escolhas*. Site de Boaventura de Souza Santos. Disponível em http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual_engajado.pdf Acesso em 22 março 2013.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso*. Modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

DELEUZE, G. *Conversações*. p. 171. Editora 34. Rio de Janeiro, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4* / tradução de Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 54, 1997. 176 p. (Coleção TRANS).

_____. *O Anti-Édipo Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Ed. Assírio & Alvim. Lisboa, 2004.

_____. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão, 2006.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p. Disponível em: <http://sal.uniriotec.br/livros/DELEUZE,%20Gilles%3B%20PARNET,%20Claire.%20Dia%CC%81logos.pdf> Acesso em: 15 de janeiro de 2013.

GUARESCHI, P. A. *Sociologia Crítica: alternativas de mudança*. 61ª Ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2008.

GUARESCHI, P.; BIZ, O. *Mídia e Democracia*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. – São Paulo: Ed. 34, 4ª Reimpressão, 2006. 208 p. (Coleção Trans).

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

HETHERINGTON, Kevin. *The Badlands of Modernity, Heterotopia and Social Ordering*, London, Routledge, 1997.

HUDELSON, Patricia. *Qualitative Research for health programmes*. Geneva, Switzerland: World Health Association (WHO). Division of Mental Health, 1994.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Sobre a Democracia e sobre Nós. In Guareschi, P (org.). *Uma nova comunicação é possível: mídia, ética e política*. Porto Alegre, Evangraf, 2002. pp. 44-47.

_____. *Os Contextos do Saber: Representações, comunidade e cultura*. Trad. Pedrinho Guareschi. Coleção Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KASTRUP, V. Competência ética e estratégias de resistência. In GUARESCHI, N. (Org). *Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo*. pp. 120-130. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.bvce.org%2FDownloadArquivo.asp%3FArquivo%3DGUARESCHI_Estrategias_de_invencao_do_presente_FINAL.pdf&ei=GFsqUYPGLI2y8ATo-IAo&usg=AFQjCNH4gk3m082BOZD4adIOnQuxw7WQ5w&sig2=epD-AUSMgguvJf-gKIURcQ&bvm=bv.42768644,d.eWU Acesso em: 10 de dezembro de 2012.

KATZ, Hagai. *Global surveysor multi-national surveys? On sampling for global surveys*. Thoughts for the Globalization and Social Science Data Workshop, p. 4. UCSB, November 9, 2006. Disponível em:

<http://www.global.ucsb.edu/orfaleacenter/conferences/ngoconference/Katz_for-UCSB-data-workshop.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2012.

KIND, Luciana. *Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. Prefácio Edição Brasileira: A mutação inacabada da esfera pública. In Lemos, A. *O Futuro da Internet*. Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010, pp. 9-19.

LEMOS, Andre. *O Futuro da Internet? Em Direção a Uma Ciberdemocracia Planetária*. Paulus, 2010.

LIMA, Aluísio Ferreira. *Humano 2.0? Contribuições da Psicologia Social Crítica no debate sobre a 'fabricação de indivíduos' proposta pela Engenharia Genética*. Psicologia para América Latina: Revista Eletrônica Internacional de la Unión Latinoamericana de entidades de Psicología. N.19, maio 2010. Disponível no link <http://www.psicolatina.org/19/humano.html>

MORAES, I. N. *Metodologia da pesquisa científica*. (A. C. M. Amato, Trans.). São Paulo: Roca, 2007.

MOURA E. P. G.; ZUCCHETTI, D. T.; MENEZES, M. M. *Cultura e resistência: a criação do popular e o popular como criação*. R. bras. Est. Pedag., Brasília, v. 92, n. 232, pp. 663-677, set/dez, 2011.

NASCIMENTO, M. L.; ROSA, R. *Cidadania Comunicativa Na Era Digital: O Caso Do Jornal "Voz Da Comunidade"*. 1º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. 30, 31 maio e 1º jun de 2012- Santa Maria / RS. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria.

NEGRI, A. *Entrevista de Toni Negri concedida aos jornalistas Ariel Pennisi e Adrian Cangi do jornal La Nacion, Buenos Aires, Ar. 2/11/2012*. Traduzida pelo pessoal da Vila Vud. Publicação original em português. 2012. Disponível em <<http://uninomade.net/tenda/entrevista-de-toni-negri-ao-la-nacion/>>

PEIXOTO JUNIOR, C. A. *Singularidade e Subjetivação: ensaios sobre clínica e cultura*. Rio de Janeiro: 7 letras. Ed. PUC-Rio, 2008.

ROCHA, D. *Agenciamentos Coletivos de Enunciação em O Homem Que Copiava*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 403-413, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a22.pdf>> Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

ROLNIK, Suely. *Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização*. Reelaboração de artigo publicado no caderno "Mais!" da Folha de São Paulo. São Paulo, 19/05/96. 1996. Disponível no link: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>>.

ROSO, Adriane. *Psicologia social da saúde: tornamo-nos eternamente responsáveis por aqueles que cativamos*. Aletheia, n.26, p.80-94, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a08.pdf>>.

_____. *Mulheres Latinas e Transmissão Vertical do HIV: Visão dos Profissionais da Saúde que Atendem Mulheres Soropositivas nos Estados Unidos*. Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology - 2009, Vol. 44, Num. 2, pp. 332-34.

ROSO, A.; GUARESCHI, P. A. *Megagrupos midiáticos e poder: construção de subjetividades narcisistas*. Política & Trabalho, v. 26, p. 37-54, 2007. Disponível em: <http://ufsm.academia.edu/AdrianeRoso/Papers/1005620/Megagrupos_midiaticos_e_poder_construcao_de_subjetividades_Narcisistas>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 237-280. 2002.

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, N. *Subjetividade* In M. N. Strey et al., *Psicologia social contemporânea* (pp. 167-179). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, R. R. *O desempenho de um serviço de atenção primária à saúde na perspectiva da inteligência coletiva*. Interface – comunicação, saúde, educação, v.9, n. 17, p. 219-34, mar/ago, 2005.

_____. *Inteligência Coletiva e Integração de Tecnologias de Informação e de Comunicação no Setor Saúde no Brasil*. Limoges, 12 de junho de 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais : a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo*. São Paulo: Atlas, 1987.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de analisar como as subjetividades se constroem na produção de discursos em espaços colaborativos na sociedade em rede, esse manuscrito chega ao seu final. Sobrevoamos os fenômenos que nos propusemos a estudar e pousamos em alguns nós que constituem essa rede. Observamos que uma das “ligas” que mantém a conexão entre produções colaborativas, suas causas e invenções é a proposta de transformação social e o apelo pela colaboração. Tal proposta e tal apelo parecem ser apoiados em uma contraposição ao individualismo característico do sistema neoliberal. Ao mesmo tempo, porém, as mesmas produções não deixam de ser, de certa forma, regidas pela lógica das órbitas de mercado que compõem esse mesmo sistema. Ou seja, estudando as produções colaborativas, encontramos nos agenciamentos dessas produções tanto a reprodução de valores capitalistas neoliberais, como também movimentos de fuga desse mesmo sistema.

Por não termos encontrado uma unidade transformadora (um modelo de transformação comum) nas diferentes operações e produções propostas pelos coletivos, consideramos que as operações passavam a impressão de serem agenciadas como “um-sozinho”. Entretanto, na atenção aos discursos produzidos nos grupos focais foi possível compreender de outras formas. As operações que pareciam um tanto solitárias talvez passem essa impressão por seu caráter efêmero, que gera a impressão, a quem olha, de que a cada momento pode surgir um projeto novo, com diferente proposta e, talvez, outro modo de abordar o tema da transformação social.

Nos discursos produzidos nos grupos focais foi possível identificar, inclusive, a busca dos coletivos e multiplicidades por articularem suas ações em rede, e a necessidade de comunicar semelhança entre as diferentes propostas. Portanto, não podemos dizer que há um elemento unificador das propostas de transformação social, mas ao mesmo tempo, a vontade de transformação social e a potente busca pela coletividade acabam sendo elementos unificadores dos coletivos.

Na intenção de refletir sobre como se agenciam coletivamente, reconhecemos nos coletivos e invenções colaborativas o agenciamento em rede, que parece ser produto e produtor de um modo-rede de se colocar no mundo. Essa visão de mundo é exposta junto à ideia de que a rede de agenciamentos deve se expandir, ser multiplicada. A multiplicação parece se referir não ao número de coletivos em si, mas à cooperação, como sugere Negri (2004) em seus estudos sobre multidão.

O modo, em rede, como são agenciadas as invenções colaborativas nos leva a considerá-las processos de apropriação e/ou de criação de pontos de cruzamento onde possam ser vividos processos relacionais e inventivos. Enquanto as forças sociais que administram o capitalismo produzem esquemas dominantes de percepção do mundo (GUATTARI, 2006), as transformações tecnológicas podem ser vistas pelo quanto geram a homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade, mas também podem ser consideradas, dependendo da articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação, como potencializadoras de criação, de invenção de novos universos de referência.

Os agenciamentos em rede parecem proporcionar, então, importantes processos de invenção, que nos coletivos estudados, parecem até mais presentes do que os processos de *mass-midialização*. Isso porque o modo como se constroem as relações nos coletivos e na(s) rede(s) é caracterizada pela busca por colaboração, por produzir em conjunto. Essa impressão nos leva a pensar que a articulação em rede, e no ciberespaço, pode ser potencializadora da “produção de subjetividade mais inventiva” (PEIXOTO JUNIOR, 2008, p. 202). As redes talvez representem novos espaços de liberdade, e a articulação em rede coloca em discussão os desejos por um mundo melhor. Mesmo que a busca por alternativas possa esbarrar nos mesmos valores e sentidos que são recusados (porque os processos de invenção podem, por vezes, também reforçar os mesmos valores que procura rechaçar, como vimos nas reflexões sobre resistência), ainda assim parece potente o espaço de discussão e de acolhimento que se abre nos seus nós de conexão.

Os agenciamentos em rede e a busca por transformação parecem caracterizar um modo de produzir uma visão de mundo alternativa, baseada na colaboração. O devir-(ciber)ativista, que compõe e é produzido nas produções e invenções colaborativas, é caracterizado por um significativo descontentamento em relação ao modo de produzir e trabalhar que predomina no modelo capitalista neoliberal ou, poderíamos dizer, na “lógica produtivista” (SANTOS, 2002, p. 248). A resistência a essa lógica parece construir o berço para invenções colaborativas articuladas com o intuito de valorizar o espaço real das ruas, a produção em conjunto em diversos tipos de trabalho, e a coletividade proporcionada pelo espaço virtual. O devir-(ciber)ativista parece assim, querer transformar o modo como se trabalha e se produz em sociedade e procura fazer de suas produções colaborativas um instrumento dessa transformação.

Com tudo isso, não queremos deixar a impressão que os espaços colaborativos aqui estudados são a salvação, lugares para uma utopia emancipadora. Eles são apenas vislumbres de maneiras alternativas de lutar contra uma visão de mundo preponderante, que é a

capitalista neoliberal, e justamente por que são alternativos, os espaços colaborativos podem facilmente ser engolfados e engarrafados por essa filosofia. Assim, a mesma lógica produtivista também se faz presente no cotidiano da colaboração seja no formato de mais um projeto, mais outro e outro, ou num simples ato de se inserir numa mídia de massa. Andemos com cuidado, então.

Finalizamos esse estudo acompanhadas do desejo de continuar aprofundando as reflexões sobre o tema. As impressões que predominam na finalização dessa etapa da pesquisa é de que as produções colaborativas podem se tornar potentes instrumentos para propiciar a reflexão sobre o modo como trabalhamos, produzimos, e pensamos sobre a vida que queremos viver. Talvez proporcionem “um respiro no meio do caos”, como se disse na produção dos grupos focais. Talvez elas abram espaços, ou ramificações na rede, para que seja alimentada uma postura crítica e propositiva, como a proposta pela Psicologia Social Crítica, na busca por um mundo melhor, por uma vida boa e digna para todos e para cada um. Mas isso só acontecerá se continuarmos sempre vendo o outro lado da questão...

REFERÊNCIAS

- ANTOUN, H., & MALINI, F. *Ontologia da liberdade na rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimento*. Revista FAMECOS (Impresso), 17, 286–294. 2010.
- ARAÚJO, W. F. *Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil*. V Simpósio Nacional ABCiber, 1–15, 2011. Disponível em <<http://simposio2011.abciber.org/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%207/10.E7/193-300-1-RV.pdf>>
- BACHELARD, G. *A Formação do Espírito Científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro, Con-traponto, 1996.
- BARGLOW, Raymond. *The Crisis of Self in the Age of Information: Computers, Dolphins and Dreams*. Routledge, London, 1994.
- BAUER, M., & AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M; GASKELL, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS Sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos*. Diário Oficial da União, 10 de outubro de 1996.
- BRITO, Maria dos Remédios de. *Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de Subjetividade Desterritorializada*. Alegrar, nº09 - jun/2012 - ISSN 18085148 <www.alegrar.com.br>
- CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - O Poder da Identidade*. Vol. 2. 5ª ed.,. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- _____. *O poder da identidade*. Tradução de Alexandra Lemos e Rita Espanha. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- _____. *A sociedade em rede – volume I: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 14ª reimpressão. Tradução Ronei de Venancio Majer. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CECCIM, R. B. *Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva: formação em área profissional da saúde na modalidade educação pós-graduada em serviço*. V CONGRESSO INTERNACIONAL DE SAÚDE MENTAL E DIREITOS HUMANOS E I FÓRUM SOCIAL DE SAÚDE COLETIVA. Buenos Aires: Universidad Popular de las Madres de La Plaza de Mayo, Nov. 2006.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso. Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

COUTINHO, C. P.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. Comunicação Educacional: do modelo unidireccional para a comunicação multidireccional na sociedade do conhecimento. In LEMOS MARTINS & PINTO (Orgs.) *Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho), 2008. Disponível em: <<http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/5sopcom/article/viewFile/168/164>> Acesso em: 2 de fevereiro de 2013.

DELEUZE, G. *Conversações*. p. 171. Editora 34. Rio de Janeiro, 2004.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p. Disponível em: <<http://sal.uniriotec.br/livros/DELEUZE,%20Gilles%3B%20PARNET,%20Claire.%20Dia%CC%81logos.pdf>> Acesso em: 15 de janeiro de 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo Capitalismo e Esquizofrenia I*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Ed. Assírio & Alvim. Lisboa, 2004.

_____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 2*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4 / tradução de Suely Rolnik*. - São Paulo: Ed. 34, 1997 176 p. (Coleção TRANS).

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 1*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão – 2006.

FERREIRA, Flavia Turino. *Rizoma: um método para as redes?*. Liinc em Revista, v.4, n.1, março 2008, Rio de Janeiro, 2008, p.28-40. <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/251/142>

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS FILHO, J. V. *A Evolução do Estado: da Teocracia ao Neoliberalismo. Cidadania e Justiça*, Revista da Associação dos Magistrados Brasileiros. ANO 7, N. 13 – 1º Semestre, 2004.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal na pedagogia social*. In: Proceeding of the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2006, São Paulo (SP) [online]. 2006. Acesso em 13 de fevereiro de 2013 de: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=iso> .

_____. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GONZÁLEZ REY, Luis Fernando. *As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural*. *Psicol. educ.* [online]. 2007, n.24, pp. 155-179. Link: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752007000100011&script=sci_arttext>.

_____. *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 3 Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GUARESCHI, P. *Psicologia Social Crítica como prática de libertação* (3rd ed.). Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Sociologia Crítica: alternativas de mudança*. 61^a Ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2008.

_____. Ética. In M. N. Strey et al., *Psicologia social contemporânea* (pp. 49-57). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUARESCHI, P.; BIZ, O. *Mídia e Democracia*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. – São Paulo: Ed. 34, 4^a Reimpressão, 2006. 208 p. (Coleção Trans).

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HERMANN, N. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. Disponível em:
<<http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/colecaoofilosofia/eticaeestetica.pdf>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2013.

HETHERINGTON, Kevin. *The Badlands of Modernity, Heterotopia and Social Ordering*, London, Routledge, 1997.

HUDELSON, Patricia. *Qualitative Research for health programmes*. Geneva, Switzerland: World Health Association (WHO). Division of Mental Health, 1994.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Sobre a Democracia e sobre Nós. In Guareschi, P (org.). *Uma nova comunicação é possível: mídia, ética e política*. Porto Alegre, Evangraf, 2002. pp. 44-47.

_____. *Os Contextos do Saber: Representações, comunidade e cultura*. Trad. Pedrinho Guareschi. Coleção Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KASTRUP, V. Competência ética e estratégias de resistência. In GUARESCHI, N. (Org). *Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo*. pp. 120-130. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.bvce.org%2FDownloadArquivo.asp%3FArquivo%3DGUARESCHI_Estrategias_de_invencao_do_presente_FINAL.pdf&ei=GFsqUYPGLI2y8ATo-IAo&usq=AFQjCNH4gk3m082BOZD4adIONQuxw7WQ5w&sig2=epD-AUSMgguvJf-gKIURcQ&bvm=bv.42768644,d.eWU Acesso em: 10 de dezembro de 2012.

KATZ, Hagai. *Global surveyor multi-national surveys? On sampling for global surveys. Thoughts for the Globalization and Social Science Data Workshop*, p. 4. UCSB, November 9, 2006. Disponível em:

<http://www.global.ucsb.edu/orfaleacenter/conferences/ngoconference/Katz_for-UCSB-data-workshop.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2012.

KIND, Luciana. *Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

LATOURET, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica*. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed. 34, 1991

LE GLATIN, M. *Internet: un siècle dans la culture*. Paris: Editions de l'Attribut, 2007.

LE GOFF, J. Calendário. In: *História e Memória*. 2.ed. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1992.

LEMOES, A. *O Futuro da Internet? Em Direção a Uma Ciberdemocracia Planetária*. Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. Prefácio Edição Brasileira: A mutação inacabada da esfera pública. In Lemos, A. *O Futuro da Internet. Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010, pp. 9-19.

LIMA, Aluísio Ferreira. *Humano 2.0? Contribuições da Psicologia Social Crítica no debate sobre a 'fabricação de indivíduos' proposta pela Engenharia Genética*. Psicologia para América Latina: Revista Eletrônica Internacional de la Unión Latinoamericana de entidades de Psicología. N. 19, maio 2010. Disponível no link <<http://www.psicolatina.org/19/humano.html>>.

LISPECTOR, Clarisse. *A paixão segundo G.H.* São Paulo: Sabiá, 1964.

MALINI, F. *Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. *Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade*. Revista de Psicologia da UNESP, 8, p. 110-117, 2009.

MARTINS, Tomás. *Concepção de uma Comunidade de Prática online : um estudo em torno da integração das TIC na disciplina EVT. Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro, Mestrado em Multimédia em Educação. Orientação de Doutora Maria João Loureiro. Universidade de Aveiro, Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro, 2005. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1292/1/2007001198.pdf>. Acesso em 06 de jan. 2013.*

MERLEAU-PONTY, Maurice: *O olho e o espírito* (Traduzido por Marilena de Souza Chauí). In: Merleau-Ponty. São Paulo, Abril Cultural (Col. Os Pensadores). 1984 a 1960.

MILLER, Jacques Alain. *Uma Fantasia*. Opção Lacaniana, 42, 7-18, 2005.

MORAES, I. N. *Metodologia da pesquisa científica*. (A. C. M. Amato, Trans.). São Paulo: Roca, 2007.

MOSCOVICI, Serge. *A invenção da sociedade: sociologia e psicologia*. 4. Ed. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOSSÉ, C. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Péricles, o inventor da democracia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

MOURA E. P. G.; ZUCCHETTI, D. T.; MENEZES, M. M. *Cultura e resistência: a criação do popular e o popular como criação*. R. bras. Est. Pedag., Brasília, v. 92, n. 232, pp. 663-677, set/dez, 2011.

NASCIMENTO, M. L.; ROSA, R. *Cidadania Comunicativa Na Era Digital: O Caso Do Jornal "Voz Da Comunidade"*. 1º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. 30, 31 maio e 1º jun de 2012- Santa Maria / RS. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria.

NEGRI, A. *Para uma definição ontológica da Multidão. Lugar Comum*. No 19-20, pp.15-26. Jan a junho de 2004. Disponível em <<http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/19-20/MIOLO%20DIAGRAMADO%20NUMERO%2019-20.pdf>> Acesso em 12 de dezembro de 2012.

_____. *Entrevista de Toni Negri concedida aos jornalistas Ariel Pennisi e Adrian Cangi do jornal La Nacion*, Buenos Aires, Ar. 2/11/2012. Traduzida pelo pessoal da Vila Vud. Publicação original em português. 2012. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/entrevista-de-toni-negri-ao-la-nacion/>>

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. *Singularidade e Subjetivação: ensaios sobre clínica e cultura*. Rio de Janeiro: 7 letras. Ed. PUC-Rio, 2008.

QIAN, Y. (2007). Meaningful Learning with Wikis: making a connection. In R. CRASLEN et al (Eds.) *Proceedings of the 18th International Conference of the Society for Information Technology & Teacher Education*, SITE, 2007.

ROCHA, D. *Agenciamentos Coletivos de Enunciação em O Homem Que Copiava*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 403-413, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a22.pdf>> Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação liberdade, 1989.

_____. *Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização*. Reelaboração de artigo publicado no caderno “Mais!” da Folha de São Paulo. São Paulo, 19/05/96. 1996. Disponível no link <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>

ROSO, Adriane. *Grupos focais em Psicologia Social: da teoria à prática*. Psico, 28(2), pp. 155–169. 1997.

_____. *Psicologia social da saúde: tornamo-nos eternamente responsáveis por aqueles que cativamos*. Aletheia, n.26, p.80-94, jul./dez. 2007. De: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a08.pdf>

_____. *Mulheres Latinas e Transmissão Vertical do HIV: Visão dos Profissionais da Saúde que Atendem Mulheres Soropositivas nos Estados Unidos*. Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology - 2009, Vol. 44, Num. 2, pp. 332-34.

ROSO, A. ; GUARESCHI, P. A. *Megagrupos midiáticos e poder: construção de subjetividades narcisistas*. Política & Trabalho, v. 26, p. 37-54, 2007. Disponível em: <http://ufsm.academia.edu/AdrianeRoso/Papers/1005620/Megagrupos_midiaticos_e_poder_construcao_de_subjetividades_Narcisistas>.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003

_____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 237-280. 2002.

_____. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Bontempo, 2007.

_____. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 7 Ed – São Paulo: Cortez, 2009

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHWARTZ, L.; CLARK, S.; COSSARIN, M. & RUDOLPH, J. (2004). *Educational Wikis: features and selection criteria*. The International Journal of Research in Open and Distance Learning, Vol 5 (1). 2004. Disponível em: <<http://www.irrodl.org/index/irrodl/article/view/163/244>> Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

SILVA, N. *Subjetividade* In M. N. Strey et al., *Psicologia social contemporânea* (pp. 167-179). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, R. R. *O desempenho de um serviço de atenção primária à saúde na perspectiva da inteligência coletiva*. Interface – comunicação, saúde, educação, v.9, n. 17, p. 219-34, mar/ago, 2005.

_____. *Inteligência Coletiva e Integração de Tecnologias de Informação e de Comunicação no Setor Saúde no Brasil*. Limoges, 12 de junho de 2006.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TONKE, E. *Making the case for a Wiki*. Ariadne, 42 (online journal). 2005. Disponível em www.ariadne.ac.uk/issue42/tonkin Acesso em 3 de fevereiro de 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo*. São Paulo: Atlas, 1987.

VARELA, F. *Sobre a competência ética*. Lisboa: Edições 70, 1995.

VERONESE, Marília. *Consumo, produção cotidiana da vida e solidariedade: as ausências e presença*. In: VERONESE, M.; GUARESCHI, P. (orgs). *Psicologia Social: Psicologia do Cotidiano*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. p. 41-60.

WENGER, Etienne. (1998). *Communities of Practice: Learning as a Social System*. Obtido em 18 de fevereiro de 2013, de Página pessoal de Wenger: http://www.ewenger.com/pub/pub_systems_thinker_wrd.doc

ANEXOS

Anexo A – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: (Ciber)ativismo, Produção Colaborativa e Construção de Subjetividades na Sociedade em Rede

Pesquisador: Adriane Rubio Roso

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 03336512.4.0000.5346

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 138.302

Data da Relatoria: 05/11/2012

Apresentação do Projeto:

Este projeto nasce da curiosidade acerca de como as subjetividades se configuram, e/ou se constroem, na produção de discursos em espaços sociais colaborativos na internet. Com isso, se propõe a identificar os diferentes sentidos para os conceitos de cidadania e democracia nas produções colaborativas em rede; investigar que espaços são constituídos a partir dos discursos produzidos na cibercultura; e questionar se as produções colaborativas no ciberespaço produzem (ciber)ativismo. Para isso, serão propostos grupos focais e posterior análise com base na proposta teórico-metodológica da Análise de Discurso da escola francesa que, em sintonia com a perspectiva da Psicologia Social Crítica da Saúde, é uma teoria crítica que trabalha com os processos e com as condições de produção da linguagem, reconhecendo que a língua não é somente um instrumento de comunicação, mas um trabalho humano construído histórica e socialmente.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar como as subjetividades se constroem e se configuram na produção de discursos em espaços sociais colaborativos na internet.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não estão previstos danos físicos ou psicológicos às pessoas que colaborarem com o estudo, uma vez que não serão adotados procedimentos invasivos. Porém, se algum participante se sentir desconfortável com alguma questão ele pode optar por não responder ou encerrar a entrevista na

Endereço: Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 7º andar

Bairro: Cidade Universitária - Camobi **CEP:** 97.105-900

UF: RS **Município:** SANTA MARIA

Telefone: 5532-2093 **Fax:** 5532-2080

E-mail: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



hora em que desejar Não estão previstos benefícios diretos ao participante que decidir participar, no entanto, benefícios indiretos consistem na contribuição dos participantes à construção do conhecimento, assim como a troca de ideias com outros participantes sobre o tema em foco.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante, com método e objetivos adequados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

os termos estão adequados

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

aprovar o projeto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SANTA MARIA, 05 de Novembro de 2012

Assinador por:

Félix Alexandre Antunes Soares
(Coordenador)

Endereço: Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 7º andar

Bairro: Cidade Universitária - Camobi **CEP:** 97.105-900

UF: RS **Município:** SANTA MARIA

Telefone: 5532-2093 **Fax:** 5532-2080

E-mail: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Área de Concentração: Psicologia da Saúde**

Apêndice A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada (Ciber)ativismo, Produção Colaborativa e Construção de Subjetividades na Sociedade em Rede . A pesquisa é realizada pela pesquisadora Fernanda Goulart Martins, orientada pela Prof^ª Dr^ª Adriane Roso, docente do Programa de Pós-graduação Mestrado em Psicologia, do Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Para participar, é necessário que você leia este documento com atenção. Você pode solicitar aos pesquisadores para explicar qualquer palavra ou procedimento que não tenha entendido claramente. O propósito deste documento é dar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão para participar no estudo. O documento descreve o objetivo, procedimentos, benefícios e eventuais riscos ou desconfortos caso queira participar. Você só deve participar do estudo se você quiser. Você pode solicitar que a entrevista não seja gravada, bem como se recusar a participar ou se retirar deste estudo a qualquer momento.

Objetivo do Estudo:

Analisar como se constroem e se configuram as subjetividades na produção de discursos em espaços sociais colaborativos na internet.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de um grupo focal que buscará identificar os diferentes sentidos para os conceitos de

cidadania e democracia nas produções colaborativas em rede; investigar que espaços são constituídos a partir dos discursos produzidos na cibercultura; e questionar se as produções colaborativas no ciberespaço produzem (ciber)ativismo.

Benefícios: Não estão previstos benefícios diretos a quem decidir participar. Mas, ao fazer parte da pesquisa, você estará auxiliando a compreender a construção e a configuração de subjetividades na sociedade em rede, uma vez que estará implicado na construção de conhecimentos acerca do (ciber)ativismo e da produção colaborativa na (ciber)espaço.

Riscos: Como não vamos testar, nem experimentar nenhum procedimento novo, poucos poderão ser os riscos para os participantes. Contudo, se durante o grupo focal você se sentir desconfortável poderemos interromper sua participação sem que isso lhe acarrete prejuízo algum. Caso sejam identificados situações de desconforto psicológico, os pesquisadores avaliarão a situação e, se houver necessidade, encaminharão o participante a um serviço de atendimento psicológico.

Sigilo: As informações fornecidas serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Em todos esses registros, um nome fictício substituirá seu nome. As informações coletadas serão usadas para os fins deste estudo. Elas serão divulgadas em publicações científicas sobre o assunto pesquisado. Porém, sua identidade não será revelada em qualquer circunstância. Os pesquisadores desta investigação se comprometem a seguir o que consta na Resolução nº. 196/96 que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Se houver, no momento da pesquisa, alguma situação que lhe cause angústia, a equipe de pesquisadores irá lhe encaminhar para o atendimento que se fizer necessário. A entrevista será gravada para que a pesquisadora possa prestar mais atenção no que foi dito, e depois somente a pesquisadora e sua responsável poderão ouvir e fazer a transcrição do que foi gravado.

Para efetivar este Termo, solicita-se o preenchimento e a assinatura, neste documento, conforme exigências legais para pesquisas com seres humanos.

Pesquisadora Responsável:	Profª Drª Adriane Roso
Instituição/Departamento:	Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de Psicologia
Telefone para contato:	(55) 32209231